

MAURÍCIO RUBENS DE CARVALHO GUILHERME

**LEXICALIZAÇÃO-DEGRAMATICALIZAÇÃO DO PLURAL NO
PORTUGUÊS FALADO EM BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2021

MAURÍCIO RUBENS DE CARVALHO GUILHERME

**LEXICALIZAÇÃO-DEGRAMATICALIZAÇÃO DO PLURAL NO
PORTUGUÊS FALADO EM BELO HORIZONTE**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. Lorenzo Teixeira Vitral

Coorientador: Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2021

Ficha catalográfica elaborada bibliotecária Priscila Oliveira da Mata - CRB6-2706

G956l
Guilherme, Maurício Rubens de Carvalho.
Lexicalização-Degramaticalização do plural no português falado em Belo Horizonte [manuscrito] / Maurício Rubens de Carvalho Guilherme. – 2021.
200 f., enc.: il., fots, maps, grafs, tabs, (color) (p&b)
Orientador: Lorenzo Teixeira Vitral.
Coorientador: Alan Jardel de Oliveira.
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 167- 200.

1. Língua portuguesa – Variação – Belo Horizonte (MG) – Teses. 2. Língua portuguesa – Português falado – Belo Horizonte (MG) – Teses. 3. Mudanças linguísticas – Teses. 4. Sociolinguística – Teses. I. Vitral, Lorenzo Teixeira. II. Oliveira, Alan Jardel de. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV Título.

CDD: 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

**LEXICALIZAÇÃO-DEGRAMATICALIZAÇÃO DO PLURAL NO PORTUGUÊS FALADO EM BELO
HORIZONTE**

MAURICIO RUBENS DE CARVALHO GUILHERME

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDO LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Est da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 08 de fevereiro de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Lorenzo Teixeira Vitral - Orientador

UFMG

Prof(a). Maria Marta Pereira Scherre

Universidade de Brasília

Prof(a). Mayara Nicolau de Paula

UFMG

Prof(a). Maria Carlota Paixão Rosa

UFRJ

Prof(a). Márcia Cristina de Brito Rumeu

UFMG

Belo Horizonte, 08 de fevereiro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Marta Pereira Scherre, Usuário Externo**, em 08/02/2021, às 18:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lorenzo Teixeira Vitral, Professor do Magistério Superior**, em 08/02/2021, às 19:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Carlota Amaral Paixão Rosa, Usuário Externo**, em 08/02/2021, às 19:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mayara Nicolau de Paula, Professora do Magistério Superior**, em 08/02/2021, às 19:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Márcia Cristina de Brito Rumeu, Professora do Magistério Superior**, em 10/02/2021, às 10:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0531697** e o código CRC **7C4970B6**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me deu a vida, a salvação por meio do sangue de seu filho, Jesus Cristo, a capacidade de pensar e de conhecer, assim como todas as outras coisas.

À CAPES pela bolsa de estudos, que contribuiu enormemente para que eu conseguisse realizar essa pesquisa.

Ao professor Lorenzo Teixeira Vitral, meu orientador, que me aceitou como orientando e que vem me ensinando tantas coisas desde a graduação.

Ao professor Alan Jardel de Oliveira, meu coorientador, que me auxiliou tanto durante o processo de tratamento estatístico dos dados, sem o qual este trabalho teria sido muitíssimo mais difícil.

A minha linda esposa, Larissa, que sempre me apoiou e esteve ao meu lado, mesmo nos momentos difíceis, me incentivando, me ajudando e me ensinando a ser um marido melhor.

A minha mãe, Idalina, por seu cuidado e dedicação e por nunca ter medido esforços para me dar tudo o que tinha com o único objetivo de me ver feliz.

Ao meu irmão e irmãs, aos meus cunhados e cunhadas, aos meus sobrinhos e sobrinhas e a todos os demais familiares, pessoas que fizeram e fazem minha vida mais feliz e completa.

À professora Maria do Carmo Viegas, que iniciou o processo de orientação deste trabalho e que me apontou o caminho que eu deveria seguir.

Às professoras Maria Carlota Paixão Rosa e Márcia Cristina de Brito Rumeu, pelas importantes sugestões na qualificação desta tese.

Aos professores Maria Carlota Paixão Rosa, Maria Marta Pereira Scherre, Márcia Cristina de Brito Rumeu, Mayara Nicolau de Paula, Fabio Bonfim Duarte, Sueli Maria Coelho por aceitarem participar da banca examinadora.

Aos informantes, pela grande colaboração ao aceitarem participar desta pesquisa.

Aos professores do Poslin, pelos ensinamentos tão valiosos.

Aos meus amigos que sempre me apoiam e com os quais sempre posso dividir o peso da vida.

*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.
Ele estava no princípio com Deus.
Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.
A vida estava nele e a vida era a luz dos homens.
A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela. [...]
E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade,
e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.*

João, apóstolo de Cristo

RESUMO

A presente tese tem como tema o apagamento das marcas de plural do nome no português falado em Belo Horizonte. O objetivo desta pesquisa é investigar a estrutura de sintagmas nominais (SN) que se referem a pluralidades, sem, no entanto, apresentarem sufixos marcadores de plural no seu núcleo, e, em alguns casos, em nenhuma parte do SN. Para isso, foi coletado, por meio de um teste padronizado de descrição de imagens, um conjunto de ocorrências desse fenômeno, a fim de se analisarem tanto os contextos linguísticos e sociais em que ocorriam, quanto as causas que estariam motivando esse processo pelo qual a língua estaria passando. Com os dados coletados, procedeu-se a uma análise quantitativa com o auxílio de métodos estatísticos. Ao analisar a presença de marcas de plural no núcleo do SN e no seu antecedente, os resultados revelaram a ocorrência de três estruturas: a forma conservadora, na qual a marca de plural está presente tanto no núcleo quanto no antecedente, como em "as mãos" e as formas inovadoras, uma em que não há nenhuma marca de plural no SN, chamada de *Plural nulo*, como em "a mão" e outra em que essa marca está presente apenas no antecedente do núcleo, chamada de *Plural não redundante*, como em "as mão". Do ponto de vista teórico, as conclusões a que se chegou é que o *Plural nulo* é produto de uma Lexicalização (Cf. Gruber (1965), McCawley (1968), Talmy (1985, 2000) enquanto o *Plural não redundante* é resultado de um processo ainda em curso de degramaticalização (Cf. Norde, 2011; Gonçalves, 2011)

Palavras-chave: Número, Sociolinguística, Lexicalização, Gramaticalização, Degramaticalização.

ABSTRACT

The present thesis has as its theme the erasure of the plural marks of the name in the portuguese spoken in Belo Horizonte. The purpose of this research is to investigate the structure of noun phrases (NP) that refer to pluralities, without, however, presenting suffixed plural markers in their nucleus, and, in some cases, nowhere in the NP. For this, a set of occurrences of this phenomenon was collected, through a standardized test of image description, in order to analyze both the linguistic and social contexts in which they occurred, as well as the causes that would be motivating this process by which the language would be passing. After the collected data, a quantitative analysis was carried out with the aid of statistical methods. When analyzing the presence of plural marks in the nucleus of the NP and its antecedent, the results revealed the occurrence of three structures: the conservative form, in which the plural mark is present both in the nucleus and in the antecedent, as in "*as mãos*" and the innovative forms, an in which there is no plural mark in the NP, called *Null plural*, as in "*a mão*", and another in which this mark is present only in the antecedent of the nucleus, called *Non-redundant plural*, as in "*as mão*". From a theoretical point of view, the conclusions reached are that the *Null plural* is the product of a Lexicalization (Cf. Gruber (1965), McCawley (1968), Talmy (1985, 2000) while the *Non-redundant plural* is the result of a process still in progress of degrammaticalization (Cf. Norde, 2011; Gonçalves, 2011)

Keywords: Number, Sociolinguistics, Lexicalization, Grammaticalization, Degrammaticalization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa de Belo Horizonte dividido por regiões	27
Figura 2 Mapa dialetal de Nascentes apresentado em (1953)	29
Figura 3 Classes de palavras de um ponto de vista gradual	35
Figura 4 <i>Continuum</i> da expressão linguística	39
Figura 5 Sistema com geral/singular <i>versus</i> plural.....	65
Figura 6 Exemplos de imagens do grupo (a)	70
Figura 7 Exemplos de imagens do grupo (b)	70
Figura 8 Exemplos de imagens do grupo (c)	71
Figura 9 Exemplos de imagens do grupo (d)	71
Figura 10 Mãos de uma pessoa idosa.	110
Figura 11 Faróis	112
Figura 12 Não vai doer se você jogar o lixo no lixo	131
Figura 13 Imagens utilizadas para testar o Singular	149
Figura 14 Imagens utilizadas para testar o <i>Plural nulo</i> em comparação com o Singular.....	149

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 <i>Plural nulo</i> de acordo com a faixa etária	98
Gráfico 2 <i>Plural não redundante</i> de acordo com a faixa etária com antecedentes do Tipo 1	117
Gráfico 3 <i>Plural não redundante</i> de acordo com a faixa etária com antecedentes do Tipo 2	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Declinação dos nomes em latim	20
Quadro 2 Dados demográficos por regional	28
Quadro 3 Gradiência (Taylor, 1995)	38
Quadro 4 Informantes estratificados em variáveis sociais	67
Quadro 5 Tipologia dos itens lexicais de acordo com suas características semânticas.....	69
Quadro 6 Variável dependente para investigação do apagamento total das marcas de plural.....	72
Quadro 7 Variável dependente para investigação do apagamento parcial das marcas de plural ..	72
Quadro 8 Variável Tipos de Referentes	77
Quadro 9 Variável dependente para investigação da distinção entre <i>Singular</i> e <i>Plural nulo</i> de acordo com o antecedente.	150

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Exemplo de análise do peso relativo.	91
Tabela 2 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Faixa etária</i> com relação ao <i>Plural nulo</i>	97
Tabela 3 Pesos relativos dos fatores da variável Gênero com relação ao <i>Plural nulo</i>	99
Tabela 4 Pesos relativos dos fatores da variável Escolaridade com relação ao <i>Plural nulo</i>	100
Tabela 5 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Partes do corpo</i> com relação ao <i>Plural nulo</i>	101
Tabela 6 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Distribuição</i> com relação ao <i>Plural nulo</i>	103
Tabela 7 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Antecedentes</i> com relação ao <i>Plural nulo</i>	105
Tabela 8 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Nomes nus</i> com relação ao <i>Plural nulo</i>	108
Tabela 9 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Primeira ocorrência</i> com relação ao <i>Plural nulo</i>	109
Tabela 10 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Estímulo</i> com relação ao <i>Plural nulo</i>	110
Tabela 11 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Grau</i> com relação ao <i>Plural nulo</i>	112
Tabela 12 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Variação Lexical</i> em relação ao <i>Plural nulo</i> ...	113
Tabela 13 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Faixa etária</i> com relação ao <i>Plural não redundante com antecedentes do Tipo1</i>	116
Tabela 14 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Faixa etária</i> com relação ao <i>Plural não redundante com antecedentes do Tipo2</i>	116
Tabela 15 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Sexo/gênero</i> com relação ao <i>Plural não redundante com antecedentes do Tipo1</i>	119
Tabela 16 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Escolaridade</i> com relação ao <i>plural não redundante com antecedentes do Tipo1</i>	120
Tabela 17 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Escolaridade</i> com relação ao <i>plural não redundante com antecedentes do Tipo2</i>	120
Tabela 18 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Distribuição</i> com relação ao <i>plural não redundante com antecedentes do Tipo1</i>	122
Tabela 19 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Distribuição</i> com relação ao <i>Plural nulo</i>	122
Tabela 20 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Antecedentes</i> com relação ao <i>plural não redundante com antecedentes do Tipo 2</i>	124
Tabela 21 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Sintagma preposicionado</i> com relação ao <i>Plural não redundante com antecedentes do Tipo 2</i>	125

Tabela 22 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Grau</i> com relação ao <i>Plural não redundante</i> com antecedentes do Tipo 1	126
Tabela 23 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Variação lexical</i> com relação ao <i>plural não redundante</i> com antecedentes do Tipo 2.....	127
Tabela 24 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Faixa etária</i> com relação ao <i>Plural não redundante</i>	147
Tabela 25 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Sexo/gênero</i> com relação ao <i>Plural não redundante</i>	147
Tabela 26 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Escolaridade</i> com relação ao <i>Plural não redundante</i>	148
Tabela 27 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Sintagma preposicionado</i> com relação ao antecedente Numeral/Artigo indefinido (UM/UMA).....	152
Tabela 28 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Primeira ocorrência</i> com relação ao antecedente Numeral/Artigo indefinido (UM/UMA).....	152
Tabela 29 Pesos relativos dos fatores da variável <i>Singular</i> com relação ao antecedente Numeral/Artigo indefinido (UM/UMA).....	153

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE – [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística](#)

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PR – Peso Relativo

SN – Sintagma Nominal

SP – Sintagma Preposicionado

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

PARTE 1 - PRESSUPOSTOS	18
1 INTRODUÇÃO	19
1.1 A ESTRUTURA DA TESE	19
1.2 O OBJETO DE ESTUDO	20
1.2.1 A origem do plural no português	20
1.2.2 O plural do nome no Português Brasileiro	22
1.3 A CIDADE DE BELO HORIZONTE	26
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	30
2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	30
2.2 O CONCEITO DE LÉXICO E AS CATEGORIAS LEXICAIS	33
2.3 FLEXÃO <i>VERSUS</i> DERIVAÇÃO	35
2.4 LEXICALIZAÇÃO	40
2.5 GRAMATICALIZAÇÃO.....	45
2.6 DEGRAMATICALIZAÇÃO.....	51
2.7 DEGRAMATICALIZAÇÃO, LEXICALIZAÇÃO E A HIPÓTESE DA UNIDIRECIONALIDADE	55
2.8 A EXPRESSÃO DO NÚMERO NAS LÍNGUAS	63
3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	66
3.1 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	66
3.2 COLETA DE DADOS	68
3.3 TRANSCRIÇÃO DOS DADOS	71
3.4 AS VARIÁVEIS	72
3.4.1 A variável dependente	72
3.4.2 As variáveis independentes sociais	73
3.4.2.1 Faixa etária dos informantes	73
3.4.2.2 Sexo/Gênero dos informantes.....	74
3.4.2.3 Escolaridade dos informantes	76

3.4.3 As variáveis independentes linguísticas	77
3.4.3.1 Tipos de referentes.....	77
3.4.3.1.1 <i>Parte do corpo</i>	78
3.4.3.1.2 <i>Distribuição</i>	79
3.4.3.2 Antecedentes	80
3.4.3.3 Sintagma preposicionado	81
3.4.3.4 Primeira ocorrência	82
3.4.3.5 Estímulo	82
3.4.3.6 Grau	83
3.4.3.7 Variação lexical	84
3.5 CODIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES	84
3.5.1 Variáveis sociais	84
3.5.2 Variáveis linguísticas	85
3.6 O SUBSÍDIO QUANTITATIVO R	87
3.6.1 Modelos de regressão	88
3.6.2 Hipótese nula e <i>p-valor</i>	89
3.6.3 Teste da Razão da Máxima Verossimilhança	90
3.6.4 Peso relativo e Teste de Wald	91
PARTE 2 - ANÁLISES	93
4 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS	94
4.1 INTRODUÇÃO	94
4.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DO <i>PLURAL NULO</i>	95
4.2.1 Análise das variáveis sociais	96
4.2.1.1 Análise da variável <i>Faixa etária dos informantes</i>	96
4.2.1.2 Análise da variável <i>Sexo/gênero dos informantes</i>	98
4.2.1.3 Análise da variável <i>Escolaridade dos informantes</i>	99
4.2.2 Análise das variáveis linguísticas	100
4.2.2.1 Variáveis sem significância estatística	100
4.2.2.2 Análise da variável <i>Parte do corpo</i>	101
4.2.2.3 Análise da variável <i>Distribuição</i>	103

4.2.2.4	Análise da variável <i>Antecedentes</i>	104
4.2.2.4.1	<i>Nomes nus</i>	106
4.2.2.5	Análise da variável <i>Primeira ocorrência</i>	108
4.2.2.6	Análise da variável <i>Estímulo</i>	110
4.2.2.7	Análise da variável <i>Grau</i>	111
4.2.2.8	Análise da variável <i>Variação lexical</i>	112
4.2.3	Conclusões sobre o Plural nulo	113
4.3	ANÁLISE QUANTITATIVA DO <i>PLURAL NÃO REDUNDANTE</i>	115
4.3.1	Análise das variáveis sociais	116
4.3.1.1	A variável <i>Faixa etária dos informantes</i>	116
4.3.1.2	A variável <i>Sexo/gênero dos informantes</i>	119
4.3.1.3	A variável <i>Escolaridade dos informantes</i>	120
4.3.2	Análise das variáveis linguísticas	121
4.3.2.1	Variáveis sem significância estatística	121
4.3.2.2	Análise da variável <i>Distribuição</i>	121
4.3.2.3	Análise da variável <i>Antecedentes</i>	123
4.3.2.4	Análise da variável <i>Sintagma preposicionado</i>	125
4.3.2.5	Análise da variável <i>Grau</i>	126
4.3.2.6	Análise da variável <i>Variação lexical</i>	126
4.2.3	Conclusões sobre o Plural não redundante	127
5	A LEXICALIZAÇÃO DO PLURAL NOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	129
6	GRAMATICALIZAÇÃO VERSUS DEGRAMATICALIZAÇÃO DO PLURAL NOMINAL	135
6.1	GRAMATICALIZAÇÃO DO PLURAL NOMINAL SEGUNDO LEHMANN (2002)	135
6.2	DEGRAMATICALIZAÇÃO DO PLURAL NOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	140
7	COMPARAÇÃO ENTRE O SINGULARE O PLURAL NULO	149
7.1	ANÁLISE QUANTITATIVA DE SINGULAR <i>VERSUS</i> PLURAL NULO	150

7.1.1 Análise quantitativa das variáveis sociais	151
7.1.2 Análise quantitativa das variáveis linguísticas	151
7.1.2.1 Análise da variável <i>Sintagma preposicionado</i>	152
7.1.2.2 Análise da variável <i>Primeira ocorrência</i>	152
7.1.2.3 Análise da variável <i>Singular</i>	153
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS	157
ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido	167
ANEXO B – Contextos dos exemplos retirados do teste	171
ANEXO C – Imagens descritas no teste em ordem de ocorrência	199

PARTE 1 - PRESSUPOSTOS

1 INTRODUÇÃO

1.1 A ESTRUTURA DA TESE

A presente pesquisa tem como tema a realização da categoria linguística de número na língua portuguesa falada em Belo Horizonte. Seu principal objetivo é investigar o processo de realização dessa categoria em nomes que não apresentam marcas de plural, apesar de se referirem a mais de um elemento, como no exemplo a seguir:

(1) e ele tá bem espaçoso de **braço cruzado** com **a perna aberta**.

O projeto que deu origem a esta tese foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa (COEP/CEP-UFMG) sob o número de CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética) 91292218.9.0000.5149, sendo aprovado, conforme parecer número 2.728.707, no dia 21/06/2018, de acordo com a legislação.

Esta tese está estruturada em 8 capítulos divididos em 2 partes. Na PARTE 1, chamada de *PRESSUPOSTOS*, estão os capítulos 1 a 3, nos quais estão as informações preliminares como os referenciais teóricos e a metodologia utilizada na pesquisa. Na PARTE 2, chamada de *ANÁLISES*, estão os capítulos 4 a 8, em que se fazem tanto análises estatísticas quanto teóricas dos fenômenos investigados.

No capítulo 1, fez-se uma introdução na qual se apresentaram o fenômeno e os questionamentos que nortearam este trabalho, além do contexto sociogeográfico em que se deu a pesquisa. No capítulo 2, abordaram-se os pressupostos teórico-metodológicos que serviram de base para esta pesquisa. No capítulo 3, explicitou-se o processo de pesquisa realizado, descrevendo os métodos utilizados em cada etapa da pesquisa, como a seleção dos informantes, o tamanho da amostra, bem como a coleta e o tratamento dos dados. No capítulo 4, fez-se a análise quantitativa desses dados, seguindo os pressupostos da sociolinguística (LABOV, 1963, 1966, 1972; WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968). No capítulo 5, pretendeu-se

apresentar uma explicação teórica para a ocorrência do fenômeno a que se convencionou chamar neste trabalho de *Plural nulo*, o qual será caracterizado no momento oportuno. No capítulo 6, intentou-se apresentar uma teoria que explicasse o fenômeno chamado nessa pesquisa de *Plural não redundante*. No capítulo 7, buscou-se fazer um cotejamento entre o que se chamará de *Plural nulo* e o *Singular*, a fim de se investigarem as diferenças entre os dois. Por fim, no capítulo 8, foram apresentadas as considerações finais sobre a pesquisa.

1.2 O OBJETO DE ESTUDO

1.2.1 A origem do plural no português

O latim, língua da qual o português se originou, era uma língua de casos. Isso quer dizer que as funções exercidas pelos nomes na oração eram expressas em sua estrutura morfológica. Sendo assim, um nome poderia assumir uma enorme quantidade de formas segundo as funções sintáticas exercidas por ele. Os casos latinos eram seis: nominativo, acusativo, dativo, ablativo, genitivo e vocativo.

Além dos casos, eram expressos na morfologia dos nomes a categoria de gênero, que se dividia nas subcategorias masculino, feminino e neutro e a categoria de número, que se subdividia em singular e plural, resultando em um extenso paradigma como o apresentado a seguir, dos nomes *lupus* (lobo), *puella* (menina) e *templum* (templo).

Quadro 1: Declinação dos nomes em latim.

	MASCULINO		FEMININO		NEUTRO	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
NOMINATIVO	lup <u>us</u>	lup <u>i</u>	puell <u>a</u>	puell <u>ae</u>	templ <u>um</u>	Templ <u>a</u>
ACUSATIVO	lup <u>um</u>	lup <u>os</u>	puell <u>am</u>	puell <u>as</u>	templ <u>um</u>	Templ <u>a</u>
DATIVO	lup <u>o</u>	lup <u>is</u>	puell <u>ae</u>	puell <u>is</u>	templ <u>o</u>	Templ <u>is</u>
ABLATIVO	lup <u>o</u>	lup <u>is</u>	puell <u>a</u>	puell <u>is</u>	templ <u>o</u>	Templ <u>is</u>
GENITIVO	lup <u>i</u>	lup <u>orum</u>	puell <u>ae</u>	puell <u>arum</u>	templ <u>i</u>	templ <u>orum</u>
VOCATIVO	lup <u>e</u>	lup <u>i</u>	puell <u>a</u>	puell <u>ae</u>	templ <u>um</u>	Templ <u>a</u>

Ivo (1978), entretanto, aponta que coincidências fonéticas entre as formas casuais podem ter levado à redução dos casos latinos na passagem do latim clássico para o latim vulgar. Como exemplo, o autor menciona que palavras neutras possuíam três casos com desinência idêntica, tanto no singular quanto no plural, o nominativo, o acusativo e o vocativo. Além disso, a desinência “-a” era comum, nesses casos, no plural de todas as palavras neutras, independentemente do tema.

Da mesma forma, a desinência “-is”, segundo o autor, era comum ao dativo e ao ablativo plural dos temas em “-a-”, “-e-” e “-o-”. *Dominis* era a forma dativa e ablativa plural de *dominus* e de *domina*. A desinência “-bus” estava presente no dativo e ablativo plural dos temas em “-consoante-”, “-i-”, “-e-” e “-u-”, como em *ciuitatibus*, *navibus*, *diebus*, *fructibus*, respectivamente, apenas para citar alguns exemplos.

Segundo o autor, na Península Ibérica, o único caso que sobreviveu foi o acusativo, sendo este o caso que serviu de base para a quase totalidade dos nomes na língua portuguesa.

Para Carvalho (2004), causas fonéticas, como a identidade entre desinências; e sintáticas, como a tendência ao analitismo com o uso de preposições em substituição às formas morfológicamente complexas e a ordem mais fixa dos elementos da oração; levaram à redução paulatina dos casos latinos até que apenas o caso acusativo restasse. Ainda conforme o autor,

Depois de um longo período de evolução, os casos acabaram reduzidos a apenas dois no LV da Península Ibérica: nominativo (*casus rectus*), com suas antigas funções e mais a do vocativo, e acusativo (*casus obliquus*), com suas funções próprias e mais as do genitivo, dativo e ablativo. Posteriormente, perdendo o acusativo o -m final que o caracterizava no singular, acabaram os dois casos por se neutralizar. No plural, entretanto, o -s final permanecerá como marca forte e inconfundível do acusativo e da flexão de número, do que dão testemunho as inscrições, nas quais é o acusativo, e não o nominativo, que aparece na função de sujeito: *filias matri*

fecerunt “as filhas dedicaram à mãe”, *quiescant reliquias* “(que) os restos descansem” (CARVALHO, 2004, p.2)

Neste trecho, Carvalho (2004) reafirma que é o caso acusativo aquele que resta dos casos latinos e que o –s final, característico do plural do acusativo, passou a ser o padrão da marcação de plural desde o latim vulgar até o português atual.

1.2.2 O plural do nome no Português Brasileiro

Segundo Câmara Jr. (2002[1970]), fonologicamente, o plural do nome no Português Brasileiro (PB) é marcado por uma desinência que se manifesta por meio do arquifonema /S/, o qual se realiza por meio dos alofones [s], [z], [ʃ] e [ʒ] de acordo com o ambiente fonológico em que ocorre e com o dialeto do falante.

Ainda segundo o autor, o singular no PB é realizado morfologicamente, em geral, por uma forma não marcada (morfema Ø), enquanto o plural é marcado pelo morfema /S/ em posição pós-vocálica final. Entretanto, o morfema {PLURAL DE NOME} apresenta alguma alomorfia, podendo ser realizado principalmente pelos alomorfes [-s], [-es], [-is] e [-eis].

O alomorfe [-s] ocorreria em palavras terminadas em vogal (casa>casas); [-es] ocorreria em palavras terminadas com as consoantes R, Z, N (mar>mares, paz>pazes, cânon>cânones) e com palavras terminadas em S, precedido de vogal tônica (país>países); o alomorfe [-is] estaria presente na realização do plural nas palavras terminadas em L, precedido de vogal tônica (jogral>jogra^{is}, coronel>coroné^{is}, lençol>lençóis, azul>azuis, fuzil>fuzi^{-is}>fuzi^{is}) e finalmente o alomorfe [-eis] estaria presente nas palavras terminadas em L, quando precedido de vogal átona (fóssil>fósse^{eis}, réptil>répte^{eis}).

Acresçam-se os casos em que o plural se manifesta por meio de uma mudança no timbre da vogal tônica, além do alomorfe [-s] “o [o]vo>os [ɔ]vos”, “o c[o]rpo>os c[ɔ]rpos”, chamados de plural metafônico; e também aqueles em que o

plural não é realizado foneticamente no item lexical, mas apenas no determinante, como é o caso das palavras “o pires>os pires, o tórax>os tórax, o lápis>os lápis, o ônibus>os ônibus”.

Há ainda o caso das palavras que, no singular, são terminadas em ditongo nasal “-ão”. Segundo Câmara Jr. (2002[1970]), esse singular neutraliza três terminações distintas do latim que são “-anu, -ane, -one”, as quais se manifestam na realização do plural, respectivamente, nas palavras “irmão>irmãoss, pão>pãess e leão>leõess”.

Para finalizar, podemos nos referir ao caso das palavras que na variedade padrão só se realizam no plural como “núpcias, férias, bodas, óculos”.

Tradicionalmente, estabelece-se que todos os elementos flexionáveis do sintagma nominal (SN), e também seus predicativos, devem apresentar concordância de número, de modo a exibir, redundantemente, a marca de plural, como se pode ver no exemplo a seguir:

(2) Todass aquelass lindass casass amarelass serão demolidass.

Entretanto, trabalhos como os de Scherre (1988, 1994, 1996a, 2001), Guy (1981), Scherre e Naro (1998) demonstram que existe uma variação muito grande no que se refere aos padrões de concordância dos falantes. Esses padrões de variação vão desde SNs que apresentam a marca de plural em todos os seus elementos flexionáveis até aqueles em que a marca de plural encontra-se em apenas um elemento do SN, como no seguinte exemplo.

(3) um cara com ‘as perna aberta’. (FHRT-M-Fe1-EF)

Ainda como se pode ver no mesmo exemplo, Scherre (1994) afirma que os elementos mais à direita do SN são aqueles que preferencialmente perdem a marca de plural, enquanto aqueles mais à esquerda a mantêm.

Em síntese, os resultados [...] refletem de forma inequívoca o fato de que todos os elementos determinantes à esquerda do núcleo tendem a receber mais marcas explícitas de plural enquanto aqueles à direita do núcleo tendem a receber menos marcas explícitas de plural. (SCHERRE, 1994, p.6)

Além disso, Pinheiro e Toledo (2014) observaram em seu trabalho de iniciação científica, sob orientação da professora Maria do Carmo Viegas, que resultou em um artigo publicado na revista *Revele*, cujo título é *Duas margens do rio: indícios de lexicalização em Belo Horizonte e de gramaticalização em Varginha*; que há casos em que ocorre o total apagamento das marcas de plural no sintagma nominal embora o falante esteja se referindo a mais de um elemento. Este fenômeno recorrente no português falado em Belo Horizonte diz respeito a ocorrências em que a categoria de número é codificada de maneira incomum para os padrões do PB, como observaram as autoras.

Assim, uma pessoa tem OLHOS, MÃOS e PÉS. Contudo, nem sempre é isso que ocorre no falar mineiro. Essas formas possuem variantes no singular: (O) OLHO, (A) MÃO e (O) PÉ – ainda que o falante esteja se referindo aos dois elementos componentes do par. (PINHEIRO e TOLEDO, 2014:127)

Como se pôde ver nos exemplos mencionados pelas autoras, algumas palavras têm sido interpretadas pelos falantes como portadoras de um número plural, embora não haja nenhuma marca explícita de plural em todo o SN, como se esse plural fosse inerente ao item lexical, conforme exemplos a seguir:

- (4) a. Ele é loirinho, branquinho, do **olho azul**. Tem **um cabelo claro, liso...**
b. e ele tá bem espaçoso de **braço cruzado** com a **perna aberta**.
c. e a argola é assim muito, muito exagerada, **o brinco muito grande**.

Como se constata nos exemplos anteriores, não se trata de um apagamento dos traços de plural de alguns elementos do SN, mantendo-os apenas em itens mais à esquerda, como é comum ocorrer no PB. Nesses enunciados, todos os elementos

do SN estão no singular. É importante também ressaltar, ainda que pareça óbvio, que, quando o informante usou as palavras *olho*, *cabelo*, *braço*, *perna* e *brinco*, ele estava se referindo a mais de um, já que uma pessoa sem nenhuma deficiência possui dois olhos, dois braços, duas pernas, muitos cabelos e que “o brinco” descrito no exemplo, na verdade, era um par.

O trabalho das autoras, embora de grande importância, tendo em vista o fato de terem observado um fenômeno novo na língua, possui limitações quanto à representatividade dos dados, já que foi analisada a fala de apenas 4 informantes entre 17 e 24 anos, sendo 2 homens e 2 mulheres. Daí a importância de se ampliar a amostra de informantes a fim de se descrever o fenômeno de maneira mais significativa dentro da diversidade social. Diante disso, julgou-se necessário fazer uma nova pesquisa, mais abrangente, em que se levassem em consideração outras variáveis sociais, além do sexo/gênero, como a escolaridade e a idade dos falantes.

Assim, esta pesquisa visa a descrever esses fenômenos de maneira a elucidar quais processos estão levando a realização do plural a essa variação, além de verificar se se trata de um caso de mudança em progresso no dialeto mineiro ou apenas de uma variação estável.

Além de aspectos sociais relacionados à linguagem, julgou-se necessário verificar-se, nesta pesquisa, se aspectos linguísticos também poderiam estar envolvidos na realização do fenômeno, como o tipo de antecedente do nome, se o sintagma nominal (SN) estava dentro de um sintagma preposicionado (SP) ou não, se se tratava da primeira ocorrência do item no enunciado e a qual o tipo de palavra o item lexical pertencia. Para isso foi necessário estabelecer uma tipologia para os itens lexicais em que se levasse em consideração o fato de o referente pertencer ou não a um par ou conjunto de elementos e a sua condição de ser ou não uma parte do corpo.

Assim, como afirma Tarallo (1986, p. 8), "*variantes linguísticas* são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor

de verdade, dando-se a um conjunto de variantes o nome de *variável linguística*". No caso da presente pesquisa, consideraram-se, por exemplo, como variantes as formas alternantes a seguir.

(5) (a) “as mãos” ≡ (b) “as mão” ≡ (c) “a mão”

Em (a) “as mãos”, tem-se o plural marcado morfologicamente tanto no antecedente como no núcleo, em (b) “as mão”, o plural foi marcado apenas no antecedente e em (c) “a mão”, ocorreu o completo apagamento das marcas de plural, referindo-se, entretanto, às duas mãos do par.

1.3 A CIDADE DE BELO HORIZONTE

Capital do estado de Minas Gerais, a cidade de Belo Horizonte tem atualmente uma população estimada de 2 512 070 habitantes, conforme estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo considerada o 6º município mais populoso do Brasil. Fundada em 1897, foi um dos primeiros municípios planejados do país. Foi projetada pelo arquiteto Aarão Reis, que em trecho do relatório sobre a planta da cidade, aprovada pelo decreto nº 817 de 15 de abril de 1895, escreveu:

Foi organizada, a planta geral da futura cidade dispendo-se na parte central, no local do atual arraial, a área urbana, de 8.815.382 m², dividida em quarteirões de 120 m x 120 m pelas ruas, largas e bem orientadas, que se cruzam em ângulos retos, e por algumas avenidas que as cortam em ângulos de 45°.

Às ruas fiz dar a largura de 20 metros, necessária para a conveniente arborização, a livre circulação dos veículos, o tráfego dos carros e trabalhos da colocação e reparações das canalizações subterrâneas. Às avenidas fixei a largura de 35 metros, suficiente para dar-lhes a beleza e o conforto que deverão, de futuro, proporcionar à população (...)

Com o passar dos anos, o intenso crescimento demográfico extrapolou muito o plano original, o qual previa que a parte urbana da cidade deveria ficar confinada dentro dos limites da Avenida do Contorno. Tendo como moldura a Serra do Curral, a cidade apresenta um relevo pouco plano e ainda é considerada uma das cidades mais arborizadas do país. Seu índice de desenvolvimento humano, segundo o relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 2010 foi 0,810, sendo o vigésimo maior do país. O IDH é avaliado sob três aspectos: longevidade, renda e educação. Seu valor no índice longevidade é 0,856, no índice renda é 0,841 e no índice educação é 0,737. Sua composição demográfica é multiétnica, principalmente devido ao grande fluxo migratório de pessoas provenientes do interior do estado. De acordo com o censo realizado pelo IBGE em 2010, 46,37% da população se autodeclararam brancos, 42,1% pardos, 10,27% pretos, 1,08% amarelos, 0,17% indígenas e 0,01% não se autodeclararam com relação à raça.

O município está dividido em nove regiões: Barreiro, Centro-Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova, conforme mapa que segue.

Figura1: Mapa de Belo Horizonte dividido por regiões



Fonte: Portal da Prefeitura de Belo Horizonte

Cada uma das regiões apresenta características próprias do ponto de vista demográfico e social. A seguir encontra-se um quadro com os dados demográficos de cada região.

Quadro 2: Dados demográficos por regional

Regional	População	Área (km²)	Densidade
Barreiro	293.004	53,6	5466,5
Centro-Sul	289.196	31,85	9079,9
Leste	286.430	27,98	10237,0
Nordeste	306.265	39,46	7761,4
Noroeste	376.993	30,17	12495,6
Norte	216.906	32,67	6639,3
Oeste	299.631	36,06	8309,2
Pampulha	162.332	51,21	3169,9
Venda Nova	270.818	29,27	9252,4
Total	2.501.576	332,84	7.515,9

Fonte: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (2000) (Adaptado para o valor estimado pelo IBGE para 2018)

O dialeto falado na cidade de Belo Horizonte está situado geograficamente onde, segundo o mapa dialetal de Nascentes (1953), é falado o dialeto *mineiro*. Segue o mapa de Nascentes em que se delineiam os falares observados por ele em todo território nacional.

Figura 2: Mapa dialetal de Nascentes apresentado em (1953)



Fonte: Nascentes (1953, p.19) adaptado.

Como se pode ver no mapa, dos sete dialetos falados no Brasil, quatro deles são falados dentro do território político de Minas Gerais. Segundo Viegas, Almeida e Dias (2009)

Podemos dizer que encontramos em Minas variações que estão presentes em grande parte do Brasil. Como consequência, se estudamos a fala das diversas regiões de Minas, estaremos estudando a fala de grande parte do Brasil – essa é uma característica importante do Estado – Estado-chave para os estudos da variação lingüística do português do Brasil (PB). (VIEGAS, ALMEIDA e DIAS, 2009)

Tal afirmação revela a importância dos estudos linguísticos neste estado, tendo em vista que, assim como afirmaram as autoras, ao estudar os dialetos mineiros, está-se estudando grande parte da variação dialetal brasileira.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

A Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação, teve início a partir dos estudos de Willian Labov presentes em seus textos “The social motivation of a soundchange” (1963) e “The social stratification of (r) in New York City department stores” (1966), publicados posteriormente por ele mesmo no livro *Sociolinguistic Patterns* (1972), e das premissas estabelecidas por Weinreich, Labov e Herzog (1968), que pretendiam descrever a variação e a mudança linguísticas a partir da observação da fala das pessoas em seu contexto social de produção. A partir de um modelo de análise quantitativo, o autor defendia que os dados deveriam ser obtidos a partir da fala espontânea dos indivíduos, em que estes dessem o mínimo de atenção possível ao “como” estavam falando, fazendo emergir o que Labov (2008 [1972], p. 244) chamou de o *paradoxo do observador*.

O objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática.

Os estudos de Labov contrastam com aqueles que vinham sendo desenvolvidos até então, como o Estruturalismo e o Gerativismo, os quais se baseavam em uma língua homogênea e desconectada do seu uso. É o próprio Labov que alega considerar o termo *sociolinguística* um tanto redundante, já que em sua concepção a língua só pode ser vista como uma forma de comportamento social, sendo “natural que o dado básico para qualquer forma de linguística geral seja a língua tal como usada por falantes nativos comunicando-se uns com os outros na vida diária.” (LABOV, 2008 [1972], p. 215).

Para o autor, a língua é sistematicamente heterogênea, o que significa dizer que sua variação não é aleatória, mas, sim, governada por regras variáveis previstas pelo sistema. Sendo assim, somente um estudo que leve em conta essa variabilidade ordenada poderá descrever a língua como ela realmente é. Em suma,

a teoria sociolinguística é a investigação da língua em seu uso real, dentro de uma comunidade de falantes, que busca compreender a regularidade existente dentro da variabilidade. Metodologicamente, pretende explicar os fenômenos de variação e mudança a partir de variáveis sociais como idade, classe social, sexo/gênero, escolaridade, etc. e de variáveis linguísticas, que são estímulos à variação e à mudança que têm origem dentro do próprio sistema linguístico.

Em contraste com a concepção estruturalista de variação, Labov (1966) preconiza o conceito de regra variável, a qual deve apresentar uma frequência expressiva e estar sempre relacionada a condicionadores linguísticos e extralinguísticos. Segundo o autor, as formas alternantes em um fenômeno variável são chamadas de *variantes*, as quais só poderão ser assim consideradas se apresentarem o mesmo significado e puderem ser utilizadas no mesmo contexto linguístico. (LABOV, 1978)

Os conceitos de variação e mudança linguísticas são relacionados, já que esta é sempre resultado daquela. É indispensável lembrar, entretanto, assim como ressaltam Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 1982), que nem toda variação linguística deve ser concebida como indicador de uma mudança em curso. Segundo os autores, um fenômeno de variação pode se manter durante um longo período, sem que haja o desaparecimento de uma das formas variantes, o que é chamado de *variação estável*. Um fenômeno estará em um processo de mudança em curso, quando se verificar a tendência de substituição de uma variante por outra de maneira ampla em todos os segmentos da sociedade. Portanto, não é falso afirmar que toda mudança linguística requer que primeiramente haja um fenômeno em variação; todavia, nem toda variação entre formas alternativas desencadeará uma mudança na língua.

Ainda de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (1968), para se compreender a mudança linguística, além de aceitar a língua como sistematicamente heterogênea, é necessário descobrir quais fatores a condicionam. A fim de explicar o mecanismo que leva à mudança, os autores propuseram os

problemas com os quais os pesquisadores terão de lidar e os princípios empíricos que devem guiar a investigação sociolinguística, que são o *problema da transição*, o *problema do encaixamento*, o *problema das restrições*, o *problema da implementação* e o *problema da avaliação*.

A transição, segundo os autores, é a passagem de um estado de língua a outro. Em vista disso, o *problema da transição*, que cabe ao pesquisador resolver, é descobrir como os falantes conseguem se comunicar enquanto a língua muda, já que nesse período haveria uma menor sistematicidade. Mais especificamente, esse estudioso precisa reconstruir os estágios intermediários entre um estado e outro de maneira a compreender como a língua abandonou a estrutura anterior e assumiu a nova forma.

O *problema do encaixamento* se refere ao inter-relacionamento entre “os elementos do sistema linguístico e entre esses elementos e o sistema não linguístico de comportamento social.” (LABOV, 2008 [1972] p.193). Ou seja, segundo os autores, na pesquisa sociolinguística da mudança, tem-se que se questionar que outras mudanças estariam associadas ao fenômeno em análise de maneira que se possa explicá-lo não com base no acaso, mas fundamentado em relações de causalidade. Além disso, é necessário que se estabeleça a quais grupos sociais essas formas variáveis se associam, isto é, como se dá o encaixamento da variável na estrutura social.

O *problema das restrições* se relaciona com as condições para que a mudança ocorra ou não. Segundo esse princípio, o pesquisador terá de lidar com possíveis condicionamentos (restrições) de natureza linguística ou social que favorecerão a mudança ou servirão como empecilhos para que ela ocorra. Em Labov (1982), o autor chega a sugerir que este problema seja tratado em conjunto com o *problema do encaixamento*, já que entender as restrições ou condições para a ocorrência de determinada mudança é crucial para compreender como ela se encaixa no sistema linguístico e na estrutura social.

O *problema da implementação* diz respeito ao fato de que mudanças linguísticas não ocorrem em qualquer contexto linguístico e nem em todos os enquadramentos sociais. Assim, cabe ao sociolinguista investigar quais são esses ambientes linguísticos e em que momento histórico, lugar e grupo social a mudança ocorre.

Já o *problema da avaliação* é concernente à atitude dos falantes com relação à mudança linguística. Este problema objetiva investigar como os falantes avaliam determinada mudança quanto à sua funcionalidade e eficiência comunicativa, por exemplo. Opiniões sobre o prestígio ou o estigma social que certas formas carregam podem ser favorecedoras ou inibidoras de fenômenos de mudança linguística.

2.2 O CONCEITO DE LÉXICO E AS CATEGORIAS LEXICAIS

Para o entendimento dos conceitos de lexicalização, gramaticalização e degramaticalização que serão utilizados ao longo deste trabalho, é indispensável a compreensão do que vêm a ser *gramática* e *léxico*. Segundo Vitral e Coelho (2010), enquanto o léxico é entendido como um conjunto finito, embora bastante extenso, de formas linguísticas, cujos significados remetem ao mundo biopsicossocial; a gramática, por sua vez, se constitui de elementos que “desempenham um papel estruturador na língua, estabelecendo relações entre palavras e entre orações ou referindo-se aos participantes e entidades do discurso, posicionando-se em relação a eles” (VITRAL e COELHO, 2010, p. 79).

De acordo com Brinton e Traugott (2005, p. 9), um item lexical é uma unidade do léxico, entretanto, saber de que natureza é essa unidade dependerá do conceito de léxico que se adotará. Segundo as autoras, há teorias (cf. Bloomfield, 1933) que tratarão o item lexical como uma unidade semanticamente indivisível, enquanto outras (cf. MCCAWLEY, 1968; TALMY 1985, 2000; JACKENDOFF, 1990) considerarão o item lexical como um feixe de “componentes mínimos de significado” (BRINTON e TRAUGOTT, 2005, p. 9). Um item lexical seria, segundo esta visão, uma representação de tais componentes. Dessa forma, uma unidade lexical como

'*menino*' seria a representação dos traços (+ HUMANO, - ADULTO, + MASCULINO). Segundo Brinton e Traugott (2005, p.9-10), "os componentes não representam propriedades do mundo (referência), mas, sim, propriedades inatas da mente que determinam a maneira como o mundo é concebido."¹

Além disso, é importante salientar que as classes de palavras, sejam elas lexicais ou gramaticais, não devem ser vistas como categorias discretas, como idealizado pela tradição gramatical e até mesmo pelos gerativistas, os quais consideravam as classes de palavras a partir de traços binários (+N, -N) (CHOMSKY, 1965), estabelecendo que elementos com a mesma combinação de traços seriam pertencentes à mesma classe de palavras. Essa tradição foi questionada pela primeira vez por Ross (1972), o qual defendeu que as classes de palavras deveriam ser vistas como núcleos prototípicos graduais dos quais os itens lexicais se aproximariam ou se afastariam à medida que compartilhassem ou não características comportamentais.

Assim, um item que só pudesse ser um núcleo de um sintagma nominal como "carro", por exemplo, estaria no núcleo dessa classe. Já um elemento que só pudesse funcionar como modificador, como, por exemplo, a palavra "amável" estaria no núcleo da sua classe. Entretanto, há palavras que podem ser tanto núcleo de um sintagma nominal quanto um modificador, como é o caso da palavra "brasileiro", como se pode ver nos exemplos a seguir:

(6) Os *brasileiros* escolarizados têm encontrado mais dificuldade de conseguir emprego.

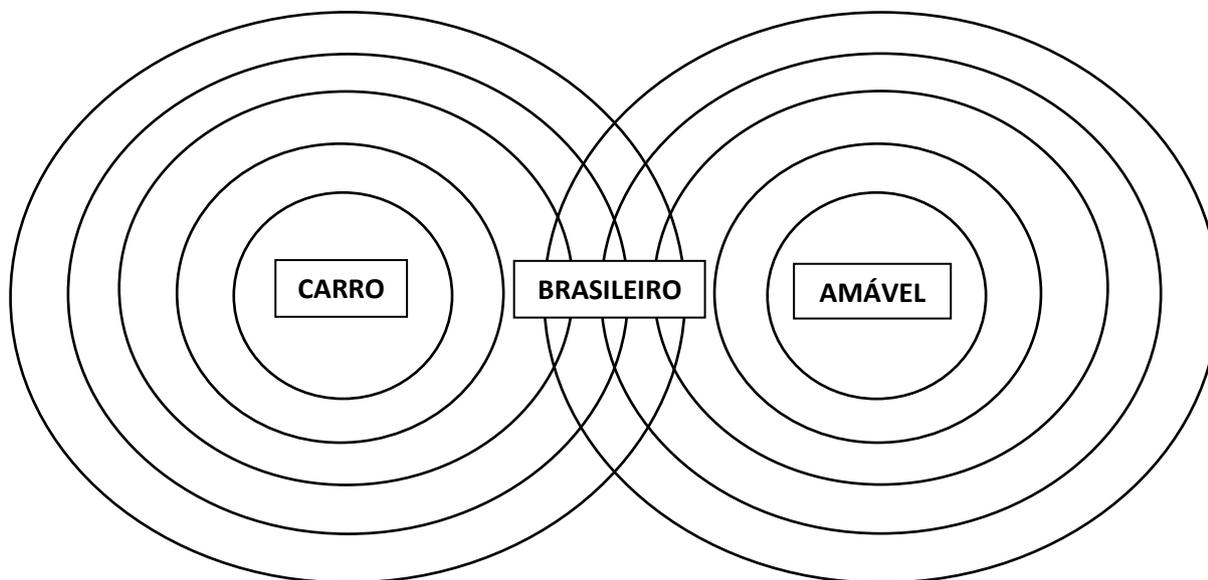
(7) Os marinheiros *brasileiros* são os mais bem treinados do mundo.

Nesses exemplos, pode-se perceber que, no primeiro caso, "brasileiros" é núcleo do sintagma nominal, enquanto, no segundo exemplo, é um modificador. O

¹ The components do not represent properties of the world (reference),but rather innate properties of the mind that determine the way in which the world is conceived.

diagrama a seguir é uma representação de como se organizariam essas palavras segundo essa teoria.

Figura 3: Classes de palavras de um ponto de vista gradual.



Como se pode ver, de acordo com essa visão gradual das classes de palavras, itens como “brasileiro” não seriam prototípicos nem do que tradicionalmente se chama de substantivo, nem do que a tradição gramatical chama de adjetivo, sendo, portanto, de uma terceira classe, já que pode exercer tanto a função de núcleo do SN quanto de modificador.

2.3 FLEXÃO *VERSUS* DERIVAÇÃO

A fim de entendermos o processo de degramaticalização a se refere esta tese, faz-se necessário discutir os conceitos de flexão e derivação. Flexão e derivação são dois processos morfológicos que, embora tratados pela tradição gramatical como distintos, têm ganhado espaço em estudos morfológicos mais atuais que têm argumentado em favor de que se trata de processos bastante inter-relacionados. Um dos estudos mais conhecidos sobre a relação entre flexão e derivação na língua portuguesa é o livro de Carlos Alexandre Gonçalves (2011), chamado *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*, no

qual o autor faz um levantamento dos estudos desenvolvidos sobre o assunto e apresenta de forma bastante objetiva uma análise do que vem sendo considerado flexão e derivação pelas pesquisas linguísticas.

Em seu livro, Gonçalves (2011) apresenta uma sequência de aproximadamente quinze parâmetros usados nos estudos morfológicos para distinguir a flexão da derivação. Em sua análise, o autor discute cada um dos critérios com a intenção de verificar se esses critérios seriam de fato eficazes para separar os dois tipos de morfologia. Entretanto, a conclusão mais geral a que chega é que os critérios, apesar de seu caráter objetivo, acabam por gerar agrupamentos irregulares de morfemas. Segundo o autor, a depender do critério utilizado, alguns morfemas seriam considerados, ora flexionais, ora derivacionais. Sendo assim, não se poderiam tomar os critérios como definidores incontestáveis da diferença entre os dois processos. Stump (1998, p.14 apud GONÇALVES, 2011)² afirma que tais critérios devem ser vistos apenas como uma tentativa de se conhecerem as principais características de cada operação morfológica, já que “a lógica clara dessa distinção pode ser difícil na prática”. O autor afirma, porém, que

“embora esses parâmetros sejam problemáticos, por conduzir a agrupamentos muitas vezes conflitantes, acreditamos que alguns podem ser utilizados como instrumentos para a avaliação do estatuto morfológico de afixos, na medida em que fornecem generalizações quase sempre desejáveis.” (GONÇALVES, 2011, p. 124)

Como se pode ver, para Gonçalves alguns critérios são mais relevantes que outros na tarefa de estabelecer o *status* flexional ou derivacional dos afixos. O autor ainda diz que

Apesar de aplicáveis com relativa eficácia, os critérios empíricos não têm o mesmo grau de preditividade [...], pois servem para diagnosticar processos morfológicos extremamente marcados. Ao contrário, a **obrigatoriedade**

² Stump, Gregory. Inflection. In: Spencer, A; Zwicky, A. (eds.). The Handbook of Morphology Oxford: Basil Blackwell, p. 13-41, 1998.

constitui parâmetro de maior peso, já que prognostica, de modo mais abrangente e satisfatório, uma variedade maior de afixos. (GONÇALVES, 2011, p. 125, grifo do autor)

Para o autor, a obrigatoriedade é o mais relevante dos critérios, já que, via de regra, morfemas flexionais são obrigatórios, enquanto morfemas derivacionais não o são. Além disso, para o autor, os agrupamentos conflitantes “podem ser interpretados como evidências de que a categorização realmente se processa na base de protótipos, uma vez que representantes da classe derivação podem apresentar atributos compatíveis com os da flexão”.

Ainda segundo Gonçalves (2011), Bybee (1985 apud GONÇALVES, 2011, p. 91-92)³ afirma que assim como ocorre nas classes de palavras, as categorias linguísticas, como flexão e derivação, por exemplo, se organizam por meio de protótipos, isto é, as categorias possuem representantes modelares, típicos, e outros mais periféricos.

A autora observa que membros de uma classe morfológica (no caso, a flexão) podem apresentar atributos idênticos aos encontrados em representantes de outra classe (a derivação), sendo sutis as diferenças entre elas e, conseqüentemente, entre suas classes (GONÇALVES, 2011, p. 91-92).

Como se pode ver, para a autora, as categorias flexão e derivação não são discretas, podendo um elemento de uma classe apresentar características da outra. Segundo Taylor (1995), a prototipicidade se caracteriza pela falta de identidade absoluta entre elementos de uma mesma classe e pela flexibilidade desses elementos e dessa classe. Assim, haveria afixos prototipicamente flexionais e outros mais periféricos, sendo possível encontrar afixos derivacionais com características típicas de afixos flexionais e vice-versa. Para o autor, esse comportamento irregular de membros de determinada categoria é chamado de gradiência. As categorias linguísticas, portanto, seriam definidas por um conjunto de características que, às

³ BYBEE, J. L. Morphology. A study of the relation between meaning and form. Typological studies in language 9. Amsterdam: Benjamins, 1985. p. xii-235.

vezes, não estão presentes em todos os membros da classe, como representado no quadro a seguir retirado de Gonçalves (2011, p. 92). As letras (A,B,C,D), presentes nas colunas, representam atributos de uma categoria linguística hipotética (a derivação, por exemplo). Os números (1,2,3,4) representam itens que pertencem a essa categoria (morfemas, por exemplo).

Quadro 3: Gradiência (Taylor, 1995)

	A	B	C	D
1	+	+	+	+
2	+	+	+	-
3	+	+	-	-
4	+	-	-	-

Fonte: Gonçalves (2011, p.92)

Como se pode observar, apenas o primeiro item pode ser considerado como um elemento modelar dessa categoria, já que apenas ele possui todos os atributos dessa classe. Por meio dessa matriz, pode-se deduzir que haja membros mais representativos que outros nesta categoria.

Ainda segundo Bybee (1985 apud GONÇALVES, 2011), as categorias linguísticas possuem mais de uma forma de expressão, conforme seu maior ou menor grau de fusão. Para ela, as três formas básicas de expressão linguística são a *lexical*, a *flexional* e a *sintática*.

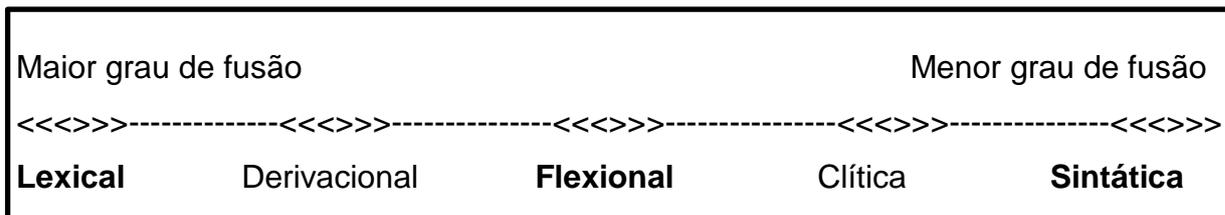
Na expressão lexical, dois ou mais conteúdos semânticos são fundidos dentro de um mesmo item lexical. Nesse tipo de expressão, não é possível segmentar formalmente cada um dos conteúdos. É o que ocorre, por exemplo, em palavras como “vaca”, que contém os significados {TOURO} + {FÊMEA} condensados no item lexical.

A expressão flexional, por sua vez, se manifesta por meio de formas individuais em uma palavra morfológicamente complexa. Nesse tipo de expressão, há a possibilidade de segmentação das partes significativas, como, por exemplo, na palavra, “menina” em que se pode segmentar formalmente o morfema lexical “*menin-*” e o morfema flexional de gênero “*-a*”.

Por fim, a expressão sintática se manifesta quando dois ou mais conteúdos semânticos se expressam por meio de palavras independentes e separadas, encontrada, por exemplo, em expressões como “cobra macho” ou “jacaré fêmea” em que a expressão de gênero é atribuída sintaticamente.

A derivação, para a autora, é uma expressão intermediária entre a lexical e a flexional, como se pode ver na figura a seguir.

Figura 4: *Continuum* da expressão linguística



Fonte: Bybee (1985) - Adaptada

Segundo ela, a derivação se aproxima da expressão lexical, na medida em que seus elementos têm aplicabilidade mais restrita e possuem formação mais idiossincrática, por outro lado, possui em comum com a expressão flexional o fato de se manifestar morfológicamente, por meio de afixos em uma única palavra.

Com base nessas reflexões, Bybee (1985) defende que as categorias linguísticas não sejam consideradas discretas e, isto é, por não haver limites intransponíveis entre essas categorias, elementos pertencentes a uma delas pode se movimentar ao longo de um *continuum* e se aproximar do núcleo prototípico da outra. Ou seja, um morfema que hoje é considerado flexional, por exemplo, pode ao

longo do tempo adquirir atributos próprios da derivação, ou até mesmo ter seu conteúdo incorporado ao item lexical ser expresso lexicalmente.

No PB, por exemplo, pode-se encontrar o gênero feminino realizado flexionalmente, derivacionalmente, sintaticamente e lexicalmente, como nos exemplos abaixo.

- (8)**
- a) menina, cantora, brasileira; (flexional)
 - b) condessa, imperatriz; (derivacional)
 - c) jacaré fêmea, corvo fêmea; (sintático)
 - d) nora, cabra, mulher. (lexical)

Tais exemplos colocam em “xeque” a ideia de fixidez das categorias com relação ao seu status flexional ou derivacional. A tradição gramatical considera, por exemplo, que o gênero feminino é expresso na língua portuguesa por meio da flexão. Entretanto, deve-se levar em consideração que não existe uma barreira intransponível entre essas categorias, já que o gênero do nome, como foi visto, pode compartilhar características que são próprias da derivação, como meio de materialização diferente do morfológico⁴, como em “jacaré fêmea” (sintático) e “nora” (lexical) e aplicabilidade restrita⁵, como em “imperatriz” (derivacional).

2.4 LEXICALIZAÇÃO

Vários estudos têm sido desenvolvidos sobre lexicalização, tanto do ponto de vista diacrônico quanto do ponto de vista sincrônico. O termo “lexicalização”, entretanto, tem sido usado nesses estudos para se referir a fenômenos muito

⁴(ii)- Um afixo é flexional se o significado que veicula manifesta-se apenas morfológicamente. Quando há concorrência de estratégias para exteriorizar determinado conteúdo, o afixo deve ser analisado como derivacional. (GONÇALVES, 2011, p. 20)

⁵ (iii) – A flexão é mais aplicável que a derivação, na medida em que estrutura paradigmas mais regulares e sistemáticos. As marcas flexionais são de uso automático, as derivacionais de uso esporádico.

diferentes entre si, gerando inclusive alguma confusão sobre o que vem a ser realmente esse fenômeno.

Segundo Brinton e Traugott (2005), do ponto de vista diacrônico, lexicalização se refere a pelo menos quatro noções distintas. A primeira delas, mais ampla, sugere que esse termo se refira simplesmente à adoção de um novo item pelo léxico de uma língua. Conforme as citações seguintes.

A adoção de uma palavra no léxico de uma língua como uma formação usual que é armazenada no léxico e pode ser evocada de lá para o uso. (BUSSMANN, 1996 apud BRINTON e TRAUGOTT, 2005, p.20)⁶

Um processo pelo qual novas entidades linguísticas, sejam elas palavras simples ou complexas ou apenas novos sentidos, tornam-se convencionalizadas no nível do léxico. (BLANK 2001apud BRINTON e TRAUGOTT, 2005, p.21)⁷

Como se pode ver, essa é uma noção muito genérica, uma vez que independente do processo pelo qual o novo item lexical tenha sido criado, caso seja convencionalizado e utilizado pelos falantes, ocorreria lexicalização. Segundo essa concepção, palavras formadas por processos rotineiros como composição, derivação e conversão seriam considerados como produtos da lexicalização. Autores, como Van Der Auwera (2002, p.20 apud BRINTON e TRAUGOTT, 2005, p.33)⁸, por exemplo, citam processos produtivos de formação de palavra como

⁶“The adoption of a word into the lexicon of a language as a usual formation that is stored in the lexicon and can be recalled from there for use.” (Tradução nossa) BUSSMANN, H. Routledge Dictionary of Language and Linguistics. London and New York: Routledge, 1996.

⁷“A process by which new linguistic entities, be it simple or complex words or just new senses, become conventionalized on the level of the lexicon.” (Tradução nossa) BLANK A. Pathways of lexicalization. In MARTIN H. et al. Language typology and language universals. Berlin and New York, 2001.

⁸ VAN DER AUWERA, Johan. More thoughts on degrammaticalization. In. Wischer and Diewald, eds., 19-29 2002

composição e derivação que produzem a palavra “songwriter” (do inglês: compositor) como um caso de lexicalização.

Brinton e Traugott (2005, p. 33) afirmam que essa é a mais ampla e a menos satisfatória das definições de lexicalização, como se pode ver no trecho abaixo:

Esta é a mais ampla definição e de uma perspectiva histórica, provavelmente a menos satisfatória, pois ela nos diz pouco ou nada sobre que tipo de mudanças os produtos dos diferentes tipos de formação de palavra podem sofrer ao longo do tempo.⁹

Uma segunda acepção, também muito utilizada, refere-se à lexicalização como um processo pelo qual uma palavra é criada fora dos padrões regulares de formação de palavra. Segundo essa noção, a lexicalização ocorre quando “um lexema tem, ou assume, uma forma que não poderia ter se ele tivesse surgido pela aplicação de regras produtivas”¹⁰ (BAUER, 1983 apud BRINTON e TRAUGOTT, 2005, p.21)¹¹. Dessa forma, a criação desse item lexical não poderia ser explicada a partir da aplicação dos processos regulares de formação de palavra como derivação e composição.

Isso ocorre, por exemplo, com palavras formadas por analogia a outras já existentes, como *lerdox*, *bebemorar* e *trêbado*¹². O primeiro, criado a partir de “velox”, marca de internet de banda larga, faz uma crítica à velocidade do produto oferecido pela empresa. “Bebemorar”, criado por associação com a palavra

⁹This is the broadest definition and from a historical perspective, probably the least satisfactory because it tells us little or nothing about what kind of changes the products of different kinds of word formation can undergo over time.

¹⁰ A lexeme has, or takes on, a form which it could not have if it had arisen by the application of productive rules.”

¹¹ BAUER, L. English word Formation. Cambridge: Cambridge Press, 1983.

¹² Exemplos retirados de Gonçalves (2012)

“comemorar”, que por sua vez é formada pelo prefixo “co” (junto) mais o radical “memorar” (lembrar, trazer à memória), toma parte do radical apenas para associar à nova palavra a ideia de comemoração, que nesse caso é feita com o uso de bebidas alcoólicas. Por fim, tem-se a palavra “trêbado”, que retira parte do radical da palavra “bêbado”; a qual é formada pelo radical “beb” (do verbo ‘beber’) mais o sufixo (-ado) formador de adjetivo; e a substitui pela partícula “trê”, dando a entender que o indivíduo qualificado com tal adjetivo está muito bêbado.

A terceira noção de lexicalização refere-se a mudanças de natureza pragmática, em que significados implícitos se tornam convencionais, isto é, significados que determinados itens lexicais possuem apenas em certos contextos, ou seja, no âmbito da pragmática, são codificados como uma polissemia semântica, como afirmam Brinton e Traugott (2005, p. 21):

A terceira interpretação de lexicalização se refere a mudanças implícitas ao sentido codificado (ou convencional), i.e., da pragmática para a polissemia semântica. Por exemplo, “see” (“ver” do inglês) no sentido de ‘experiência visual’ pode ser entendido como ‘entender’ em algumas circunstâncias, e.g., “I see that.” (Eu entendo.) Esse sentido pragmático pode se tornar uma polissemia semântica e eventualmente o único sentido da palavra.¹³

Os autores citam como exemplo o verbo “see” (do inglês “ver”), o qual, embora possua um significado sensorial, isto é, relacionado à visão, pode ser também utilizado pragmaticamente no sentido de “entender”, “compreender”. Segundo eles, um uso pragmático, ou seja, aquele que ocorre apenas em alguns contextos, pode se tornar uma das acepções da palavra, que passaria a ser polissêmica ou, até mesmo, vir a se tornar seu único sentido.

¹³ third interpretation of lexicalization refers to shifts from implied to coded (or conventional) meaning, i.e., from pragmatic to semantic polysemy. For example, see in the sense of ‘visual experience’ can be understood to imply ‘understanding’ in certain circumstances, e.g., *I see that*. This pragmatic meaning may become a semantic polysemy and eventually the only meaning of the word.

Uma quarta concepção do termo estaria relacionada a qualquer outra mudança de natureza semântica. Ou seja, qualquer item que assumisse um novo significado; como a palavra “rede”, por exemplo, que com o advento da tecnologia cibernética assumiu também o sentido de um sistema constituído pela interligação de dois ou mais computadores; teria sofrido um processo chamado de lexicalização.

Nesta tese, entretanto, adota-se a seguinte concepção de lexicalização, a qual se caracteriza por um processo visto do ponto de vista sincrônico, em que assume uma feição bem diferente daquela delineada nos estudos de natureza diacrônica, uma vez que, da perspectiva sincrônica, o que se focaliza é a alternância entre realizações sintáticas ou lexicais para o mesmo conteúdo semântico. Isso ocorre com o item lexical “entrar”, por exemplo, no qual estão expressos ou “lexicalizados” os conteúdos semânticos de {MOVIMENTO} + {DIREÇÃO}, os quais poderiam ser expressos também sintaticamente por meio da expressão “ir para dentro”, por exemplo.

Sendo assim, segundo essa abordagem, uma unidade lexical não deve ser vista como um todo indivisível, ou seja, nessa concepção (Cf. MCCAWLEY, 1968; TALMY 1985, 2000; JACKENDOFF, 1990), o item lexical é interpretado como um feixe de componentes mínimos de significado.

Para defender a existência de uma estrutura pré-lexical, em que haveria apenas componentes universais mínimos de significado que combinados formariam as unidades lexicais, Gruber (1965 p. 11) toma como exemplo o verbo “pierce” (do inglês, “furar”) como na sentença:

- (9) *The pencil pierced (through) the cushion.*
O lápis furou (através de) a almofada

No exemplo, o autor defende que a preposição “through” (do inglês, “atraves de”) não é exigida já que estaria implícita no verbo. Segundo ele, o verbo “pierce”

seria a lexicalização dos traços semânticos “FURAR + ATRAVESSAR”. Assim, nesse sentido, lexicalização significaria a fusão de componentes abstratos de significado e sua concretização por meio da forma lexical.

Seguindo o mesmo raciocínio de Gruber, McCawley (1968) afirmou que alguns itens lexicais incorporavam mais de uma noção semântica e para exemplificar essa afirmação, o autor utilizou o verbo *kill* (matar, do inglês). Para McCawley, *kill* incorpora pelo menos duas noções: a de *mudança de estado de vivo para morto* e a de *causatividade*, enquanto o verbo *morrer*, por exemplo, só possui a noção de *mudança de estado de vivo para morto*.

Um terceiro autor também fez observações parecidas. Leonard Talmy (1985) afirmou que a “combinação de elementos semânticos pode ser expressa por um único elemento formal ou um único elemento semântico pode ser expresso por uma combinação de elementos formais.” (TALMY, 1985, p. 57 – Tradução nossa)¹⁴

2.5 GRAMATICALIZAÇÃO

A gramaticalização é definida de maneira geral como um processo por meio do qual elementos lexicais se tornam elementos gramaticais. Essa assunção, entretanto, vem sendo aprimorada ao longo do tempo, de modo que não se pode afirmar que esse processo seja de fato o desenvolvimento que tem início necessariamente em uma forma lexical e fim em uma forma gramatical.

Segundo Heine (2008), os estudos sobre gramaticalização podem ser divididos em três fases distintas. A primeira fase se relaciona com as reflexões de filósofos franceses e ingleses do século XVIII. Condillac (1746, apud HEINE, 2008)¹⁵,

¹⁴A combination of semantic elements can be expressed by a single surface element, or a single semantic element by a combination of surface elements.

¹⁵ CONDILLAC, Etienne Bonnot de. Essai sur l'origine des connaissances humaines. Paris. 1746.

por exemplo, afirma que categorias gramaticais, como sufixos verbais de tempo e aspecto, além de itens semanticamente abstratos são derivados historicamente de lexemas concretos. Por sua vez, Tooke (1786 apud HEINE, 2008)¹⁶ defendia que as línguas em seu “estágio original” são concretas e que fenômenos de abstração são derivados dessas formas concretas. Segundo o autor, por meio de processos chamados por ele de “abreviação” e “mutilação”, palavras como advérbios, preposições e conjunções são derivadas de nomes e verbos, os quais ele chama de “necessary words”, ou “palavras necessárias”.

A segunda fase, segundo o autor, estaria relacionada aos trabalhos dos linguistas alemães do século XIX. O principal estudioso a tratar de fenômenos relacionados à gramaticalização, embora o termo só tenha sido criado anos mais tarde, foi Franz Bopp (1816), o qual considerava que a mudança de itens lexicais para itens gramaticais era uma noção essencial para a gramática comparativa.

Com a chegada do século XX, diminuiu-se o interesse pelo tema e até a década de 1970 desse século apenas dois autores lançaram mão das noções desenvolvidas nos séculos anteriores. Meillet (1912), que foi quem cunhou o termo “*grammaticalization*”, em francês, e Jerzy Kuryłowicz, (1975), responsável por reconhecer que o processo de gramaticalização não é necessariamente a mudança de um item lexical para um item gramatical, mas também a passagem de um item já gramatical para outro com um nível de gramaticalização mais avançado. Segundo o autor, “A gramaticalização consiste no aumento do percurso de um morfema que avança do léxico para a gramática ou de um estado menos gramatical para um estado mais gramatical.” (KURYŁOWICZ, 1975:52)

Para Heine, a terceira fase só teria início na década de 1970. Inicialmente ligada ao *paradigma do localismo* (ANDERSON, 1971), o qual defendia que expressões espaciais seriam mais básicas que outros tipos de expressão. Seu momento mais importante, entretanto, se deve às pesquisas de Givón (1971, 1979),

¹⁶TOOKE, John Horne. *Epea pteroenta, or The diversions of Purley*. London : Johnson, 1786.

que fez a seguinte afirmação: “A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, dando a entender que isto seria parte de um processo mais geral e cíclico da linguagem, a partir do qual propôs o seguinte *cline* (GIVON, 1979 p.209) do processo de gramaticalização:

(10) Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero

É importante salientar, entretanto, que esse processo de gramaticalização não ocorre de maneira abrupta, de modo que formas emergentes e formas antigas coexistem por um tempo. Tal período de latência é um princípio da teoria da gramaticalização e é chamado por Hopper (1991) de *Princípio da Estratificação*, o qual pode ser verificado na implementação da mudança abordada pela sociolinguística.

A fim de explicar como ocorre a mudança durante o processo de gramaticalização, Hopper e Traugott (1997, p. 6) apresentam o conceito de *cline*:

Básico para o trabalho sobre gramaticalização é o conceito de ‘cline’ (...) Do ponto de vista da mudança, formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas passam por uma série de transições graduais, transições que tendem a ser similares entre as línguas. (Tradução nossa)¹⁷

Segundo essa noção, a mudança pode demorar muitos séculos e não implica o desaparecimento imediato da forma anterior. Assim, durante algum tempo as duas formas tendem a permanecer na língua em variação. Sendo assim, não é conveniente estabelecerem-se categorias discretas ao se classificarem os itens lexicais, mas, seguindo a teoria dos protótipos, pode-se afirmar que um item se afasta gradativamente do núcleo conceptual anterior, enquanto se aproxima do novo.

¹⁷Basic to work on grammaticalization is the concept of a ‘cline’ (...) From the point of view of change, forms do not shift abruptly from one category to another, but go through a series of gradual transitions, transitions that tend to be similar in type across languages.

Além disso, em vários trabalhos como o de Samuels (1971) e Sankoff (1988), o termo gramaticalização refere-se apenas à fase inicial do processo. Samuels (1971), por exemplo, afirma que a gramaticalização ocorre quando uma palavra torna-se vazia de seu conteúdo lexical. Sankoff (1988), por sua vez, defende que a gramaticalização ocorre quando palavras com conteúdo semântico se transformam em palavras funcionais ou quando morfemas de classes abertas se transformam em morfemas de classes fechadas.

Assim, enquanto o *cline* de gramaticalidade apresentado por Givón (1979) se refere a um processo mais geral das mudanças pelas quais as línguas passam, o de Hopper e Traugott (1993), a seguir, representa o processo de gramaticalização de maneira mais específica, a qual se refere às mudanças que levam itens lexicais a se transformarem em itens gramaticais e, avançando nesse processo, conforme Kuryłowicz, (1975), tornarem-se formas ainda mais funcionais, como se pode ver a seguir.

(11) Item lexical > Item gramatical > Clítico > Afixo

Com relação à temporalidade do processo de gramaticalização, um dos traços mais comuns às suas diversas concepções é a noção de que se trata de um processo diacrônico, uma vez que está quase sempre relacionado à evolução histórica da língua, como se pode ver na definição de Traugott e König (1991, apud HEINE et al, 1991, p. 4)¹⁸:

Gramaticalização refere-se principalmente ao processo histórico dinâmico, unidirecional pelo qual itens lexicais no decorrer do tempo adquirem um novo status como formas gramaticais, morfossintáticas, e no processo passam a

¹⁸ TRAUGOTT, Elizabeth C. and KÖNIG, Ekkehard. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In. TRAUGOTT, Elizabeth C., HIENE, Bernd, Approaches to Grammaticalization: Theoretical and methodological issues, vol. 1, 1991.

codificar relações que ou não eram codificadas antes ou eram codificadas diferentemente. (tradução nossa)¹⁹

Uma questão, porém, que tem gerado algumas divergências com relação à gramaticalização é a unidirecionalidade mencionada pelos autores, a qual será discutida mais pormenorizadamente na seção (2.7). Segundo essa visão, as mudanças ocorridas durante esse processo seguem um *continuum* sempre no sentido do menos gramatical para o mais gramatical e nunca o contrário.

Autores como Kahr (1976) e Jeffers e Zwicky (1980) apresentam alguns contraexemplos, que, para Heine et al (1991, p. 4), seriam casos de degramaticalização ou regramaticalização.

O primeiro (degramaticalização) está presente quando a direção da gramaticalização é invertida, isto é, quando uma unidade mais gramatical desenvolve-se para uma menos gramatical, enquanto o último (regramaticalização) é aplicado quando formas sem qualquer função adquirem função gramatical. (tradução nossa)²⁰

Segundo Heine e Reh (1984 *apud* HEINE et al. 1991, p. 15-16)²¹, à medida que o processo de gramaticalização avança, o item tende a:

- a) perder complexidade semântica, significação funcional e/ou valor expressivo;
- b) perder significação pragmática e ganhar significação sintática;

¹⁹Grammaticalization refers primarily to the dynamic, unidirectional historical process whereby lexical items in the course of time acquire a new status as grammatical, morphosyntactic forms, and in the process come to code relations that either were not coded before or were coded differently.

²⁰The former (degrammaticalization) is present when the direction of grammaticalization is reversed, that is, when a more grammatical unit develops into a less grammatical one, while the later (regrammaticalization) applies when forms without any function acquire a grammatical function.

²¹ HEINE, Bernd; REH, Mechthild. Grammaticalization and reanalysis in African languages. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

- c) ter o número de membros pertencentes ao mesmo paradigma morfossintático reduzido;
- d) apresentar decréscimo na variabilidade sintática, ou seja, maior fixidez da sua posição na oração;
- e) tornar-se obrigatório em certos contextos e não-gramatical em outros;
- f) aglutinar-se semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades;
- g) perder substância fonética.

Bybee e Pagliuca (1985, p. 63 *apud* HEINE et al 1991, p. 17)²², por sua vez, estabelecem um paralelo entre a frequência e o processo de gramaticalização. Segundo as autoras, quanto mais elevado o nível de gramaticalização do item, mais frequente e generalizado será seu uso.

Assim como se pode encontrar um número considerável de abordagens sobre gramaticalização, deve-se considerar que a terminologia empregada para se referir ao fenômeno será também bastante abrangente. Enquanto alguns autores se referem ao processo mencionado como gramaticização (cf. GIVÓN, 1975:49, BOLINGER, 1978:489) ou gramatização (cf. ORLANDI, 2002), há quem atribua ao termo gramaticalização uma mera referência ao fato de uma forma linguística ser considerada gramatical, em oposição a uma forma agramatical.

Termos como morfologização ou sintetização também são tomados como sinônimos de gramaticalização, entretanto é necessário que o pesquisador seja bastante prudente, pois cada um desses termos pode não expressar a complexidade

²² BYBEE, Joan L., PAGLIUCA, William. Cross linguistic comparison and the development of grammatical meaning. In Fisiak 1985:59-83.

do fenômeno e apenas referir-se a uma de suas características, não podendo ser, assim, considerados sinônimos.

2.6 DEGRAMATICALIZAÇÃO

Norde (2011, p.475) afirma que o termo degramaticalização foi cunhado por (Lehmann 1995a [1982]: 16) “para se referir a um fenômeno (segundo o autor) inexistente, em um momento no qual havia um consenso de que o único movimento possível era do léxico para a gramática e nunca vice-versa.”. Entretanto, segundo a autora, nas décadas que se seguiram têm crescido as evidências de que a degramaticalização realmente existe, o que faz com que essa noção da unidirecionalidade das mudanças linguísticas seja reconsiderada.

Diante disso, a autora propôs a seguinte definição genérica para degramaticalização:

Degramaticalização é uma mudança complexa em que uma forma linguística em um contexto específico ganha em autonomia ou substância em mais de um nível linguístico (semântica, morfologia, sintaxe ou fonologia) (NORDE, 2009a, p. 120 – Tradução nossa)²³

Em seus estudos, contudo, Norde (2009a) tem argumentado a existência de três tipos básicos de degramaticalização, os quais ela chama de “degrammation”, “deinflectionalization” e “debonding”, os quais serão discutidos a seguir.

Segundo Norde (2011), sua tipologia está baseada em mudanças que envolvem graus de conexão morfossintática entre os elementos linguísticos, já que, para ela, uma tipologia baseada em critérios semânticos poderia colocar num mesmo grupo, por exemplo, casos em que palavras funcionais se tornam palavras

²³Degrammaticalization is a composite change whereby a gram in a specific context gains in autonomy or substance on more than one linguistic level (semantics, morphology, syntax, or phonology).

lexicais com casos em que afixos derivacionais se tornam palavras lexicais, o que lhe pareceu pouco adequado.

O primeiro tipo de degramaticalização explicitado pela autora é a *degramação*, ou “degrammation”, que consiste no raro processo de mudança em que uma palavra funcional se torna uma palavra lexical, ou seja, quando uma palavra é reanalisada como membro de uma classe maior e mais aberta, ganhando conteúdo semântico, como se pode ver na definição abaixo.

Degramação é uma mudança complexa na qual uma palavra funcional em um contexto específico é reanalisada como um membro de uma classe de palavras maior, adquirindo as propriedades morfossintáticas que são típicas dessa classe, e ganhando em substância semântica.(NORDE 2009a p. 135 – Tradução nossa)²⁴

Como se pode ver nessa definição, a *degramação* ocorre quando uma palavra de natureza gramatical adquire propriedades morfossintáticas típicas de uma classe de palavras lexical, como um substantivo ou um verbo, por exemplo. A *degramação* envolve tanto uma mudança semântica – de um conteúdo gramatical para um conteúdo lexical – quanto uma mudança morfossintática – de uma classe menor para uma classe maior, adquirindo as flexões próprias dessa nova classe. Como exemplos desse fenômeno no PB, podemos considerar os seguintes casos.

- (12) a) Ninguém entendia os **porquês** da sua decisão.
b) Precisamos analisar os **prós** e os **contras** dessa análise.
c) Há alguns **poréns** nessa proposta.

Nos exemplos acima, podemos ver que itens de origem gramatical como a conjunção causal “porque”, o prefixo “pró”, a preposição “contra” e a conjunção adversativa “porém” foram reanalisados como substantivos. Além de figurarem

²⁴ Degrammation is a composite change whereby a function word in a specific linguistic context is reanalysed as a member of a major word class, acquiring the morphosyntactic properties which are typical of that word class, and gaining in semantic substance.

sintaticamente em uma função de núcleo do sintagma nominal, adquiriram características flexionais próprias da classe dos nomes.

Segundo a autora, a pouca ocorrência da *degramação* talvez se deva ao fato de ela envolver uma mudança de um item de uma classe menor e sem flexão para uma maior e que possui flexão. Isso significa que para essa mudança ocorrer é necessário que o elemento gramatical possua uma forma que possa ser reanalisada como um item flexionável.

O segundo tipo de degramaticalização, que é o que mais nos interessa nesta pesquisa, é o que a autora chama de *deflexionalização*, ou “deinflectionalization”, em suas palavras, definida da seguinte forma:

Deflexionalização é uma mudança complexa em que um afixo flexional em um contexto linguístico específico ganha uma nova função, enquanto se torna um tipo de morfema menos preso. (NORDE 2009a: 152 – Tradução nossa)²⁵

Como se pode ver, segundo a autora, a deflexionalização ocorre quando um afixo flexional se torna um tipo de morfema menos preso, como um afixo derivacional ou um clítico. Segundo ela, “a principal razão para considerarmos afixos derivacionais ‘menos gramaticais’ [do que afixos flexionais] é porque afixos derivacionais não são gramaticalmente obrigatórios” (NORDE, 2011, p. 482)²⁶, além de poderem ser substituídos por outras expressões. Como se pode ver na seguinte citação:

Na deflexionalização, pode-se dizer que itens gramaticais tornam-se menos obrigatórios, [...] enquanto clíticos ou marcadores derivacionais podem ser

²⁵ Deinflectionalization is a composite change whereby an inflectional affix in a specific linguistic context gains a new function, while shifting to a less bound morpheme type.

²⁶ And the main reason why derivational affixes are considered ‘less grammatical’ is that they are not grammatically obligatory.

substituídos por outras expressões. (NORDE, 2011, p. 483 – Tradução nossa)²⁷

Afirmção semelhante é feita por Gonçalves (2011, p. 12-13) quando diz que:

A flexão força escolhas por parte dos falantes, e por isso mesmo afixos dessa natureza são obrigatórios: têm uso compulsório e são previsíveis a partir de uma construção sintática. As unidades da derivação, ao contrário, podem ser substituídas por alguma classe especial de formas simples sem produzir mudança na construção, o que as torna, de certo modo, opcionais.

O terceiro e último tipo de degramaticalização enumerado por Norde (2011) é o *descolamento*, ou “debonding”, que envolve a mudança de um morfema conectado a uma palavra para um morfema livre. A autora define o *descolamento* da seguinte forma:

Descolamento é uma mudança complexa em que um morfema conectado em um contexto específico se torna um morfema livre. (NORDE 2009a: 186 – Tradução nossa)²⁸

Segundo a autora, o *descolamento* é o mais comum entre os tipos de degramaticalização, entretanto é o mais heterogêneo, já que a forma de origem pode ser um afixo flexional, um afixo derivacional e até mesmo um clítico. Entretanto, a autora afirma que afixos flexionais e clíticos, diferentemente do que ocorre com afixos derivacionais, mantêm as mesmas funções gramaticais que possuíam quando estavam conectados. Por outro lado, como sufixos derivacionais não têm função gramatical, sendo usados para formar novas palavras, eles expandem sua substância semântica.

²⁷ In deinflectionalization, grams can be said to become less obligatory, [...] whereas clitics or derivational markers may be substituted by other expressions.

²⁸ Debonding is a composite change whereby a bound morpheme in a specific linguistic context becomes a free morpheme.

Como exemplo de descolamento no PB, poderíamos mencionar o prefixo “super-”, que tradicionalmente conectado a adjetivos ou substantivos como em “superestimado” ou “super-herói”, tem cada vez mais sido grafado pelos usuários da língua como uma palavra independente, além de ocorrer com outras classes gramaticais em dados da oralidade, como ocorre nos seguintes exemplos.

- (13) a) Gostaria de dizer a todos vocês um **super** obrigado!
b) Você sabe que eu estou **super** aí pra você, né?
c) Eu **super** acredito que isso é verdade.

Como se pode ver, nos exemplos, o prefixo “super-“ está se referindo a classes gramaticais diferentes. Exemplos como esses são muito comuns, principalmente na fala de pessoas mais jovens, e podem ser encontrados inclusive escritos em textos menos formais como nas redes sociais.

2.7 DEGRAMATICALIZAÇÃO, LEXICALIZAÇÃO E A HIPÓTESE DA UNIDIRECIONALIDADE

Com o aumento do interesse pelos estudos sobre gramaticalização na década de 1980 e início da década de 1990, novos questionamentos surgiram sobre fenômenos que desafiam a tão mencionada nesses trabalhos *Hipótese da Unidirecionalidade*²⁹. Segundo Norde (2001, p.231), “esta hipótese prediz que itens lexicais podem se transformar em itens gramaticais ou itens menos gramaticais podem se transformar em itens mais gramaticais, mas não vice-versa.”³⁰

De acordo com a autora, a noção de unidirecionalidade está implícita na maioria das definições de gramaticalização como na clássica definição de Kuryłowicz (1975):

²⁹ No trabalho de Heine (et al.), é usado o termo ‘princípio da unidirecionalidade (c.f. Heine, Claudi & Hünemeyer 1991, Heine 1997).

³⁰This hypothesis predicts that lexical items may grammaticalize into grammatical items or that less grammatical items may grammaticalize into more grammatical items, but not vice versa.

A gramaticalização consiste no aumento do percurso de um morfema que avança do léxico para a gramática ou de um estado menos gramatical para um estado mais gramatical. (KURYŁOWICZ, 1975:52)

Assim, a unidirecionalidade é uma característica intrínseca ao processo de gramaticalização, como se pode ver no trecho abaixo:

uma mudança que resulta em um movimento da esquerda para a direita no cline da gramaticalidade é um exemplo de gramaticalização; uma mudança que resulta em um movimento da direita para a esquerda, ou mesmo em nenhum movimento, não é. Nesse sentido, a unidirecionalidade da gramaticalização é tautológica (NORDE, 2001, p. 233)³¹.

Como se pode ver, segundo a autora, dizer que a gramaticalização é um processo unidirecional é redundante, no sentido de que, se o processo é de gramaticalização, só pode ser da esquerda para a direita no *cline* de gramaticalidade, já que isso está implícito no próprio nome do processo.

Alguns autores, entretanto, (c.f. LEHMANN, 2002 [1982]; HEINE et al, 1991), têm argumentado em favor do que a autora chama de “*Strong Unidirectionality Hypothesis*” (Hipótese da Unidirecionalidade Forte). Segundo essa versão da hipótese, não somente a gramaticalização, mas as mudanças gramaticais em geral seriam processos unidirecionais, no sentido do léxico para a gramática.

Para ela, todavia, há fortes evidências para se acreditar na existência de processos de mudança que não se dão nesse sentido. Em favor de seu ponto de vista, discute três tipos de mudança que não resultam de um movimento da esquerda para a direita no *cline* de gramaticalidade: a conversão lateral, que não afeta o nível de gramaticalidade do item, a lexicalização e a degamaticalização.

³¹A change which results in a shift from left to right on the cline of grammaticality is an instance of grammaticalization; a change which results in a shift from right to left, or no shift at all, is not. In this sense, ‘unidirectionality of grammaticalization is a tautology’

Segundo a autora, conversões laterais podem ser definidas como “mudanças de uma categoria para outra no mesmo nível de gramaticalidade” (NORDE, 2001, p.236)³². Como exemplo, menciona casos em que itens lexicais se transformam em outros itens lexicais, como o item *pobre* em “os pobres” (adjetivo para substantivo).

Além disso, a autora cita o próprio Lehmann (2002, p.10) para afirmar que casos de conversão lateral não estão restritos ao nível do item lexical, podendo ser também encontrados no nível morfológico. Como exemplo, refere-se ao sufixo marcador de objeto em Tok Pisin “-*im*” (derivado do inglês *him*) que evoluiu para um marcador invariável de verbo transitivo. A afirmação de Lehmann para esse caso é que “não parece correto dizer que o sufixo -*im* [...] se torna mais gramatical” (LEHMANN, 2002, p.10 – Tradução nossa)³³

Ou seja, o próprio Lehmann, um dos maiores defensores da Hipótese da Unidirecionalidade Forte, admite que haja mudanças que não resultam em movimentos da esquerda para a direita no *cline* de gramaticalidade.

O segundo tipo de mudança linguística que não implica um movimento da esquerda para a direita, segundo a autora, é a lexicalização. Como lexicalização, ela define casos de mudança em que itens gramaticais se tornam lexicais e dá exemplos do inglês em que nomes são lexicalizados a partir de advérbios, como “**ups** and **downs**” (*altos e baixos*), verbos a partir de advérbios “**up** the price” (*aumentar o preço*) e nomes a partir de conjunções “**ifs** and **buts**” (*ses e poréns*). Como exemplos de sufixos lexicalizados ela menciona o caso do sufixo “-ism” (-*ismo*) como em “*behaviourism and other isms*” (*behaviorismo e outros ismos*).

No português também podemos encontrar exemplos como os mencionados pela autora, como se pode ver a seguir.

³² “changes from one category to another on the same level of grammaticality”

³³“it does not seem correct to say that the suffix -*im* [...] becomes more grammatical”

- (14) a. Todo mundo tem um **ex** com quem ainda convive.
b. Queria fazer uma **pós**, mas estou sem dinheiro.
c. Ser **bi** hoje em dia está na moda.

Nos exemplos, podemos ver prefixos que foram lexicalizados. O prefixo “ex”, quando desconectado de um nome, refere-se a qualquer pessoa com quem se teve um relacionamento amoroso, o prefixo “pós”, nas mesmas condições, a um curso feito após a graduação e “bi”, quando sozinho, refere-se necessariamente a uma pessoa cuja orientação sexual o faz relacionar-se com pessoas de ambos os sexos.

Norde (2001) faz questão de deixar claro que a lexicalização não é, contudo, um processo de gramaticalização invertido, conforme citação a seguir.

Pelos exemplos de lexicalização de afixos, fica evidente que a lexicalização não é simplesmente ‘gramaticalização reversa’. Ao invés de mudanças graduais da direita para a esquerda, passando por estágios intermediários, eles ‘pulam’ diretamente para o nível da lexicalidade (NORDE, 2001, p. 237 – tradução nossa)³⁴

Como se pode ver, para ela, a lexicalização não é necessariamente um processo contradirecional, ou seja, um movimento direcional da direita para a esquerda, mas “essencialmente um processo não-direcional” (ibid.), já que o material linguístico que lhe serve de *input* pode ser de natureza diversa, como frases “*bem-me-quer*”, acrônimos como “*enem*” “Exame Nacional do Ensino Médio” e até partes de palavras como prefixos.

Por fim, Norde (2001) menciona a degramaticalização como evidência de que as mudanças linguísticas não são unidirecionais, já que este é um tipo de mudança que se dá da direita para a esquerda no *cline* de gramaticalidade. A autora, afirma,

³⁴From the examples of the lexicalization of affixes it becomes evident that lexicalization is not simply ‘grammaticalization reversed’. Instead of gradually shifting from right to left, passing through intermediate stages, they ‘jump’ directly to the level of lexicality.

entretanto, que a degramaticalização não deve ser considerada um “espelho” da gramaticalização, como se pode ver a seguir.

Um dos poucos autores que discutem explicitamente a questão é Plank (1995)³⁵. Em seu interessante artigo, Plank levanta a questão de se a degramaticalização deve ser considerada como a imagem espelhada da gramaticalização, e conclui que não. (NORDE, 2001, p. 243 – Tradução nossa)³⁶

Para a autora, se assim o fosse, a degramaticalização de fato não ocorreria, já que elementos que foram gramaticalizados não podem voltar ao seu estado anterior, como, por exemplo, não se esperaria que a desinência de futuro do português como em “cantarei”, que se desenvolveu a partir do latim “*cantare habeo*”, se destacasse do verbo “cantar” e se transformasse novamente no verbo pleno “haver”.³⁷

Para a autora,

Isso seria logicamente impossível, uma vez que a gramaticalização frequentemente envolve redução semântica e fonológica, e enquanto a gramaticalização para uma forma reduzida pode ser previsível da forma plena original, uma forma plena, evidentemente, não é previsível de uma forma reduzida.³⁸

³⁵PLANK, F., Entgrammatisierung — Spiegelbild der Grammatisierung? In: Boretzky, N., Dressler, W., Orešnik, J., Teržan, K., Wurzel, W. (Eds.), *Natürlichkeitstheorie und Sprachwandel*. Universitätsverlag Brockmeyer, Bochum, 1995, pp. 199-219.

³⁶One of the few authors who explicitly discuss this issue is Plank (1995). In this interesting paper Plank raises the question of whether degrammaticalization should be considered as the mirror image of grammaticalization, and he concludes that it should not.

³⁷ Abordagem feita pela autora utilizando como exemplo o verbo francês “chantarai”.

³⁸This would be logically impossible, since grammaticalization frequently involves semantic and phonological reduction, and while the grammaticalization into a reduced form may be predictable from the original full form, a full form is evidently not predictable from a reduced form.

Assim, para Norde (2001), a degramaticalização se refere a um desenvolvimento contradirecional, já que se desenvolve da direita para a esquerda no *cline* de gramaticalidade, mas não no sentido de se retornar ao estado anterior que as formas tinham antes de se gramaticalizarem, mas no sentido de desenvolver novas formas e construções que sejam menos gramaticais.

É importante, todavia, esclarecer que, embora tanto o termo degramaticalização quanto lexicalização se refiram a mudanças de um estado mais gramatical para um menos gramatical (ou mais lexical) não devem ser considerados sinônimos, já que denominam fenômenos distintos. Enquanto a lexicalização, como foi visto, é um processo em que o item “salta” diretamente para o extremo esquerdo do *cline* de gramaticalidade, a degramaticalização, em particular, a deflexionalização, é um processo paulatino, passando por mudanças graduais de um estado mais gramatical para um menos gramatical, de forma que o processo chamado por Norde (2011) de deflexionalização seguiria o seguinte *cline* o qual proponho a seguir:

(15) afixo flexional > afixo derivacional > clítico > item gramatical > item lexical

Willis (2007, p. 273) propõe cinco processos relacionados a diferentes dimensões que caracterizariam a degramaticalização.

- (i) ‘fortalecimento’ fonológico;
- (ii) movimento para a direita ao longo do *cline* ‘afixo > clítico > palavra independente’;
- (iii) reanálise de categoria gramatical para lexical;
- (iv) mudança metafórica de abstrato para concreto;
- (v) inferências pragmáticas de abstrato para concreto.

Além disso, Willis (2008) apresenta evidências de que em línguas eslavas afixos flexionais têm se transformado em clíticos, sofrendo, portanto, degramaticalização. Segundo o autor,

Trabalhos recentes em gramaticalização destacaram casos em que antigos afixos flexionais ganharam independência em um caminho inesperado em direção ao status de clítico ou de palavra completa. Tais casos desafiam a hipótese unidirecional da gramaticalização no nível formal (palavra > clítico > afixo) (WILLIS, 2008 p. 1).³⁹

Embora estudos sobre degramaticalização no português sejam pouco frequentes, dificultando a exemplificação, poderíamos refletir sobre a mudança pela qual vêm passando os clíticos pronominais (*me, te, se*), no PB, que abandonaram na fala cotidiana a posição enclítica e se moveram para antes do verbo.

Neste processo, os pronomes pessoais átonos sofreram, aparentemente, pelo menos dois dos processos descritos por Willis (2007), *(i) fortalecimento fonológico* e *(ii) movimento para a direita ao longo do cline 'afixo > clítico > palavra independente'*. Embora não os possamos considerar formas livres, devido ao seu comportamento sintático limitado; segundo Galves e Abaurre (1996), com o passar do tempo, tais clíticos se tornaram mais fortes fonologicamente, adquirindo, assim, maior independência, o que os faz moverem-se como sintagmas, como se pode ver a seguir.

... todos os clíticos são clíticos “fortes”, inclusive o de terceira pessoa *lhe*, que se alinhou no resto do paradigma uma vez desaparecido (ou em via de desaparecimento) o clítico *o/a*. E todos se movem como sintagmas (GALVES e ABAURRE, 1996, 311).

³⁹Recent work in grammaticalization has highlighted cases where former inflectional affixes have gained independence on an unexpected path towards clitic or full-word status. Such cases challenge the hypothesized unidirectionality of grammaticalization at the formal level (word > clitic > affix).

No mesmo sentido argumentam os autores Lobo, Lucchesi e Mota, (1991, p. 155) ao afirmarem que

“enquanto em Portugal houve o enfraquecimento na pronúncia dos pronomes átonos, fazendo com que a língua manifestasse a preferência pela ênclise, visto que tende a ‘incorporar os pronomes oblíquos (...) ao verbo, deles fazendo uma espécie de sufixo’; no Brasil, ‘ao invés de ter ocorrido o enfraquecimento das vogais não acentuadas, houve (...) o seu fortalecimento’, convertendo-se os pronomes em “partículas semitônicas”.

Como se pode ver, para os autores, enquanto no português europeu os pronomes átonos conservam seu *status* de clíticos, no PB, esses pronomes deixaram de exibir algumas propriedades dessa categoria linguística e adquiriram algumas características próprias de palavras autônomas. O que nos faz sugerir que tais palavras, ainda que de modo incipiente, estejam passando por um processo de degramaticalização.

Sendo assim, não se pode afirmar que toda mudança linguística seja direcional no sentido do menos gramatical para o mais gramatical. Exemplos como os mencionados nesta seção, desafiam a Hipótese da Unidirecionalidade Forte, já que, como foi visto, há várias mudanças linguísticas que não se desenvolvem no sentido da gramaticalização. Embora se reconheça, assim como afirma Norde (2011), que “o número relativamente baixo de mudanças de degramaticalização atestadas confirma que existem fortes tendências direcionais na mudança gramatical, [...] mudanças na direção ‘reversa’ são evidentemente possíveis”.⁴⁰ Além do que, como afirmam Harris e Campbell (1995, p. 338) “nenhuma teoria razoável pode ignorar dados apenas porque eles são inconvenientes; uma teoria adequada

⁴⁰ the relatively low number of attested degrammaticalization changes confirms that there exist strong directional tendencies in grammatical change. [...] change in the ‘reverse’ direction is evidently possible (NORDE, 2001:486-487)

precisa explicar fenômenos infrequentes, não apenas para os padrões mais comuns.”.⁴¹

2.8 A EXPRESSÃO DO NÚMERO NAS LÍNGUAS

Segundo Corbett (2000), as pessoas frequentemente consideram a maneira como a categoria de número se manifesta no inglês como o “normal”. Entretanto, o autor afirma que a maneira como essa categoria se realiza nas línguas ao redor do mundo varia bastante. A primeira consideração que faz sobre essa variabilidade é com relação à opcionalidade da expressão de número nas línguas. Segundo ele, enquanto falantes de algumas línguas não podem evitar a informação de número nos nomes, isto é, se o nome está no singular ou no plural; em outras línguas, essa expressão é opcional, de maneira que é possível usar um nome sem precisar se ele está no singular ou no plural, ou seja, nessas línguas os nomes seriam neutros com relação à categoria de número.

Para investigar essa diferença, o autor lança mão do conceito de número geral ou *general number*, em suas palavras, como se pode ver nesse trecho:

Em inglês, geralmente somos forçados a escolher entre o singular e o plural quando usamos um substantivo. No entanto, existem idiomas para os quais o número é menos dominante, idiomas nos quais o significado do substantivo pode ser expresso sem referência ao número. Vamos chamar isso de 'número geral', com o qual queremos dizer que ele está fora do sistema de número. (CORBETT, 2000, p. 9-10)⁴²

⁴¹no reasonable theory can ignore data just because they are inconvenient; an adequate theory must account for infrequent phenomena, not merely for the most common patterns.(HARRIS E CAMPBELL, 1995, p. 338)

⁴²In English we are usually forced to choose between singular and plural when we use a noun. However, there are languages for which number is less dominant, languages in which the meaning of the noun can be expressed without reference to number. We shall call this ‘general number’, by which we mean that it is outside the number system.

Como exemplo, o autor menciona a língua bayso, falada no sudeste da Etiópia, que possui formas para o nome que têm um significado geral, como por exemplo, a palavra “LÚBAN” (leão) que denota um tipo de animal, mas não faz referência se se trata de um único exemplar da espécie ou de mais de um. Nessa língua, podem-se fazer as seguintes distinções de número:

(16) Lúban foofe
‘leão’ (geral) ‘ver’ (1.SG.pass.)
“Eu vi leão”. (poderia ser um ou mais de um)

(17) Lúban-titi foofe
‘leão’ (singular) ‘ver’ (1.SG.pass.)
“Eu vi um leão”.

(18) Lúban-jaa foofe
‘leão’ (paucal)⁴³ ‘ver’ (1.SG.pass.)
“Eu vi alguns leões”. (entre dois e seis)

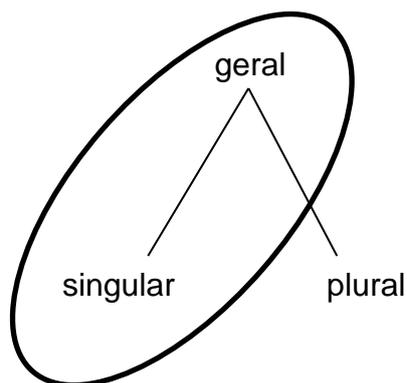
(19) Lúban-jool foofe
‘leão’ (plural) ‘ver’ (1.SG.pass.)
“Eu vi (vários) leões”.

Como se pode ver, a palavra *lúban* não possui uma marca de número, podendo se referir tanto a um único animal como a mais de um. O autor destaca, todavia, que línguas que possuem uma forma específica para expressar um significado geral, como a língua bayso, não são muito frequentes entre as línguas do mundo. Segundo ele, é mais comum que línguas que possuem um significado geral

⁴³ É um número gramatical existente em algumas línguas que, referindo-se a mais do que um elemento, distingue-se do plural, tendo em vista que se refere a poucos elementos de dada categoria.

compartilhem a forma com o singular, estabelecendo-se a oposição geral/singular *versus* plural, como se pode ver no diagrama a seguir:

Figura 5: Sistema com geral/singular *versus* plural



Fonte: CORBETT (2000)

O autor cita como exemplo de línguas desse tipo o turco que apresenta a mesma forma para o singular e para um significado genérico, como se pode ver no exemplo a seguir.

(20)	ev	evler
	'casa' (sing.) / 'casas' (geral)	'casas' (plural)

O autor pontua, entretanto, que isso não quer dizer que esse tipo de língua seja incapaz de fazer um contraste de número, uma vez que há vários outros recursos para se fazer essa distinção, como o uso de numerais, em especial o “um”, o uso de artigos e assim por diante. Todavia, ele enfatiza que esta distinção só é feita quando se faz necessário e não automaticamente como no inglês.

3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

3.1 POPULAÇÃO E AMOSTRA

O *corpus* desta pesquisa foi obtido por meio de um teste aplicado a 36 informantes, da cidade de Belo Horizonte, estratificados socialmente em três variáveis: faixa etária, escolaridade e sexo/gênero.

A variável faixa etária dividiu-se em três grupos, pois assim, segundo Labov (2008, p.78), é possível “detectar alguma direção geral da mudança”. O primeiro grupo foi composto por falantes de 20 a 35 anos, o qual chamamos de *Jovens*; o segundo foi composto por falantes de 40 a 55 anos, sendo denominado *Adultos* e o terceiro, composto por falantes entre 60 e 75 anos, foi denominado *Idosos*.

Seguindo o modelo aplicado por Labov (2008, p.78), foi deixado um intervalo de 5 anos entre cada grupo, a fim de se evitar que falantes de idades limítrofes entre as faixas etárias apresentassem mais semelhanças entre si do que com outros falantes de seu próprio grupo. Por exemplo, se as faixas etárias fossem divididas entre falantes de 20 a 39 anos, de 40 a 59 e de 60 a 79, poder-se-ia correr o risco de que alguém de 39 anos apresentasse um dialeto mais parecido com um de 40 anos, do que com um de 20.

A variável escolaridade foi dividida em dois grupos, um em que os falantes deveriam possuir apenas Ensino Fundamental e um segundo em que os falantes deveriam possuir no mínimo Ensino Superior completo.

Durante a coleta de dados, não se obteve sucesso em alcançar o número de cinco informantes por célula social, assim como orienta Labov (2008), devido à dificuldade de se encontrarem informantes da faixa etária de 20 a 35 anos apenas com Ensino Fundamental, graças ao esforço governamental para que os alunos concluam a Educação Básica; e da faixa etária de 60 a 75 anos, com curso superior e nascidos na cidade. Isto se deveu ao cuidado que se teve de se escolherem

apenas informantes nascidos e criados na cidade, a qual é relativamente jovem, com apenas 122 anos.

Com relação à variável sexo/gênero, a divisão foi feita também em dois grupos, denominados *homens* e *mulheres*. Como se pode ver no quadro abaixo.

Quadro 4: Informantes estratificados em variáveis sociais

Informantes		
<i>Escolaridade</i>	<i>Faixa Etária</i>	<i>Sexo/Gênero</i>
Ensino Fundamental (18 informantes)	Jovens "20 a 35 anos" (6 informantes)	Homens (3 informantes)
		Mulheres (3 informantes)
	Adultos "40 a 55 anos" (6 informantes)	Homens (3 informantes)
		Mulheres (3 informantes)
	Idosos "60 a 75 anos" (6 informantes)	Homens (3 informantes)
		Mulheres (3 informantes)
Ensino Superior (18 informantes)	Jovens "20 a 35 anos" (6 informantes)	Homens (3 informantes)
		Mulheres (3 informantes)
	Adultos "40 a 55 anos" (6 informantes)	Homens (3 informantes)
		Mulheres (3 informantes)
	Idosos "60 a 75 anos" (6 informantes)	Homens (3 informantes)
		Mulheres (3 informantes)

Fonte: dados desta pesquisa

Antes que se iniciasse a coleta dos dados, submeteu-se o projeto desta pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (COEP/CEP-UFMG), o qual o aprovou. Conforme resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que determina que os informantes precisam estar cientes das condições de sua participação na pesquisa, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), declarando que sua participação era voluntária e que ele poderia retirar seu consentimento a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

3.2 COLETA DE DADOS

A partir de uma intuição prévia e de algumas verificações feitas por meio de testes preliminares, deduziu-se que o fenômeno em análise apresentava um comportamento variável a depender de características semânticas do item lexical. Diante disso, julgou-se necessário estabelecer uma tipologia composta por quatro grupos de palavras com as seguintes características:

- a) nomes que se referem a pares e que são partes do corpo, como “mãos”, “pés” e “olhos”;
- b) nomes que se referem a pares, mas que não são partes do corpo, como “sapatos”, “brincos” e “faróis”;
- c) nomes que se referem a conjuntos e que são partes do corpo, como “cabelos”, “dedos” e “dentes”;
- d) nomes que não se referem nem a pares nem a conjuntos e que não são partes do corpo, como “casas”, “carros” e “bicicletas”.

A coleta dos dados foi feita por meio de um teste realizado da seguinte maneira. Primeiramente foi feita uma seleção de imagens, que deveriam ser descritas pelos informantes, com a representação fotográfica de elementos cujos

nomes se enquadrassem em um dos quatro grupos mencionados. As palavras selecionadas para cada um dos grupos seguem no quadro abaixo:

Quadro 5: Tipologia dos itens lexicais de acordo com suas características semânticas

Grupo 'a'	Grupo 'b'	Grupo 'c'	Grupo 'd'
OLHO	SAPATO	DEDO	MILHO
MÃO	SANDÁLIA	UNHA	CARRO
BRAÇO	BRINCO	DENTE	CASA
PERNA	FAROL	PELO	BICICLETA
PÉ	RETROVISOR	CABELO	CADEIRA

Para o primeiro grupo (a), foram selecionadas imagens em que aparecia apenas um par dos elementos e outras em que aparecia mais de um par desses mesmos elementos, para verificar se ocorreria diferença na realização do plural diante desses dois tipos de imagem.

Nas imagens do quarto grupo (d), foram apresentadas fotografias em que estivessem dois elementos de cada, para que se pudesse comparar com os elementos do segundo grupo, os quais se referem a pares.

Além disso, levando em consideração que o presente estudo sugere que falantes estejam se referindo a elementos plurais, utilizando expressões sem marca de plural, surgiu questionamento de como esses falantes realizariam o singular nesses casos. Assim, com a finalidade de se verificar essa informação, foram mostradas aos informantes imagens em que houvesse apenas um referente do item lexical. Para testar essa realização do singular foram selecionados os itens lexicais MÃO, SAPATO, DEDO e CASA, ou seja, um item de cada grupo.

Assim, foi selecionado um total de 29 imagens, já que as palavras do grupo (a) "OLHO, MÃO, BRAÇO, PERNA e PÉ" foram repetidas, uma vez com apenas um par e uma segunda vez com mais de um par, além das palavras "MÃO, SAPATO,

DEDO e CASA” que foram representadas uma vez mais, porém por meio de uma imagem em que só havia um desses itens, como explicitado anteriormente, com a finalidade de testar a realização do singular. Seguem algumas imagens que exemplificam cada um dos tipos de palavra que foram pesquisados.

Figura 6: Exemplos de imagens do grupo (a)



Fonte: Google Imagens

Figura 7: Exemplos de imagens do grupo (b)



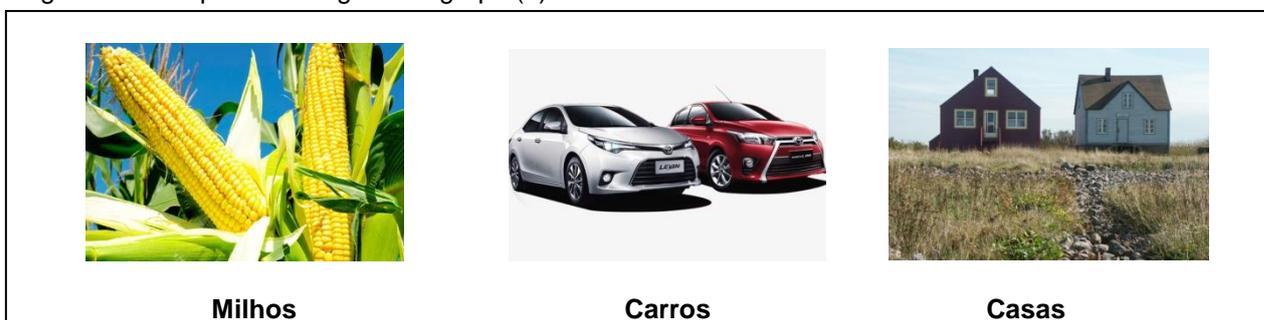
Fonte: Google Imagens

Figura 8: Exemplos de imagens do grupo (c)



Fonte: Google Imagens

Figura 9: Exemplos de imagens do grupo (d)



Fonte: Google Imagens

3.3 TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Coletados os dados, procedeu-se à sua transcrição. Os áudios dos testes, com duração entre 6 e 15 minutos aproximadamente, foram feitos considerando as variações morfológicas. Assim, caso o informante tenha apresentado, por exemplo, a marca de plural apenas no determinante, a transcrição apresentou essa informação como no exemplo a seguir:

(21) “isso aí é *várias* mulher com as perna cruzada.” (FHRT-M-Fe1-EF)

Essa fidelidade morfológica foi indispensável durante a transcrição, tendo em vista que o fenômeno em análise trata exatamente da variação desses traços.

3.4 AS VARIÁVEIS

3.4.1 A variável dependente

A análise dos dados foi feita em duas etapas. Na primeira etapa, para se investigar o processo de apagamento total das marcas de plural em todo o sintagma nominal (SN), tomou-se como variável dependente as formas variantes: (1) Plural nulo - em que, embora o informante esteja se referindo a mais de um elemento, não haja marca de plural nem no núcleo nominal nem no antecedente; e (0) Plural padrão - em que tanto o núcleo nominal quanto o antecedente apresentam marca de plural, como no quadro a seguir.

Quadro 6: Variável dependente para investigação do apagamento total das marcas de plural

Código	Variante	Exemplo
1	Plural nulo	'a mão'
0	Plural padrão	'as mãos'

Na segunda etapa, a fim de se investigar o processo de apagamento parcial das marcas de plural, tomou-se como variável dependente as formas variantes: (1) Plural não redundante - em que a marca de plural está presente apenas no antecedente do núcleo nominal e (0) Plural padrão - em que a marca de plural está presente no antecedente e no núcleo nominal. Como no quadro a seguir.

Quadro 7: Variável dependente para investigação do apagamento parcial das marcas de plural

Código	Variante	Exemplo
1	Plural não redundante	'as mão'
0	Plural padrão	'as mãos'

3.4.2 As variáveis independentes sociais

3.4.2.1 Faixa etária dos informantes

Estudos de natureza sociolinguística têm demonstrado que as mudanças linguísticas não ocorrem abruptamente, mas, sim, de maneira gradual e lenta. Isso quer dizer que a substituição de uma forma anterior por outra mais nova não ocorre imediatamente. O processo mais natural é que a nova variante coexista com a antiga até que uma delas vença a disputa e passe a ser a única utilizada. Ainda assim, é importante observar que nessa concorrência há uma progressão no incremento da forma inovadora e diminuição paulatina de uso da primeira. Além disso, cabe ressaltar que as mudanças não ocorrem na língua como um todo, mas em estruturas particulares. Todavia, segundo Naro e Scherre (2007), em longo prazo, “a mudança acaba afetando todos os itens lexicais e todas as estruturas de um determinado tipo.”.

Ainda segundo os autores, “Sob a hipótese clássica, o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade.” Assim, a língua de um falante de 60 anos refletiria a fala das pessoas de aproximadamente 45 anos atrás, um falante de 40 anos usaria uma variante usada pelas pessoas há 25 anos e assim por diante.

Em seu estudo na ilha de Martha's Vineyard, Labov (1963) investiga o fenômeno da centralização do ditongo /aw/, em palavras como “*now*” e “*out*”, por exemplo. Nesse estudo, o autor observou que de quatro níveis diferentes de centralização, pessoas mais velhas preservavam a forma mais tradicional, ou seja, a menos centralizada, enquanto, à medida que a idade dos falantes diminuía, o grau de centralização do ditongo aumentava.

Sua conclusão foi que pessoas de gerações diferentes apresentavam pronúncias diferentes, o que o fez estabelecer que a observação de diferenças linguísticas entre gerações refletiam desenvolvimentos diacrônicos da linguagem,

método que se convencionou chamar de *estudo da mudança em tempo aparente*. Estudos desse tipo procuram fazer uma análise das mudanças pelas quais a língua vem passando ao longo do tempo, fazendo, contudo, uma coleta sincrônica. Assim, para se estabelecer a tendência de uma variante seguir sendo usada em detrimento de outra, é importante analisar como pessoas de idades diferentes se comportam ao utilizar formas que se encontrem em variação.

3.4.2.2 *Sexo/gênero dos informantes*

As diferenças na fala de homens e de mulheres vão muito além do timbre. Embora seja interessante para estudos de natureza fisiológica o fato de a voz masculina e a feminina possuírem alturas⁴⁴ diferentes, o foco dos estudos sociolinguísticos que levam em consideração o gênero dos falantes é outro.

Segundo Paiva (2007, p.33), “as diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres se situam no plano lexical”. A autora ainda afirma que essas diferenças tendem a desaparecer progressivamente em sociedades ocidentais, apesar de ainda ser possível ouvirmos pessoas falarem que determinadas palavras não são adequadas para mulheres falarem, por exemplo.

O primeiro estudo a fazer referência à variação linguística sendo influenciada pelo sexo/gênero dos falantes é de Fischer (1958), intitulado *Social influences on the choice of a linguistic variant*, em que o autor analisa a pronúncia do sufixo inglês “-ing”. Em sua análise, Fischer verifica que a pronúncia velar desse sufixo, considerada a pronúncia padrão, era mais frequente entre as mulheres, enquanto os homens apresentavam uma pronúncia dental.

⁴⁴ Trata-se uma característica da voz humana e de outros sons que nos permite classificá-los como grave ou agudo. Geralmente, homens possuem voz mais grave e mulheres voz mais aguda.

Tal constatação revelou não apenas um dado fonológico, mas também demonstrou que tal diferença de pronúncia recebe uma valorização social, já que, naquele contexto, a forma velar foi avaliada como mais prestigiada que a dental. Assim, o autor demonstra que mulheres tendem a preferir as formas linguísticas de prestígio e que elas são mais sensíveis às normas linguísticas.

Estudos dessa natureza têm revelado que as mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística desde que as formas inovadoras, ou possuam prestígio social, ou simplesmente não sejam conscientemente estigmatizadas pelos falantes, como afirma Labov (2001, p. 292): “na mudança linguística abaixo do nível de consciência, mulheres usam uma frequência mais alta de formas inovadoras do que homens.”⁴⁵, Tal fato pôde ser observado no estudo de Labov (1966) sobre o inglês de Nova York, em que a pronúncia do “R” retroflexo no final de sílabas em palavras como em “*card*”, por exemplo, foi encontrada mais frequentemente na fala das mulheres, já que não possuía estigma social.

Por outro lado, quando a variante linguística é estigmatizada, os homens tomam a dianteira no processo de mudança, enquanto as mulheres tendem a usar a forma mais conservadora. Tais estudos revelam que as mulheres são mais atentas ao valor social das formas linguísticas. Além disso, segundo Labov (2001, p. 266), “Para variáveis sociolinguísticas estáveis, mulheres exibem uma taxa mais baixa de variantes estigmatizadas e uma taxa mais alta de variantes de prestígio do que os homens”.⁴⁶

⁴⁵ In linguistic change from below, women use higher frequencies of innovative forms than men do. (LABOV, 2001, p.292)

⁴⁶ For stable sociolinguistic variables, women show a lower rate of stigmatized variants and a higher rate of prestige variants than men. (LABOV, 2001, p.266)

3.4.2.3 Escolaridade dos informantes

Outra variável considerada de grande relevância para os processos de variação e mudança linguísticas é a escolaridade do falante. Alguns estudos têm demonstrado a influência que a escola exerce sobre a sociedade no sentido de inibir a propagação de fenômenos de variação linguística. Certo é que a força dessa inibição se deve a questões mais amplas como o prestígio do qual gozam algumas formas linguísticas, normalmente associadas aos grupos sociais dotados de maior poder econômico, em detrimento das variantes utilizadas pelas classes populares, as quais são amiúde estigmatizadas e consideradas produto de uma suposta corrupção linguística, como afirma Votre (2007).

Enquanto as formas linguísticas padronizadas são avaliadas pela sociedade como superiores do ponto de vista estético, as formas utilizadas pelos estratos mais populares da sociedade são consideradas estropiadas, deturpadas e corrompidas. Nesse contexto, acredita-se que cabe à escola ensinar as formas tidas como as únicas “corretas”, relegando ao ostracismo todas as outras que não se ajustem rigorosamente às normas estabelecidas pela Gramática Normativa.

Além disso, estudos linguísticos de caráter descritivo têm demonstrado que falantes com acesso a níveis mais avançados de educação formal exibem formas linguísticas diferentes daquelas encontradas na fala de pessoas menos escolarizadas. Segundo Kato (1987), à medida que as pessoas avançam em sua educação formal, tendem a reproduzir formas linguísticas mais conservadoras, aproximando-se mais da língua escrita. Para a autora,

a chamada norma padrão culta é consequência do letramento, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita. (KATO, 1987, p.7)

Daí acreditar-se que pessoas com menos tempo de escolaridade tenderão a utilizar formas não padronizadas mais frequentemente do que pessoas com maior escolaridade. O que não quer dizer, contudo, que, do ponto de vista linguístico, uma

seja superior à outra, já que ambas funcionam adequadamente dentro do contexto em que são utilizadas.

Além disso, vale ressaltar que a escola, não só nas aulas de língua portuguesa, mas também em outras disciplinas, apresenta um discurso normativista e conservador com relação à língua, de maneira que o dialeto falado por indivíduos das classes mais prestigiadas socialmente são tomados como modelo de uso da língua. Como se pode ver nessa afirmação de Votre (2007, p. 53) em que discute o papel disciplinador da escola sobre a língua falada por seus alunos.

... a escola controla, evita e pune, com veemência, o uso de formas com supressão e/ou troca de líquidas, como “framengo” e “pobrema”, e os fenômenos sintáticos com resquícios dos casos latinos nos pronomes, como “dá para mim sair”

Assim, pode-se concluir que, à medida que o falante passa mais tempo no ambiente escolar, maior será sua propensão ao uso das formas socialmente prestigiadas, tendo em vista que, ao preteri-las, será passível até mesmo de punição, como afirma o autor.

3.4.3 Variáveis independentes linguísticas

3.4.3.1 Tipos de referentes

Em um primeiro momento, foi criada a variável *Tipos de referentes* que, conforme estabelecido na seção (coleta de dados), tinha os seguintes fatores:

Quadro 8: Variável Tipos de Referentes

Fator	Exemplos
Um par (parte do corpo)	Um par de mãos, um par de pés...
Um par (não parte do corpo)	Um par de sapatos, um par de brincos...

Mais de um par (parte do corpo)	Mais de um par de mãos, mais de um par de pés...
Conjunto (parte do corpo)	Dedos, pelos, dentes...
Itens independentes (não parte do corpo)	Casas, carros, milhos...

Entretanto, durante os testes quantitativos, percebeu-se a necessidade de dividir essa variável em duas, já que ela continha duas informações: o traço [+ parte do corpo/- parte do corpo] e o tipo de distribuição dos elementos da classe (um par, mais de um par, conjunto, itens independentes). Assim esta variável foi desdobrada nas variáveis: *Parte do corpo* e *Distribuição*.

3.4.3.1.1 *Parte do corpo*

Segundo Martelotta e Palomares (2011), estudos na área da Linguística Cognitiva têm sugerido que a expressão linguística tem uma relação intrínseca com nosso corpo. Segundo os autores, para os cognitivistas, nosso primeiro contato com o mundo se dá por meio da percepção do nosso corpo, assim, afirmam existir uma relação entre o corpo e a linguagem. De acordo com os autores,

A mente, portanto, não é separada do corpo. Ao contrário, o pensamento é *corporificado* no sentido de que a sua estrutura e sua organização estão diretamente associadas à estrutura do nosso corpo, bem como às restrições de percepção e de movimento no espaço. (MARTELOTTA e PALOMARES, 2011, p. 181 - grifos dos autores)

Diante disso, a escolha desta variável deu-se por se acreditar que o fato de o elemento ser parte do corpo ou não pode interferir na maneira como o falante realiza o plural, uma vez que estudiosos como Mollica (1977), Omena (1978) e Paredes Silva (1988) demonstraram que os traços [+/- humano] ou [+/- animado] são relevantes para a ocorrência de determinados fenômenos de apagamento.

Mollica (1977) revela que a ocorrência do pronome cópia em orações relativas é influenciada pelo fato de o antecedente ser [+/- humano]. Segundo a autora, antecedentes [+ humanos] favorecem a presença de um pronome cópia (PR=0.68), enquanto antecedentes [- humanos] tendem a desfavorecê-la (PR=0.32), como nos exemplos a seguir.

- (22) a. Tinha um *rapaz* que ele ia tocar...
b. Tinha uma *casa* do outro lado né?, que Ø vende toalha.

Omena (1978), por sua vez, analisou a variação entre a anáfora pronominal de terceira pessoa “ele” e a anáfora zero “Ø”, na posição de objeto direto. Segundo a autora, elementos com traço [+ animado] tendem a ser retomados por uma anáfora pronominal com peso relativo igual a (0.83), enquanto aqueles com traço [- animado] apresentam peso relativo (0.17).

Já Paredes Silva (1988) analisou a alternância entre SN pleno, pronome e anáfora zero em sujeitos de terceira pessoa. O resultado a que chegou é que o uso do pronome era favorecido pelo traço [+ animado] do antecedente (PR=0.75), contra (PR=0.25) quando o traço do antecedente era [- animado].

3.4.3.1.2 Distribuição

A variável *Distribuição* foi considerada relevante por se acreditar que o fato de o item lexical representar um par, mais de um par, um conjunto ou itens independentes também influenciaria na realização do plural.

Em primeiro lugar, pretendeu-se verificar a hipótese de que o *Plural nulo* ocorreria mais com um único par do que com mais de um par, tendo em vista que neste caso cada um dos pares pertence a um corpo diferente, promovendo uma ideia de quebra da unidade corporal.

A segunda hipótese com relação a essa variável era que os itens que se referem a pares apresentariam uma taxa maior de ocorrência do *Plural nulo* do que aqueles que se referem a conjuntos, como “dedos”, “unhas”, “pelos” e “cabelos”, devido ao fato de os itens componentes do par serem “iguais”, dando uma ideia de espelhamento, como se cada elemento fosse a contraparte do outro, o que não ocorre nos itens que compõem o conjunto.

Por último, pretendeu-se testar a hipótese de que itens que se referem a pares ou a conjuntos apresentariam mais ocorrências de *Plural nulo* do que itens independentes, precisamente pelo fato de estes não apresentarem a coadunação presente em pares e em conjuntos.

3.4.3.2 Antecedentes

Pesquisas como as de Scherre (1988, 1994, 1996a, 2001), Guy (1981), Scherre e Naro (1998) têm demonstrado que no português brasileiro a marca de plural tende a aparecer somente no primeiro elemento do sintagma nominal, que geralmente é o elemento imediatamente à esquerda do núcleo, formando estruturas como “as mão”, “uns pé”, “muitas perna” etc.

Diante disso, esta variável se justifica pelo fato de, no fenômeno, denominado *Plural nulo*, estudado nesta pesquisa, a marca de plural desaparecer também do antecedente do núcleo, gerando estruturas como “a mão”, “um pé” etc, embora se esteja referindo a mais de um elemento. Assim, estabelecer como o antecedente do item lexical se comporta com relação ao recebimento da marca de plural foi de suma importância para a presente pesquisa.

Entretanto, foi necessário dividir essa variável em duas, pois se percebeu que alguns antecedentes não permitiam o *Plural nulo*, que, do ponto de vista formal, caracteriza-se, principalmente, pela ausência de marca de plural tanto no núcleo nominal quanto no seu antecedente.

Dessa maneira, antecedentes como os quantificadores “bastante”, “muito(s)” e “vários”, os numerais diferentes de “UM” e expressões coletivas como “um par de” foram agrupadas em uma variável que se convencionou chamar de *Antecedentes que bloqueiam o Plural nulo*, tendo em vista que mesmo quando não exibem marcas formais de plural, possuem o traço semântico de plural.

Já os determinantes (artigos definidos e demonstrativos) e os numerais/artigos indefinidos (UM/UMA/UNS/UMAS) foram agrupados em uma variável que se chamou de *Antecedentes que permitem o Plural nulo*, tendo em vista que esses antecedentes, assim como o núcleo do SN, podem figurar tanto no singular quanto no plural.

Esses antecedentes foram analisados devido ao fato de trabalhos como os de Mollica (1977) revelarem que traços semânticos como [+/- específico], [+/- determinado] e [+/- definido], por exemplo, são relevantes na explicação de fenômenos variáveis.

3.4.3.3 Sintagma preposicionado

Esta variável foi criada devido à hipótese de que o item lexical estar dentro de um sintagma preposicionado (SP) favoreceria o apagamento da marca de plural. Isso devido ao fato de que, dentro de um SN, o único elemento que não exige concordância de número com o núcleo é o sintagma preposicionado, como se pode ver no seguinte exemplo.

(23) [As minhas duas primas casadas do interior] chegarão amanhã.

Nesse exemplo, pode-se observar que todos os elementos do sintagma nominal (artigo, pronome, numeral e adjetivo) concordam com o núcleo “primas” em número, exceto o sintagma preposicionado “do interior”.

3.4.3.4 Primeira ocorrência

Estudos funcionalistas, em especial aqueles ligados à Escola de Praga, desenvolveram a partir da década de 1960 um modelo de análise da estrutura informacional da sentença segundo o qual informações novas apresentavam um grau elevado de informatividade, enquanto informações dadas, ou velhas, apresentavam um grau de informatividade mais baixo, como se pode ver no trecho a seguir.

Nesse modelo, a parte da sentença que representa informação dada, ou já conhecida pelo ouvinte, tem o menor grau de dinamismo comunicativo, ou seja, a quantidade de informação que ela comunica aos interlocutores no contexto é a menor possível. [...] A parte que contém a informação nova apresenta o grau máximo de dinamismo e forma [...]. (CUNHA, 2011, p. 161)

Assim, esta variável foi escolhida pelo fato de se acreditar que na primeira ocorrência do item lexical no turno de fala do informante, ou seja, quando representar uma informação nova, esse item tenderia a ter mais marcas de plural do que quando ele estivesse sendo proferido pela segunda ou terceira vez dentro do mesmo turno, quando já se trataria de uma informação conhecida, necessitando por isso de uma carga informativa menor.

3.4.3.5 Estímulo

Esta variável foi criada tendo como base as noções de *figura* e *fundo*, estabelecidas por Hopper (1979), as quais se relacionam com o nível de relevo discursivo. Segundo o autor, a *figura* (foregrounding) corresponde à porção do texto que é mais saliente, isto é, aquela que possui mais notoriedade no plano discursivo. Trata-se da informação mais relevante em torno da qual as outras informações giram. Já o *fundo* (backgrounding) são as informações complementares que servem para emoldurar a informação principal. Trata-se de informações secundárias que estão associadas à *figura*.

O objetivo dessa variável é diferenciar aqueles casos em que um item lexical foi proferido diante de uma foto em que ele foi propositalmente colocado em evidência a fim de testá-lo, ou seja, aquele que o informante foi provocado a falar, daqueles em que o item foi proferido quando não estava sendo testado, isto é, quando o informante não estava sendo provocado a falar.

Por exemplo, quando se quis testar como o informante proferiria o item lexical “perna”, mostrou-se uma foto em que um homem estava sentado com as pernas bem abertas, de maneira que isso chamasse a atenção do informante. Assim, o item “perna” foi colocado em evidência em um plano discursivo chamado por Hopper (1979) de *figura*.

Entretanto, se além de ele proferir o item “perna”, ele também falou das “mãos” do homem no bolso, este item foi considerado como uma informação de menor relevo discursivo. Sendo assim, neste exemplo, o item “perna” seria marcado como (+Estímulo) e o item “mão” como (-Estímulo).

Esta variável se justificou devido à hipótese de que, quando o item fosse proferido voluntariamente, ou seja, marcado como (-Estímulo), ele tenderia a ter menos marcas de plural, tendo em vista que não era o foco da atenção do informante naquela foto.

3.4.3.6 Grau

Esta variável foi criada devido ao fato de se observar que alguns itens lexicais foram pronunciados no diminutivo ou no aumentativo. Devido a isso, julgou-se necessário verificar se essa variação poderia influenciar na realização do plural, já que, segundo Scherre e Naro (1998), a saliência fônica, isto é, as diferenças fonéticas entre o singular e o plural podem influenciar na presença ou ausência da marca de plural.

Para os autores, quanto mais diferente for a forma do plural da forma do singular, maior será o grau de saliência fônica. Por exemplo, palavras terminadas em *-ão* fazem plural em *-ões*, *-ãos*, ou *-ães*, enquanto palavras terminadas em *vogal*, fazem o plural apenas pelo acréscimo de *-s*. Assim, o plural das palavras terminadas em *-ão* terão mais saliência fônica do que das terminadas em *vogal*.

3.4.3.7 Variação lexical

A justificativa para a criação dessa variável se deu pelo fato de alguns falantes se referirem aos itens pesquisados com um nome que não estava previsto na lista de itens lexicais. Por exemplo, em uma fotografia em que estava sendo representada uma casa de campo, cujo item lexical previsto era “casa”, alguns informantes se referiram a ele como “chalé”, assim, quando isso ocorreu, o item “chalé” foi acrescentado à lista de itens lexicais e foi marcado como “(+) variação lexical”, enquanto o item previsto, “casa”, foi marcado como “(-) variação lexical”.

3.5 CODIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Como o programa de regra variável “R”, utilizado para a realização dos testes, possuía a funcionalidade de se utilizarem, durante a codificação, não somente códigos numéricos, mas também alfanuméricos e até palavras, lançou-se mão desse recurso a fim de se evitarem erros durante a digitação, já que códigos alfanuméricos são mais facilmente memorizáveis e diminuem as chances de se cometer algum engano, como se poderá verificar a seguir.

3.5.1 Variáveis sociais

a) Faixa etária dos informantes

1	Jovens (20 a 35 anos)
2	Adultos (40 a 55 anos)
3	Idosos (60 a 75 anos)

b) Sexo/Gênero dos informantes

F	Feminino
M	Masculino

c) Escolaridade dos informantes

Ef	Ensino Fundamental
Es	Ensino Superior

3.5.2 Variáveis linguísticas

a) Parte do corpo

N	(-) Parte do corpo
S	(+) Parte do corpo

b) Distribuição

2p	Mais de um par
C	Conjunto
Ind	Itens independentes
P	Um par

c) Antecedentes que permitem a lexicalização

0	Sem antecedente
D	Determinante
Um	Numeral/Artigo indefinido

d) Antecedentes que bloqueiam a lexicalização

ec	Expressão coletiva "UM PAR DE"
num	Numeral diferente de "UM"
quant	Quantificador "VÁRIOS(AS)", "MUITO(A)", "MUITOS(AS)"

e) Sintagma preposicionado

n	(-)Sintagma preposicionado
s	(+)Sintagma preposicionado

f) Primeira ocorrência

n	(-) Primeira ocorrência
s	(+) Primeira ocorrência

g) Estímulo

n	(-) Estimulado
s	(+) Estimulado

h) Grau

a	Grau aumentativo
n	Grau normal
d	Grau diminutivo

i) Variação lexical

n	(-) Variação lexical
s	(+) Variação lexical

3.6 O SUBSÍDIO QUANTITATIVO R

A Sociolinguística Variacionista tem utilizado modelos quantitativos em suas análises desde os primeiros estudos sobre variação linguística. Ao reconhecer a língua como uma entidade heterogênea, sociolinguistas perceberam a necessidade de se fazer a quantificação das formas variantes da língua, a fim de se estabelecerem as tendências de mudança resultantes dos processos de variação e os fatores que poderiam estar influenciando nessa variação. Sendo assim, pacotes estatísticos passaram a ser usados com a finalidade de fornecer ferramentas para uma análise quantitativa mais confiável e precisa dos fenômenos linguísticos. Entre eles, o mais usado nos estudos sociolinguísticos é o Varbrul (GoldvarbX), embora atualmente um grande número de pesquisadores estejam começando a fazer uso da linguagem de programação R.

O R, como mencionado, é uma linguagem de programação criada em 1993 por Ross Ihaka e Robert Gentleman, ambos pesquisadores do departamento de estatística da Universidade de Auckland, Nova Zelândia. Como se trata de um ambiente computacional com código aberto, posteriormente foi recebendo contribuições de pessoas do mundo todo. Sendo um software livre, apresenta a enorme vantagem de ser gratuito e estar disponível para plataformas como UNIX, Windows e MacOS. Esta, entretanto, não é sua única vantagem, uma vez que, como se trata de uma linguagem de programação, o usuário tem muito mais liberdade na realização das rotinas desejadas, como afirma Oushiro (2014, p.134)

Sendo uma linguagem de programação, o R permite que o usuário customize uma série de tarefas que deseja executar e, conseqüentemente, tenha maior controle sobre os resultados obtidos. Isso significa, no entanto, que ao invés de clicarem botões com funções limitadas e pré-definidas, o usuário normalmente define as funções que deseja executar através de *linhas de comando*, que instruem o programa sobre o que fazer.

Apesar da maior liberdade oferecida ao usuário, a necessidade de conhecimento da linguagem de programação pode ser um empecilho para quem não esteja habituado com ela. Sendo assim, o uso de materiais de apoio se torna um importante aliado na tarefa de uso do programa. Nesta pesquisa, o principal material utilizado foram os tutoriais desenvolvidos por Oliveira (2017) para o projeto “Variação Linguística com R – VALR”⁴⁷, em que o autor fornece um passo-a-passo para as principais rotinas necessárias para a realização de testes em pesquisas sociolinguísticas.

3.6.1 Modelos de regressão

Como dito anteriormente, a língua não é um fenômeno estático e homogêneo e, contrariamente ao que se acreditava durante o período do estruturalismo, as variações que ocorrem na língua não são aleatórias, mas, sim, motivadas por fatores linguísticos, isto é, internos à língua; e sociais. A partir dos estudos da Sociolinguística Variacionista, compreendeu-se que essas variações poderiam ser observadas e analisadas, tendo em vista que apresentavam comportamentos sistemáticos.

Segundo Tarallo (1986, p. 8), “variação linguística são as diferentes formas de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade”. Com a finalidade de explicar o que leva a língua a sofrer variação, estudiosos lançam mão de modelos estatísticos que permitam dizer quais fatores influenciam em um fenômeno variável. Tais modelos são chamados de *modelos de regressão*, nos quais temos sempre uma variável dependente, também chamada variável resposta e uma ou mais variáveis independentes, ou variáveis explicativas, já que são aquelas que o pesquisador julga poderem explicar a variação em análise.

Segundo Oliveira (2009), a seleção do modelo estatístico que será utilizado na pesquisa dependerá do tipo de variável resposta do estudo que está sendo feito.

⁴⁷<https://www.valr.com.br/p/tutoriais.html>

Quando uma variável resposta apresenta valores contínuos, ou não discretos, isto é, que apresentam infinitos valores entre dois valores quaisquer, deve ser utilizado um modelo chamado de *modelo de regressão linear*. Por outro lado, se a variável resposta possui apenas duas possibilidades, discretas entre si, o modelo mais adequado a sua análise é o *modelo de regressão logística*, que é o modelo utilizado nesta pesquisa. Por fim, se a variável resposta for categórica, porém com mais de duas possibilidades, poder-se-á usar o *modelo de regressão multinomial*.

Segundo o autor, nos casos em que a variável resposta possui apenas duas possibilidades, é comum que essas variantes sejam codificadas com os números 0 e 1. Aquela codificada com o número 1 é a variante inovadora, ou seja, a que se pretende investigar, que em termos estatísticos recebe o nome de *sucesso*; por outro lado, a variante padrão é codificada com o número 0 e recebe o nome de *fracasso*.

Uma das principais vantagens de se utilizarem modelos de regressão é que eles permitem “que seja analisado simultaneamente o efeito de múltiplas variáveis independentes” (OLIVEIRA, 2009, p. 99)

3.6.2 Hipótese nula e p-valor

Para a Estatística, toda hipótese que visa a explicar um fenômeno é acompanhada de sua contraparte chamada de hipótese nula. A hipótese nula é a possibilidade de que a hipótese levantada pelo pesquisador esteja errada. Por exemplo, um pesquisador pode ter como hipótese que a diferença de gênero entre os informantes seja uma explicação possível para uma determinada variação linguística. A hipótese nula será, portanto, nesse caso, que o gênero de fato não influencia na variação.

Nos testes estatísticos, o que verdadeiramente é testado é a hipótese nula. Assim, para que uma hipótese seja levada em consideração, verifica-se o *nível de significância*, que, segundo Oliveira (2009, p. 100), é a “probabilidade máxima

aceitável de rejeitarmos a hipótese nula quando ela é de fato verdadeira”. Embora seja um valor arbitrário, nos estudos variacionistas, utiliza-se um *nível de significância* de 0,05.

Para se verificar se a hipótese nula pode ser verdadeira, calcula-se o *p-valor*, que é a probabilidade de o efeito observado ser proveniente do acaso. Caso o *p-valor* seja inferior a (0,05), ou seja, menor que o *nível de significância*, a hipótese nula deve ser rejeitada, isto é, a hipótese levantada pelo pesquisador é estatisticamente significativa. Porém, se o *p-valor* for superior a (0,05), a hipótese nula não poderá ser rejeitada e a hipótese levantada pelo pesquisador não pode ser considerada estatisticamente relevante.

3.6.3 Teste da Razão da Máxima Verossimilhança

Segundo Oliveira (2009), para se decidir qual variável explicativa deverá ser considerada na análise e entrar no modelo de regressão logística, deve-se fazer um teste chamado *Teste da Razão da Máxima Verossimilhança*. Esse teste tem a função de verificar quais variáveis independentes inseridas no modelo são significativas para explicar o fenômeno variável.

O teste consiste em comparar um modelo em que a variável esteja presente com um modelo sem a variável, a fim de verificar se a diferença entre os dois modelos apresenta significância estatística. Se não apresentar, a variável deve ser retirada do modelo, pois segundo Hosmer e Lemeshow (2000 apud OLIVEIRA, 2009, p. 104)⁴⁸ tradicionalmente, a construção de um modelo estatístico implica na busca do modelo mais parcimonioso para a explicação dos dados.

O teste é conduzido da seguinte maneira: testa-se variável por variável, aquelas que apresentam *p-valor* maior que (0,05) são retiradas do modelo, pois nesse caso, a probabilidade de a hipótese nula ser verdadeira é maior do que o *nível*

⁴⁸HOSMER, David W.; LEMESHOW, Stanley. Applied logistic regression. 2nd ed. New York:Wiley, 2000.

de significância. Por outro lado, caso o p-valor seja inferior a (0,05), a hipótese nula é rejeitada e a variável testada permanece no modelo.

3.6.4 Peso relativo e Teste de Wald

O peso relativo é um valor entre 0 e 1 e tem a função de indicar se a variante inovadora é favorecida ou desfavorecida por cada um dos fatores de uma variável independente. Quando o valor do peso relativo de um fator é igual a 0.5 deve-se interpretar que tal fator nem favorece nem desfavorece a ocorrência da variante inovadora, pesos relativos maiores que 0.5 indicam o favorecimento da forma variante e inferiores a 0.5 indicam seu desfavorecimento, como se pode ver no exemplo a seguir.

Tabela 1: Exemplo de análise do peso relativo.

Sexo/ Gênero	Peso Relativo	Wald
Feminino	0.45	0,003
Masculino	0.65	0,003

Nesta tabela, tem-se os seguintes valores de peso relativo, (PR=0.45) para o fator *feminino* e (PR=0.65) para o fator *masculino*. Com base nesses dados, pode-se afirmar que ser do sexo/gênero masculino favorece a ocorrência da variante inovadora, enquanto ser do sexo/gênero feminino a desfavorece.

A coluna *Wald* refere-se a um *p-valor* obtido a partir do *teste de Wald*. Segundo Oliveira (2009), este teste tem a finalidade de determinar a significância de cada fator dentro de uma variável independente, analisando se o efeito do fator sobre a variável é significativamente diferente do seu efeito neutro (PR=0.5). Quando o valor de Wald é superior a “0,05” considera-se que o peso relativo do fator não é estatisticamente diferente de (PR=0.5), que é o valor neutro quanto ao favorecimento ou desfavorecimento da variante inovadora.

Nessa tabela, o valor do Wald é 0,003 nos dois fatores. Como nos dois casos ele é inferior a 0,05, deve-se interpretar que os pesos relativos dos dois fatores são significativamente diferentes do valor neutro da variável. Sendo assim, o teste de Wald é relevante no tratamento dos dados, uma vez que funciona como uma espécie de avaliador do peso relativo de cada fator, a fim de aumentar a credibilidade da informação fornecida por ele.

PARTE 2 - ANÁLISES

4 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS

4.1 INTRODUÇÃO

Como explicitado no capítulo 3, intitulado “Métodos e técnicas de pesquisa”, foram ouvidos para esta pesquisa um total de 36 informantes. O método de coleta dos dados não foi, como de costume, a entrevista sociolinguística; mas, sim, um teste que se consistiu na descrição de imagens. O teste foi padronizado e aplicado de maneira uniforme a todos os informantes e sua escolha em detrimento da entrevista se deu devido à necessidade de se obter a realização de 20 itens lexicais específicos, o que seria impraticável em uma entrevista sociolinguística convencional.

Tem-se consciência de que o método adotado, por sua objetividade, pode ter captado uma linguagem mais monitorada do que se conseguiria na entrevista sociolinguística, na qual estivessem presentes relatos pessoais e maior liberdade temática. Além disso, é possível que, em uma entrevista, os dados inovadores apresentassem inclusive taxas de ocorrência mais elevadas, mas, como afirmado, tal método se mostrou inviável para o objetivo da pesquisa.

Dito isso, cabe ressaltar que a análise da realização do plural nesta pesquisa se deu por meio da observação da presença de marcas explícitas de plural no núcleo do SN e em seu antecedente. Assim, foram encontradas três estruturas distintas de plural: a) antecedente no plural + núcleo no plural, como em “as mãos”, denominado *Plural padrão*; b) antecedente no plural + núcleo no singular, como em “as mão”, denominado *Plural não redundante* e c) antecedente no singular + núcleo no singular, como em “a mão”, denominado *Plural nulo*. A primeira (a) representa a variante conservadora, as outras duas (b) e (c) são as variantes consideradas inovadoras.

Foi encontrado um total de 1583 ocorrências de plural dos itens lexicais testados. A primeira estrutura, chamada de *Plural padrão* ocorreu 868 vezes, a

segunda estrutura, denominada *Plural não redundante*, teve um total de 175 ocorrências e a terceira estrutura, à qual se denominou *Plural nulo*, apresentou um total de 540 casos.

Embora tenham sido encontradas três variantes para a variável dependente, elas foram analisadas separadamente, uma vez que, a partir dos testes realizados, concluiu-se que os processos que transformavam a variante conservadora em cada uma das variantes inovadoras eram diferentes.

Essa conclusão se deu diante da observação de que alguns itens lexicais, por compartilharem determinadas características, como, por exemplo, referirem-se a pares, tendiam ao apagamento total das marcas de plural no SN; porém, quando os itens lexicais não possuíam essas características, a tendência era o apagamento do plural somente no núcleo nominal, mantendo-se a marca formal de plural no antecedente, como será demonstrado durante a análise quantitativa dos dados.

Diante disso, duas análises distintas foram feitas: a primeira buscou questionar quais fatores favoreceriam a mudança de (a) – Plural padrão – para (c) – Plural nulo – e a segunda, quais fatores favoreceriam a mudança de (a) – Plural padrão – para (b) Plural não redundante.

4.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DO *PLURAL NULO*

De todas as ocorrências de plural analisadas nesta pesquisa – um total de 1583 casos – foram considerados nesta seção apenas 1158. Este recorte se fez necessário pelo fato de terem sido encontrados alguns dados cujos antecedentes do núcleo nominal bloqueavam a realização do *Plural nulo*, como os quantificadores “vários” e “muitos”, a expressão coletiva “um par de” e os “numerais diferentes de UM”.

Isso se deve ao fato de a estrutura denominada “*Plural nulo*” ser aquela em que tanto o antecedente quanto o núcleo nominal ficam no singular, apesar de se

referir ao plural. Acontece que os antecedentes mencionados, mesmo quando não apresentam marcas formais de plural, contêm a noção de plural em sua composição semântica, impossibilitando, assim, a ocorrência do chamado *Plural nulo*.

Assim, analisaram-se neste capítulo apenas os dados cujos antecedentes permitiam o apagamento total do plural, ou seja, o chamado *Plural nulo*, que são o “*determinante*”, o “*Numeral/Artigo indefinido*” e os núcleos nominais “*sem antecedente*”, isto é, os *nomes nus*.

A variável dependente, neste capítulo, é composta pelos fatores “(0) Plural padrão”, o qual representa a forma conservadora, na qual a marca de plural está presente tanto no núcleo nominal quanto no seu antecedente, e “(1) Plural nulo”, o qual representa a forma inovadora, em que não há marcas de plural nem no núcleo nominal nem em seu antecedente.

Dos 1158 dados analisados nesta seção, o número de ocorrências de *Plural nulo* foi de 540, ou seja, 46,6% do total. Por sua vez, o número de ocorrências de plural padrão, isto é, da forma conservadora, foi de 618 dados, que correspondem a 53,4% do total.

4.2.1 Análise das variáveis sociais

4.2.1.1 Análise da variável *Faixa etária dos informantes*

A faixa etária dos informantes é uma variável social importante para os estudos sociolinguísticos, em especial quando se quer avaliar uma possível tendência de mudança na língua, pois, segundo Labov (2002, p.78), por meio da análise comparativa entre faixas etárias diferentes é possível “detectar alguma direção geral da mudança”.

A tabela a seguir apresenta os dados da variável *Faixa etária*, com relação à variável dependente. Nela estão presentes os pesos relativos da variante inovadora

em cada faixa etária. Como mencionado anteriormente, o peso relativo é uma informação importante, tendo em vista que informa se o fator da variável favorece ou desfavorece a realização da forma inovadora.

A tabela está organizada da seguinte forma. Na primeira coluna, estão as faixas etárias, na segunda coluna, estão o número absoluto de ocorrências do *Plural nulo* seguido do número total de ocorrências da faixa etária correspondente. Na terceira coluna, está a frequência relativa das ocorrências de *Plural nulo*, expressa em porcentagens. Na quarta coluna, encontra-se o peso relativo do fator e na quinta coluna está o *p-valor* do teste de Wald, que informa se o fator é significativamente diferente do efeito médio da variável (PR=0.5).

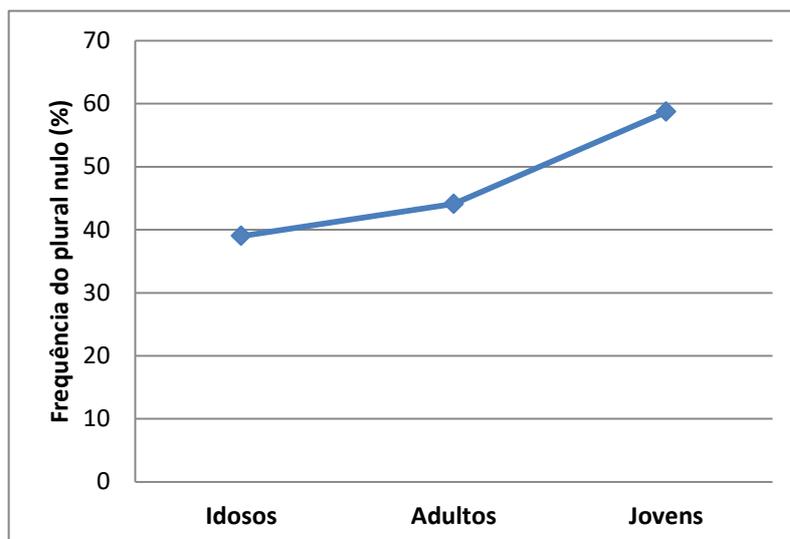
Tabela 2: Pesos relativos dos fatores da variável *Faixa etária* com relação ao *Plural nulo*

Faixa etária	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Jovens	199/339	58,7	0.65	<0,001
Adultos	187/424	44,1	0.44	0,022
Idosos	154/395	39,0	0.40	<0,001

Os resultados apresentados na tabela 2 revelam que a única faixa etária que favorece a ocorrência do *Plural nulo* é a composta por falantes entre 20 e 35 anos, denominada *Jovens* (PR=0,65), enquanto as faixas etárias *Adultos* e *Idosos* desfavorecem a ocorrência de *Plural nulo*. Apesar disso, é importante notar que a faixa etária *Idosos* (PR=0.40) desfavorece mais a forma inovadora do que a faixa etária *Adultos* (PR=0.44).

Esses dados são bastante reveladores, uma vez que apresentam uma progressão no sentido de favorecimento da forma inovadora à medida que a idade diminui. Isso é um indício de uma mudança em progresso, tendo em vista que à medida que as gerações avançam o fenômeno inovador se torna mais frequente. Representando esses dados por meio de um gráfico de linhas, o resultado é o seguinte:

Gráfico 1: *Plural nulo* de acordo com a faixa etária.



Chambers e Trudgill (1980, p. 91-93) afirmam que

No que concerne à faixa etária, a variação estável se caracterizaria por um padrão curvilíneo, no qual as faixas intermediárias apresentariam a maior frequência de uso das formas de prestígio; já na mudança em progresso, a distribuição seria inclinada, com os mais jovens apresentando a maior frequência de uso das formas inovadoras.

Tal afirmação corrobora a tese de que o fenômeno em análise representa um caso de mudança em progresso, já que, como se pode ver no gráfico, a progressão do uso do *Plural nulo* se dá por uma linha inclinada, cujo menor valor se refere à faixa etária *Idosos* e o maior à faixa etária *Jovens*.

4.2.1.2 Análise da variável *Sexo/gênero dos informantes*

Nesta seção, objetivou-se avaliar se homens e mulheres apresentavam diferenças quanto à realização do plural, no que diz respeito ao fenômeno inovador de apagamento das marcas de plural em todos os itens do sintagma nominal, denominado nesta pesquisa como *Plural nulo*.

A tabela a seguir apresenta os dados relativos à variável *Gênero* em relação à variável dependente.

Tabela 3: Pesos relativos dos fatores da variável *Gênero* com relação ao *Plural nulo*

Sexo/ Gênero	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Feminino	220/539	40,8	0.45	0,003
Masculino	320/619	51,7	0.65	0,003

Ao analisar a tabela anterior, pode-se obter as seguintes informações. Primeiramente, observa-se que de 539 ocorrências realizadas pelos informantes do sexo/gênero feminino, os casos de *Plural nulo* totalizaram 220, que representam 40,8%. Os informantes do sexo/gênero masculino, por sua vez, realizaram o *Plural nulo* 320 vezes, de um total de 619 ocorrências, ou seja, em 51,7% das ocorrências de plural, os homens realizaram o *Plural nulo*.

Com relação aos pesos relativos dos fatores, pode-se concluir que, enquanto as mulheres desfavorecem a realização da forma inovadora, apresentando um peso relativo (PR=0.45), os homens a favorecem, exibindo um peso relativo (PR=0.65).

Essa configuração possui implicações teóricas, uma vez que, segundo Labov (2001), as mulheres tendem a liderar processos de mudança apenas em situações em que, ou a forma inovadora possui prestígio social, ou essa mudança, estando abaixo do nível de consciência, não se caracterize como uma forma estigmatizada. Sendo assim, pode-se inferir, com base nestes dados, que o *Plural nulo* carrega algum estigma social, devido ao fato de ser favorecido apenas pelos informantes do sexo/gênero masculino.

4.2.1.3 Análise da variável *Escolaridade dos informantes*

Nesta pesquisa, além da faixa etária e do sexo/gênero dos informantes, os dados foram estratificados também com relação à sua escolaridade, já que, como já

foi dito, julgou-se que haveria diferenças no uso do plural entre pessoas mais e menos escolarizadas. A tabela a seguir apresenta os dados da variável *Escolaridade dos informantes* em relação à variável dependente.

Tabela 4: Pesos relativos dos fatores da variável Escolaridade com relação ao *Plural nulo*

Escolaridade	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Ensino Fundamental	308/516	59,7	0.63	<0,001
Ensino Superior	232/642	36,1	0.37	<0,001

Como se pode observar, foram encontradas 516 ocorrências de plural realizadas por informantes que só possuíam Ensino Fundamental, isto é, aqueles que só haviam frequentado a escola até o 9º ano do Ensino Fundamental II. Desses 516, o chamado *Plural nulo* foi ocorreu 308 vezes, representando 59,7% do total dos dados dessa faixa de escolaridade. Entre os informantes com Ensino Superior, os dados de plural totalizaram 642 ocorrências, das quais 232, ou seja, 36,1% foram realizadas sem nenhuma marca de plural.

Ao analisar os pesos relativos de cada fator, pode-se perceber que esta variável independente é relevante para explicar a implementação do fenômeno inovador, tendo em vista que há uma diferença relevante entre o peso relativo dos falantes com Ensino Fundamental (PR=0.63) e o daqueles com Ensino Superior (PR=0.37).

Esses valores corroboram a hipótese de que a variante inovadora é uma forma estigmatizada na avaliação da comunidade testada, já que, além de ser desfavorecida pelos falantes do sexo/gênero feminino, o é também pelos falantes que possuem maior escolaridade.

4.2.2 Análise das variáveis linguísticas

4.2.2.1 Variáveis sem significância estatística

Das variáveis linguísticas testadas, algumas não se mostraram estatisticamente relevantes para a explicação do fenômeno em análise, pois não apresentaram um *p-valor* inferior a 0,05 no *Teste da Razão da Máxima Verossimilhança*, como foi o caso da variável *Sintagma preposicionado*, que teve um resultado nesse teste de 0,1652, o que significa que a probabilidade de a hipótese nula estar correta é maior do que o aceitável. Sendo assim, concluiu-se que essa variável não é relevante para explicar a variação entre os fatores da variável dependente, sendo, por isso, excluída do modelo final. A seguir estão as variáveis que se mostraram relevantes para o fenômeno.

4.2.2.2 Análise da variável *Parte do corpo*

A hipótese inicial com relação a essa variável era que itens lexicais referentes a partes corpo, como “mãos”, “pés”, “pernas” e “olhos” apresentariam maior apagamento do plural do que itens que não se referissem a partes do corpo, como “sapatos”, “brincos” e “faróis”. Isso se deveu ao fato de se acreditar que, devido ao seu caráter de organicidade, uma vez que pertencem ao mesmo corpo, figurando como contrapartes de uma única entidade, esses elementos apresentariam menor taxa de plural formal.

Entretanto, quando os testes foram realizados, foi possível notar, como se vê na tabela a seguir, que essa não era a realidade.

Tabela 5: Pesos relativos dos fatores da variável *Partes do corpo* com relação ao *Plural nulo*

Partes do corpo	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Não	204/279	73,1	0.64	<0,001
Sim	336/879	38,2	0.36	<0,001

Como se pode ver na tabela anterior, os itens lexicais que não se referiam a partes do corpo apresentaram um peso relativo que indica o favorecimento da ocorrência do *Plural nulo* (PR=0.64), enquanto aqueles que se referiam a partes do corpo o desfavorecem (PR=0.36).

Ao consultar estudos sobre os traços semânticos (+/- humano) e (+/- animado), percebeu-se haver uma relação entre esses traços e o apagamento de formas linguísticas. Como é o caso dos trabalhos de Mollica (1977), Omena (1978) e Paredes Silva (1988).

Como já foi mencionado anteriormente, no trabalho de Mollica (1977), pode-se ver que, quando o referente anterior possuía um traço [+humano], havia o favorecimento da presença de um pronome cópia, enquanto referentes [-humano] tendiam a desfavorecê-lo, como nos exemplos reproduzidos a seguir.

- (24) a. Tinha um *rapaz* que ele ia tocar...
b. Tinha uma *casa* do outro lado né?, que \emptyset vende toalha.

Omena (1978), por sua vez, afirma que a anáfora zero “ \emptyset ” tende a estar associada ao traço [-animado] do elemento retomado, enquanto aqueles com traço [+ animado] se associam principalmente a uma anáfora pronominal.

Já Paredes Silva (1988) concluiu que o uso do pronome na posição de sujeito de uma oração encaixada era favorecido pelo traço [+animado] do seu correferente na oração principal, enquanto uma categoria vazia ocorria quando o traço do correferente era [-animado].

Estes três trabalhos revelam uma informação muito interessante: todas as vezes que os traços [humano] e [animado] estão marcados positivamente, há uma tendência à ocorrência de uma forma marcada (“pronome cópia”, “anáfora pronominal”, “sujeito pronominal”). Por outro lado, quando esses traços são marcados negativamente, percebe-se uma tendência à ocorrência de formas nulas (“ausência de pronome cópia”, “anáfora zero”, “categoria vazia”), ou seja, formas apagadas.

A fim de se estabelecer uma generalização dos resultados encontrados por essas autoras, pode-se inferir que formas marcadas, ou seja, realizadas

fonologicamente, estão sempre associadas aos traços [+humano] e [+animado], enquanto formas não marcadas, isto é, formas apagadas, estão em geral associadas aos traços [-humano] e [-animado].

Considerando o fenômeno em análise nesta pesquisa, pode-se explicar itens lexicais [-parte do corpo] favorecerem o *Plural nulo* (PR=0.64) devido ao fato de esse tipo plural não possuir marca formal de plural. Isto é, quando os itens lexicais estão associados a partes do corpo [+humano], como “mãos”, “pés” e “olhos”, eles terão o plural formal mais realizado, mas quando não se referem a partes do corpo [-humano], como “faróis”, “sapatos” e “brincos” vão apresentar o *Plural nulo*, ou seja, sem marcas formais de plural. Em consonância com o que foi encontrado pelas pesquisadoras em seus trabalhos.

4.2.2.3 Análise da variável *Distribuição*

A variável *Distribuição* apresenta quatro fatores “Um par”, “Mais de um par”, “Conjunto” e “Itens independentes”. Foram marcados com o fator “Um par” itens lexicais como “mãos”, “pés”, “sapatos” e “brincos” realizados quando o informante estava descrevendo uma fotografia em que havia somente um par desses itens. Foram marcados como “Mais de um par” esses mesmos itens, quando pronunciados diante de uma fotografia com mais de um par desses itens. Foram marcados como “Conjunto” itens lexicais como “dedos”, “dentes”, “cabelos” etc. Como “Itens independentes” foram marcados itens como “casas”, “carros” e “milhos”. A tabela a seguir apresenta os dados de cada um desses fatores com relação à variável dependente.

Tabela 6: Pesos relativos dos fatores da variável *Distribuição* com relação ao *Plural nulo*

Distribuição	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Um par	324/550	58,9	0.64	<0,001
Conjunto	132/358	36,9	0.60	0,013
Mais de um par	57/202	28,2	0.45	0,235
Itens independentes	27/48	56,2	0.32	0,013

Como se pode ver nesta tabela, há uma gradação de favorecimento da forma inovadora. Entre os tipos de palavra analisados, dois favorecem a ocorrência do *Plural nulo*, um não favorece nem desfavorece e um desfavorece. Os tipos que favorecem são aquele em que as palavras se referem a *Um par* (PR=0.64) e aquele cujas palavras se referem a *Conjuntos* (PR=0.60).

O fator *Mais de um par* apresenta um peso relativo (PR=0.45), o que parece sugerir, num primeiro momento, que esse tipo de palavra desfavorece a ocorrência da variante inovadora. Entretanto, como se pode ver na última coluna, o valor de Wald é 0,235. O teste de Wald, como afirmado anteriormente, tem a finalidade de determinar se o efeito do fator sobre a variável é significativamente diferente do seu efeito neutro (PR=0.5).

Como, nesse caso, o valor de Wald é $>0,05$, pode-se afirmar que o peso relativo desse fator (PR=0.45) não é estatisticamente diferente do efeito neutro, o que quer dizer que este fator nem favorece nem desfavorece a ocorrência do fenômeno.

Por último, pode-se observar que o fator *Itens independentes* desfavorece o *Plural nulo*, já que seu peso relativo é (PR=0.32)

4.2.2.4 Análise da variável *Antecedentes*

Como explicitado anteriormente, os antecedentes dos núcleos nominais encontrados no *corpus* foram os seguintes:

- a) Determinante (artigos definidos e pronomes demonstrativos);
- b) Numeral/Artigo indefinido “UM, UMA, UNS, UMAS”;
- c) Quantificadores “MUITO(S)” e “VÁRIOS”;
- d) Numeral diferente de “UM”;
- e) Expressão coletiva “UM PAR DE”;

Entretanto, para analisar a ocorrência do *Plural nulo*, foi necessário fazer um recorte entre os tipos de antecedente, pois, para que a variação pudesse ser observada, era necessário que o antecedente fosse um item que pudesse estar tanto no plural quanto no singular, tendo em vista que o que se tem chamado de *Plural nulo* nesta pesquisa é o sintagma nominal em que não há nenhuma marca de plural, ou seja, aquele em que tanto o núcleo nominal quanto o seu antecedente estejam no singular, embora se refiram a mais de um elemento.

Sendo assim, os “Quantificadores”, os “Numerais diferentes de UM” e a “Expressão coletiva” não foram considerados nessa análise, já que, como dito anteriormente, esses antecedentes, mesmo quando não possuem marca morfológica de plural, carregam em seu conteúdo lexical essa informação.

Consequentemente, os únicos antecedentes considerados para a análise do *Plural nulo* foram o *Determinante* e o *Numeral/Artigo indefinido*. Tendo isso em mente, passa-se a analisar a tabela a seguir, em que estão presentes os antecedentes que permitem a lexicalização.

Tabela 7: Pesos relativos dos fatores da variável *Antecedentes* com relação ao *Plural nulo*

Antecedentes	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Determinante	185/582	31,8	0.22	<0,001
Numeral/Artigo indefinido	123/135	91,1	0.84	<0,001

Como se pode ver nesta tabela, o *Plural nulo* só é favorecido quando precedido pelo antecedente *Numeral/Artigo indefinido* (PR=0.84). Quando o antecedente é um *Determinante* (PR=0.22), o *Plural nulo* é desfavorecido.

Mollica (1977), ao investigar a ocorrência do pronome cópia em orações relativas, levou em consideração também o traço semântico [+/- específico] do correferente anterior. Foram considerados como [+específicos] os elementos que possuíam como antecedentes “artigos definidos”, “determinantes” e “pronomes

possessivos” e como [-específicos] aqueles que possuíam como antecedentes “artigos indefinidos”, “pronomes indefinidos” e “quantificadores”.

Os resultados obtidos pela autora foram que os elementos com o traço [+específico] favoreciam a presença do pronome cópia, enquanto aqueles com o traço [-específico] a desfavoreciam. Com base nesses dados, podemos afirmar que, naquele contexto, formas marcadas estavam associadas à maior especificidade e que formas não marcadas, ou seja, formas apagadas estavam associadas a menor especificidade.

É interessante notar que há uma convergência quando se comparam esses resultados aos encontrados na presente pesquisa. Como demonstrado pela tabela anterior, antecedentes com o traço [+específico], como *Determinante*, tendem a se associar ao plural marcado formalmente, apresentando um peso relativo de apenas (PR=0.22) para o *Plural nulo*, enquanto antecedentes marcados como [-específico], como o *Numeral/Artigo indefinido*, parecem estar associados a um maior apagamento das marcas de plural, com peso relativo (PR=0.84) para o *Plural nulo*. O que pode sugerir que, quando o SN for mais específico, ele tenderá a reter mais as marcas de plural, enquanto tenderá a apagá-las quando o SN for menos específico.

4.2.2.4.1 Nomes nus

Além de ocorrer com os antecedentes mencionados na seção anterior, o *Plural nulo* ocorreu também quando os núcleos nominais não possuíam antecedente algum, os chamados *nomes nus* como nos exemplos abaixo.

- (25) a) É, **dente** estragado, só isso. (AAA-M-Fe2-EF)
b) **retrovisor** com detalhe preto e vermelho (CESR-F-Fe1-EF)

Trabalhos que tratam a respeito de *nomes nus* têm revelado que o singular nu é uma característica do português brasileiro (PB), que, diferentemente das outras

línguas românicas, possui não só plural nu (26a), mas também singular nu (26b), como nas frases abaixo.

- (26) a. Jonas gosta de ler *revistas femininas*.
b. Jonas gosta de ler *revista feminina*.

Entretanto, Müller e Oliveira (2002) afirmam que tanto sua distribuição quanto sua interpretação não são as mesmas, destacando que “plurais nus pertencem principalmente à linguagem escrita ou à fala formal. Singulares nus são a escolha natural na fala informal, a menos que alguém queira se certificar de que apenas pluralidades devam ser levadas em conta.”(MÜLLER e OLIVEIRA, 2002, p. 12)⁴⁹

Para as autoras, singulares nus se comportam semanticamente como nomes de massa, uma vez que se referem tanto a indivíduos quanto à sua pluralidade, exibindo uma neutralização do número, enquanto o plural nu só pode se referir a pluralidades. Isso pode ser visto nos exemplos anteriores, já que no exemplo (26b) “Jonas gosta de ler *revista feminina*.”, a expressão *revista feminina* pode estar se referindo tanto a um indivíduo dessa classe, embora não específico, como a vários ou mesmo a toda a espécie. Por outro lado, no exemplo (26a) “Jonas gosta de ler *revistas femininas*.”, a única interpretação possível é aquela que leva em consideração mais de uma revista.

Nomes nus em PB, tanto singulares quanto plurais, são interpretados como se referindo a tipos, isto é, têm sempre uma interpretação genérica, não se referindo a um indivíduo específico. Levando isso em consideração, pode-se supor que *nomes nus* sejam ainda menos específicos que sintagmas nominais indefinidos, já que estes podem ter uma interpretação específica, como nos exemplos a seguir.

⁴⁹ Bare plurals belong mostly to written language or to formal spoken language. Bare singulars are the natural choice in informal spoken language unless one wants to make sure that only pluralities are to be taken into account.

- (27) a. Renata quer comprar *uma roupa*.
 b. Renata quer comprar *roupas*.
 c. Renata quer comprar *roupa*.

Como se pode ver, no exemplo (27a), pode-se interpretar tanto que Renata quer comprar uma roupa específica, como que ela quer comprar uma roupa qualquer. Já nos exemplos (27b e 27c), a interpretação só pode ser genérica. Diante disso, pode-se concluir que *nomes nus* apresentam um grau mais elevado de inespecificidade do que SN indefinidos.

Quando confrontados os dados dos *nomes nus* com aqueles que possuíam algum antecedente (Determinante ou *Numeral/Artigo indefinido*), o que se obteve está presente na seguinte tabela.

Tabela 8: Pesos relativos dos fatores da variável *Nomes nus* com relação ao *Plural nulo*

Nomes nus	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Não	308/717	43,0	0.45	0,005
Sim	232/441	52,6	0.55	0,005

Como argumentado na seção anterior, a maior especificidade está associada a maior marcação do plural, enquanto itens menos específicos tenderão a sofrer mais apagamento desta marca. Isso pode ser observado na tabela anterior, já que os *nomes nus* apresentaram um peso relativo (PR=0.55) para o *Plural nulo*, enquanto os nomes com antecedentes, sejam eles definidos ou indefinidos, apresentaram peso relativo de (PR=0.44), ratificando a hipótese de que quanto mais inespecífico for o SN, maior a tendência ao apagamento das marcas de plural.

4.2.2.5 Análise da variável *Primeira ocorrência*

Os dados do corpus foram analisados também quanto à ordem de ocorrência dos itens lexicais dentro do turno de fala. A hipótese por trás dessa variável era que, da primeira vez que o informante falasse um item lexical, este item tenderia a receber mais marcas de plural do que das outras vezes. Assim, quando o item era

mencionado pela primeira vez no turno de fala do informante, ele era marcado com o traço [+primeira ocorrência] e, quando o item era repetido no mesmo turno de fala, ele era marcado [-primeira ocorrência]. Os resultados dessa análise podem ser vistos na tabela a seguir.

Tabela 9: Pesos relativos dos fatores da variável *Primeira ocorrência* com relação ao *Plural nulo*

Primeira ocorrência	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Não	179/345	51,9	0.59	<0,001
Sim	361/813	44,4	0.41	<0,001

Como se pode ver na tabela anterior, a hipótese inicial foi confirmada, uma vez que a primeira ocorrência do item lexical desfavoreceu a aplicação do *Plural nulo* (PR=0.41), enquanto nas outras vezes em que o mesmo item foi pronunciado, as marcas formais de plural sofreram maior apagamento, favorecendo o *Plural nulo* (PR=0.59).

Tal fato pode ser explicado a partir das teorias funcionalistas desenvolvidos no âmbito da Escola de Praga em que se defendia que elementos que representavam informações novas tenderiam a ter uma forma maior, já que a carga informacional presente nesse item seria também maior. Informações conhecidas, ou dadas, por outro lado, tenderiam a apresentar uma forma menor, já que teriam uma carga informacional menor, como se pode ver no trecho reproduzido a seguir.

Nesse modelo, a parte da sentença que representa informação dada, ou já conhecida pelo ouvinte, tem o menor grau de dinamismo comunicativo, ou seja, a quantidade de informação que ela comunica aos interlocutores no contexto é a menor possível. [...] A parte que contém a informação nova apresenta o grau máximo de dinamismo e forma [...]. (CUNHA, 2011, p. 161)

Na presente análise, considera-se que da primeira vez que o item lexical é pronunciado ele deve ser visto como uma informação nova, tendendo, portanto, a receber mais marcas de plural do que das outras vezes em que é pronunciado, já que precisa apresentar uma carga informacional maior. Por outro lado, a partir da

segunda ocorrência, esse item já será uma informação conhecida, ou velha, tendendo, por isso, a apresentar menos marcas de plural.

4.2.2.6 Análise da variável *Estímulo*

A tabela a seguir apresenta os dados da ocorrência do *Plural nulo* com relação ao fato de o item lexical ter tido sua menção provocada ou não. Como explicitado na seção que trata dos métodos de pesquisa, a coleta dos dados se deu a partir da descrição que os informantes fizeram de fotografias em que se esperava que o item lexical aparecesse. Por exemplo, em uma imagem como a que segue, esperava-se que o informante falasse o item lexical “mão(s)”.

Figura 10: Mãos de uma pessoa idosa.



Fonte: google imagens.

Entretanto, durante a descrição, era possível que o item lexical “dedo(s)” também fosse pronunciado. Nesse caso, o item “mão(s)” seria marcado como [+Estímulo] e o item “dedo(s)” seria marcado como [-Estímulo]. Segue a tabela com os resultados desta variável.

Tabela 10: Pesos relativos dos fatores da variável *Estímulo* com relação ao *Plural nulo*

Estímulo	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Não	129/258	50,0	0.57	0,001
Sim	411/900	45,7	0.43	0,001

Como se pode ver nessa tabela, os itens lexicais que foram mencionados quando estavam sendo estimulados apresentaram menos o *Plural nulo* do que quando não haviam sido estimulados. Isso pode ser visto por meio dos valores dos

pesos relativos. Itens estimulados apresentaram peso relativo (PR=0.43), enquanto itens não estimulados apresentaram peso relativo (PR=0.53). Esses resultados nos levam a concluir que o *Plural nulo* é favorecido quando itens lexicais não são estimulados, enquanto itens estimulados desfavorecem este tipo de plural.

Segundo Hopper (1979), o discurso apresenta pelo menos dois níveis de apresentação dos fatos, os quais ele chama de *figura* e *fundo*. Segundo o autor, esses conceitos estão relacionados ao relevo discursivo. Hopper afirma que há nos textos informações mais relevantes que correspondem a porções mais salientes do discurso. A essas informações o autor dá o nome de *figura* (foregrounding). Já às informações complementares, que giram em torno da informação mais relevante, o autor denomina *fundo* (backgrounding), pois servem apenas para emoldurar a informação principal.

Com base nessa noção, defende-se que os itens que receberam o traço [+Estímulo] foram localizados no discurso dos informantes como parte do que Hopper chamou de *Figura*, enquanto aqueles marcados [-Estímulo] ajudaram a compor o *Fundo*. Diante disso, acredita-se que os itens [+Estímulo] receberam mais marcas de plural pelo fato de serem o foco da atenção dos informantes ao descrever a imagem, enquanto os itens [-Estímulo] receberam menos marcas de plural devido ao fato de terem recebido menos atenção dos informantes durante a descrição da fotografia.

4.2.2.7 Análise da variável *Grau*

Os dados referentes ao *Plural nulo* com relação ao grau dos itens lexicais encontram-se na tabela abaixo. Como se verá, dos 1158 dados analisados, foram encontradas 1150 ocorrências em Grau normal, 8 ocorrências de Grau diminutivo e nenhuma ocorrência de Grau aumentativo.

Tabela 11: Pesos relativos dos fatores da variável *Grau* com relação ao *Plural nulo*

Grau	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Diminutivo	6/8	75,0	0.74	0,019
Normal	534/1150	46,4	0.26	0,019

Apesar da pouca quantidade de dados, o que a tabela 11 parece sugerir é que o diminutivo do núcleo nominal favorece (PR=0.74) a ocorrência do *Plural nulo*, enquanto o grau normal a desfavorece (PR=0.26). Tal hipótese poderia ser investigada em pesquisa posterior, em que houvesse mais dados de diminutivo.

4.2.2.8 Análise da variável *Variação Lexical*

Esta variável trata dos casos em que o item lexical representado na fotografia foi descrito por meio de um sinônimo. Por exemplo, a fotografia abaixo foi selecionada com a intenção de que o informante pronunciasse o item lexical “farol”. Entretanto, alguns informantes a descreveram utilizando a palavra “Xênon”, que é um tipo de farol.

Figura 11: Faróis.



Fonte: google imagens

Nesse caso, o item foi marcado [+variação lexical], enquanto nas ocasiões em que o informante pronunciou “farol”, este item foi marcado [-variação lexical].

A tabela a seguir apresenta os dados relativos à influência desta variável com relação à ocorrência do *Plural nulo*.

Tabela 12: Pesos relativos dos fatores da variável *Varição Lexical* em relação ao *Plural nulo*

Varição Lexical	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Não	495/1101	45,0	0.36	0,003
Sim	45/57	78,9	0.64	0,003

Como se pode ver, o fato de o item lexical utilizado para descrever a figura não ser o mais comum, ou seja, o fato de o informante ter utilizado uma variante lexical do item esperado fez com que o *Plural nulo* ocorresse mais vezes. Conforme a tabela, quando o informante utilizava o item lexical mais comum e previsto pela pesquisa, o *Plural nulo* era desfavorecido [PR=0.36], já quando era utilizada uma variante desse item, o *Plural nulo* era favorecido [PR=0.64].

4.2.3 Conclusões sobre o *Plural nulo*

Com relação ao *Plural nulo*, chegou-se às seguintes conclusões.

- a) Parece tratar-se de um caso de mudança em progresso e não de variação estável, já que apresenta uma progressão entre as faixas etárias, de modo que a faixa etária Idosos é a que mais desfavorece a regra variável e a faixa etária Jovens é a que mais favorece.
- b) Parece tratar-se de uma forma estigmatizada, tendo em vista que tanto as mulheres quanto as pessoas com maior escolaridade apresentaram desfavorecimento do *Plural nulo*.
- c) O *Plural nulo* é desfavorecido em itens lexicais que se referem a partes do corpo e é favorecido quando se referem a elementos que não fazem parte do corpo.
- d) O *Plural nulo* é favorecido em itens lexicais cujos referentes existem em pares ou em conjuntos, como “mãos” ou “dedos”. Quando se referem a mais de um par, apresentam neutralidade quanto à aplicação da regra e quando os referentes dos itens lexicais não existem em pares ou conjuntos, ou seja, nas palavras em geral, como “casa”, “carro” etc, o *Plural nulo* é desfavorecido.

- e) O *Plural nulo* é favorecido quando os SN são menos específicos, como aqueles com antecedentes indefinidos ou nos *nomes nus*.
- f) O *Plural nulo* é favorecido em informações dadas ou já conhecidas, ou seja, quando se tratar da primeira ocorrência de um item lexical haverá mais marcas de plural, mas, quando não, o *Plural nulo* será favorecido.
- g) O *Plural nulo* é favorecido quando o item lexical não é o foco principal da informação, de acordo com a variável *Estímulo*.
- h) O *Plural nulo* parece ser favorecido quando a palavra contém um sufixo de diminutivo, embora, como observado anteriormente, trate-se de uma amostra muito pequena.
- i) O *Plural nulo* é favorecido em itens considerados uma *variação lexical* do item previsto pelo teste.

4.3 ANÁLISE QUANTITATIVA DO *PLURAL NÃO REDUNDANTE*

No capítulo anterior, mencionou-se a necessidade de separarem-se os dados cujos antecedentes permitiam o *Plural nulo* (*Determinante e Numeral/Artigo indefinido*), os quais chamaremos aqui de antecedentes do “Tipo 1”, daqueles cujos antecedentes o bloqueavam (*Quantificadores, Expressão coletiva “um par de” e Numerais diferentes de UM*), os quais serão chamados aqui de antecedentes do “Tipo 2”. Isso foi necessário, como explicitado anteriormente, para se poder comparar apenas os dados passíveis de realizar o *Plural nulo*.

Por outro lado, os dados com *Plural não redundante*, isto é, aqueles em que a marca de plural está apenas no antecedente, ocorreram com todos os antecedentes. Entretanto, foi observado que o comportamento do fenômeno se mostrou diferente ao cotejarmos os dados com antecedentes dos dois tipos. Sendo assim, neste capítulo, serão apresentados os dados com antecedentes do Tipo 1 e do Tipo 2 separadamente.

A variável dependente, neste capítulo, é composta pelos fatores “(0) Plural padrão”, o qual representa a forma conservadora, na qual a marca de plural está presente tanto no núcleo nominal quanto no seu antecedente, e “(1) Plural não redundante”, o qual representa a forma inovadora, em que não há marcas de plural no núcleo nominal, apenas no seu antecedente.

Os dados com antecedentes do Tipo 1 tiveram um total de 490 ocorrências, das quais 81 apresentaram *Plural não redundante*, isto é, 16,5%. Já os dados com antecedentes do Tipo 2 ocorreram 335 vezes, das quais 90 foram de *Plural não redundante*, ou seja, 26,9%.

A partir desses resultados, pode-se deduzir que quando existe a possibilidade de realização do *Plural nulo* – antecedentes do Tipo 1 – a taxa de *Plural não redundante* é menor, 16,5%; contra 26,9% com antecedentes do Tipo 2. Sendo assim, pode-se acreditar que a taxa de *Plural não redundante* com os antecedentes

do Tipo 1 tenha sido menor devido ao fato de o *Plural nulo* ser a forma preferida pelos falantes por se tratar de uma alternativa mais aceita socialmente.

4.3.1 Análise das variáveis sociais

4.3.1.1 Análise da variável *Faixa etária dos informantes*

A primeira variável analisada neste capítulo é a *Faixa etária dos informantes*. Esta variável tem um papel fundamental na análise da tendência de mudança a partir de um fenômeno de variação, já que, segundo Labov (2008 [1972]), é possível observar mudanças diacrônicas na língua ao se analisar a fala de pessoas de faixas etárias diferentes, o que o autor chamou de *estudo da mudança em tempo aparente*.

Sendo assim, seguem abaixo as tabelas com os dados das ocorrências de *Plural não redundante* conforme as faixas etárias dos informantes, separados por tipos de antecedentes.

Tabela 13: Pesos relativos dos fatores da variável *Faixa etária* com relação ao *Plural não redundante com antecedentes do Tipo1*

Faixa etária	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Jovens	31/126	24,6	0.70	<0,001
Adultos	24/171	14,0	0.48	0,750
Idosos	26/193	13,5	0.32	0,001

Tabela 14: Pesos relativos dos fatores da variável *Faixa etária* com relação ao *Plural não redundante com antecedentes do Tipo2*

Faixa etária	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Jovens	25/96	26,0	0.60	0,073
Adultos	28/118	23,7	0.38	0,041
Idosos	37/121	30,6	0.52	0,772

Como se pode observar, a primeira tabela apresenta os dados com os antecedentes do Tipo 1. Com relação a ocorrências com esse tipo de antecedente,

infere-se uma tendência de aumento no grau de favorecimento da forma inovadora (idosos PR=0.32; adultos PR=0.48; jovens PR=0.70), revelando indícios de uma mudança em progresso. Enquanto os idosos desfavorecem a aplicação da regra variável e os jovens favorecem a ocorrência do *Plural não redundante*, os adultos apresentam neutralidade, tendo em vista que, embora apresentem peso relativo igual a 0.48, o resultado do teste de Wald demonstra que esse peso relativo não é estatisticamente diferente do fator médio da variável (PR=0.5).

A segunda tabela, por sua vez, apresenta os dados com os antecedentes do Tipo 2. Nessas ocorrências, observa-se situação diversa. Nesse caso, são os adultos que desfavorecem a forma inovadora (PR=0.38), enquanto idosos e jovens se mostram neutros com relação à aplicação da regra com pesos relativos (PR=0.52) e (PR=60), respectivamente. Cabe ressaltar que, embora os idosos e os jovens apresentem um peso relativo superior a (PR=0.5), eles foram considerados neutros com relação ao favorecimento do *Plural não redundante* pelo fato de apresentarem um *p-valor* no teste de Wald maior que (0,05), o que significa que os pesos relativos destes fatores não são estatisticamente diferentes do fator médio da variável (PR=0.5), não podendo ser considerados nem favorecedores nem desfavorecedores da regra variável do ponto de vista estatístico.

Os gráficos que representam essas tabelas nos fornecem informações importantes com relação ao comportamento da marca de plural nas estruturas em análise.

Gráfico 2: *Plural não redundante* de acordo com a faixa etária com antecedentes do Tipo 1

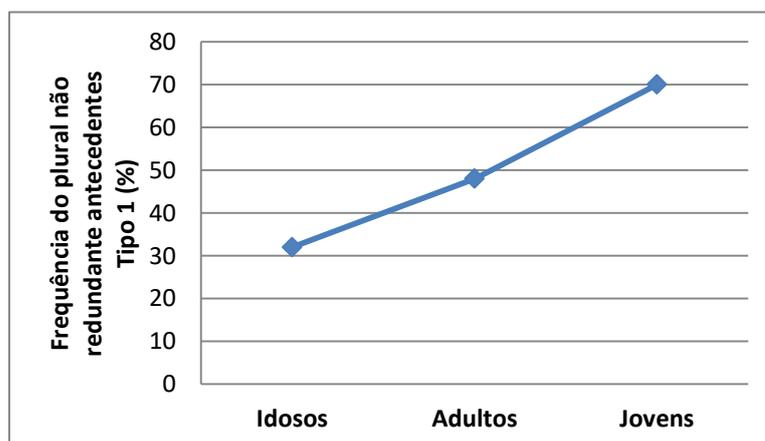
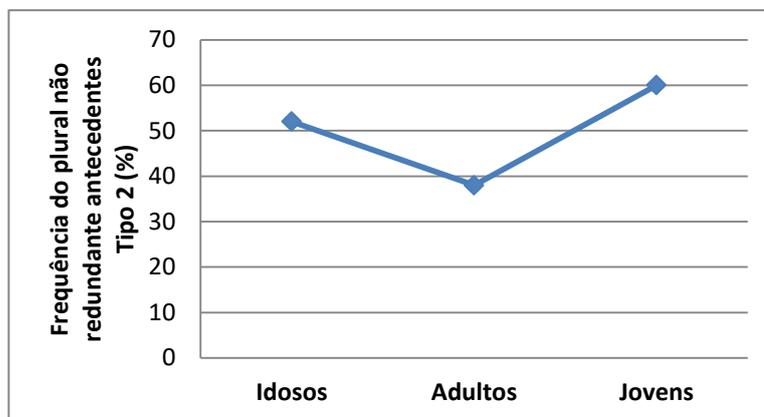


Gráfico 3: *Plural não redundante* de acordo com a faixa etária com antecedentes do Tipo 2



Com base na análise desses gráficos, podemos afirmar que, quando os antecedentes são do Tipo 1, há uma tendência ao *Plural não redundante*, ou seja, uma mudança em progresso. Por outro lado, quando os antecedentes são do Tipo 2, há uma situação de variação estável, ou seja, não se observa tendência de mudança relativa ao fenômeno.

Isso pode ser ratificado a partir do trecho a seguir, no qual Chambers e Trudgill (1980, p. 91-93) afirmam que

No que concerne à faixa etária, a variação estável se caracterizaria por um padrão curvilíneo, no qual as faixas intermediárias apresentariam a maior frequência de uso das formas de prestígio; já na mudança em progresso, a distribuição seria inclinada, com os mais jovens apresentando a maior frequência de uso das formas inovadoras.

Como se pôde ver, quando os antecedentes são *Determinante* ou *Numeral/Artigo indefinido* (Tipo 1), parece ser possível observar-se uma mudança em progresso no sentido de se apagar a marca de plural do núcleo nominal, mantendo-a apenas no antecedente, o que se denomina aqui de *Plural não redundante*. Por outro lado, quando os antecedentes são *Numerais diferentes de "UM"*, *Quantificadores* ou a *Expressão coletiva "um par de"* (Tipo 2), a variação entre *Plural padrão* e *Plural não redundante* apresenta um caráter estável.

4.3.1.2 Análise da variável *Sexo/gênero dos informantes*

Com relação à variável *Sexo/gênero dos informantes*, é importante lembrar que esta variável é muito relevante no que tange à investigação do nível de prestígio ou estigma atribuído pelos falantes às formas variantes de determinado fenômeno linguístico, pois, segundo Labov (2001), mulheres tendem a liderar processos de mudança apenas quando não se trata de um fenômeno estigmatizado socialmente, enquanto homens apresentam maior realização de formas estigmatizadas.

A tabela abaixo apresenta os dados das ocorrências do *Plural não redundante* com antecedentes do Tipo 1, em relação ao sexo/gênero dos informantes. Não foi apresentada a tabela com as ocorrências com antecedentes do Tipo 2, uma vez que esta variável apresentou *p-valor* superior a 0,05 no *Teste da razão máxima verossimilhança*, o que significa que, do ponto de vista estatístico, esta variável, com estes antecedentes especificamente, não é relevante para explicar a variação do fenômeno.

Tabela 15: Pesos relativos dos fatores da variável *Sexo/gênero* com relação ao *Plural não redundante com antecedentes do Tipo1*

Faixa etária	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Feminino	15/222	6,8	0.26	<0,001
Masculino	66/268	24,6	0.74	<0,001

Como se pode ver na tabela anterior, a realização do *Plural não redundante* por parte dos informantes do sexo/gênero masculino apresentou um peso relativo de (PR=0.74), enquanto os informantes do sexo/gênero feminino apresentaram um peso relativo de (PR=0.26). Tal relação entre os pesos relativos de homens e mulheres parece sugerir que a forma inovadora é estigmatizada entre os falantes da língua, já que, conforme Labov (2008[1972]), as mulheres tendem a usar a forma inovadora mais que os homens apenas quando ela não apresenta estigma social ou quando ela está abaixo do nível de consciência social.

4.3.1.3 Análise da variável *Escolaridade dos informantes*

Como mencionado anteriormente, nesta pesquisa, foram feitos testes com informantes de dois níveis de escolaridade: aqueles que só possuíam Ensino Fundamental e aqueles que possuíam no mínimo Ensino Superior.

Esta variável se mostrou relevante, pois, ao longo da história, a escola tem exercido um papel fundamental no estabelecimento de comportamentos linguísticos prestigiados socialmente e na rejeição de formas inovadoras, consideradas erradas e passíveis de correção e até mesmo de punição. Sendo assim, considerou-se que o tempo de escolaridade dos informantes seria um fator influenciador na realização do plural.

As tabelas a seguir apresentam os resultados das ocorrências de *Plural não redundante* de acordo com a escolaridade dos informantes tanto com antecedentes do Tipo 1 quanto com antecedentes do Tipo 2.

Tabela 16: Pesos relativos dos fatores da variável *Escolaridade* com relação ao *plural não redundante com antecedentes do Tipo1*

Escolaridade	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Ensino Fundamental	78/223	35,0	0.94	<0,001
Ensino Superior	3/267	1,1	0.06	<0,001

Tabela 17: Pesos relativos dos fatores da variável *Escolaridade* com relação ao *plural não redundante com antecedentes do Tipo2*

Escolaridade	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Ensino Fundamental	77/149	51,7	0.86	<0,001
Ensino Superior	13/186	7,0	0.14	<0,001

Nestas tabelas, observa-se que, assim como previsto, o *Plural não redundante*, isto é, a falta de concordância de número entre o núcleo nominal e seu

anterior, foi altamente evitada pelos informantes com maior escolaridade. Enquanto aqueles que só possuíam Ensino Fundamental apresentaram pesos relativos de (PR=0.94) e (PR=0.86) para o uso do *Plural não redundante*, os que tinham Ensino Superior exibiram valores muito inferiores, (PR=0.06) e (PR=0.14) para os antecedentes do Tipo 1 e 2, respectivamente.

Tais resultados sugerem que o *Plural não redundante* é uma forma estigmatizada, assim como já observado na análise da variável *Sexo/gênero dos informantes*, já que informantes com mais anos de escolarização realizaram o *Plural não redundante* muito menos.

4.3.2 Análise das variáveis linguísticas

4.3.2.1 Variáveis sem significância estatística

Assim como na análise do *Plural nulo*, algumas variáveis não se mostraram estatisticamente significativas. Sendo assim, as variáveis *Parte do corpo* (*p-valor=0,1869*), *Primeira ocorrência* (*p-valor=0,3804*) e *Estímulo* (*p-valor=0,1067*) foram excluídas do modelo final e não foram analisadas neste capítulo. A seguir estão as variáveis que se mostraram relevantes para o fenômeno.

4.3.2.2 Análise da variável *Distribuição*

A variável *Distribuição* refere-se ao tipo de relação existente entre os elementos da espécie que é representada pelo item lexical. Por exemplo, há elementos no mundo que normalmente existem em pares, como as *mãos*, os *olhos*, os *sapatos*, os *brincos*; outros existem em conjuntos, como os *dentes*, os *cabelos*, os *dedos*; há ainda aqueles que não formam pares nem conjuntos com os elementos da sua espécie, como a *casa*, o *carro*, a *cadeira* etc. Observando isto, fez-se nesta pesquisa a separação desses elementos a fim de testar como eles se comportariam com relação à expressão do plural nominal.

Nesta variante, só foram considerados estatisticamente relevantes os itens lexicais precedidos dos antecedentes do Tipo 1. Sendo assim, segue a tabela com os resultados do *Plural não redundante* de acordo com os itens lexicais separados por seu tipo de *distribuição*.

Tabela 18: Pesos relativos dos fatores da variável *Distribuição* com relação ao *plural não redundante* com antecedentes do Tipo1

Distribuição	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Um par	27/181	14,9	0.28	0,028
Conjunto	42/224	18,8	0.34	0,125
Mais de um par	8/76	10,5	0.32	0,125
Itens independentes	4/9	44,4	0.91	0,029

Como se pode ver na tabela anterior, enquanto o *Plural não redundante* é favorecido quando se trata de *itens independentes* (PR=0.91) é desfavorecido quando se trata de itens que representam *pares* (PR=0.28). Os elementos que se agrupam em *conjunto* e as representações em que estavam *mais de um par* nem favorecem nem desfavorecem o *Plural não redundante*, pois embora apresentem peso relativo de (PR=0.34) e (PR=0.32), respectivamente, não podem ser considerados diferentes do efeito médio da variável (PR=0.5), tendo em vista que exibem um *p-valor* superior a 0,05 no teste de Wald.

Esses resultados são bastante reveladores, principalmente se os compararmos com aqueles encontrados nos dados de ocorrência de *Plural nulo*, que vêm reproduzidos na tabela a seguir.

Tabela 19: Pesos relativos dos fatores da variável *Distribuição* com relação ao *Plural nulo*

Distribuição	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Um par	324/550	58,9	0.64	<0,001
Conjunto	132/358	36,9	0.60	0,013
Mais de um par	57/202	28,2	0.45	0,235
Itens independentes	27/48	56,2	0.32	0,013

Como se pode ver nesta tabela, enquanto os elementos referentes a *conjunto* e *mais de um par* estão nas posições intermediárias, como na tabela do *Plural não redundante*, as taxas de favorecimento e desfavorecimento relativos a *pares* e *itens independentes* estão invertidas. Isto é, itens referentes a *pares* favorecem o *Plural nulo* (PR=0.64) e desfavorecem o *Plural não redundante* (PR=0.28). Por sua vez, *itens independentes* desfavorecem o *Plural nulo* (PR=0.32) e favorecem o *Plural não redundante* (PR=0.91).

Cabe ressaltar que os elementos a que chamamos de *itens independentes* nesta pesquisa se referem à maioria dos elementos existentes no mundo. Não seria absurdo, portanto, afirmar-se que os itens lexicais que representam elementos que existem em *pares* ou em *conjuntos* são bem poucos em nossa língua se comparados com aqueles que representam *itens independentes*.

Diante disso, poder-se-ia inferir que as palavras da língua de maneira geral (itens independentes) não parecem tender ao apagamento total das marcas de plural no SN, o que chamamos de *Plural nulo*, mas que tendem, assim como já foi demonstrado por várias pesquisas sociolinguísticas, a marcar o plural apenas no elemento à esquerda do nome, o que chamamos de *Plural não redundante*. Por outro lado, palavras que se referem a *pares* dão um passo além no processo de apagamento das marcas de plural, apagando-as também no antecedente, ou seja, realizando o *Plural nulo*.

4.3.2.3 Análise da variável *Antecedentes*

Com relação à variável *Antecedentes*, como os testes foram feitos separadamente, o que se pôde observar é que os antecedentes do Tipo 1 (“Determinante” e “Numeral/Artigo indefinido”) não apresentaram significância estatística no *Teste da Razão da Máxima Verossimilhança* com relação ao *Plural não redundante*. Apenas os antecedentes do Tipo 2 foram considerados

significativos do ponto de vista estatístico, sendo, portanto, os únicos a serem analisados nesta seção.

Vale ressaltar que os antecedentes do Tipo 2 (“Expressão coletiva ‘UM PAR DE’”, “Numerais diferentes de ‘UM’” e “Quantificadores ‘MUITO(S)’ e ‘VÁRIOS’”) são aqueles que, apesar de nem sempre apresentarem marca formal de plural, sempre representam pluralidades na sua estrutura semântica. Diante disso, apresenta-se a seguir a tabela contendo a relação entre as ocorrências de *Plural não redundante* de acordo com o antecedente do núcleo nominal.

Tabela 20: Pesos relativos dos fatores da variável *Antecedentes* com relação ao *plural não redundante* com antecedentes do Tipo 2

Antecedentes	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Expressão coletiva	34/88	38,6	0.86	<0,001
Num. Diferente de UM	53/227	23,3	0.40	0,169
Quantificador	3/20	15,0	0.20	0,004

A partir desta tabela, podem-se obter as seguintes informações. Primeiramente, quando o núcleo nominal é precedido por uma expressão coletiva “um par de”, ele tende a não exibir desinência de plural. Isso significa que esse tipo de antecedente favorece o *Plural não redundante* com peso relativo de (PR=0.86), como no seguinte exemplo.

(28) *É um par de brinco? Par de brinco...* (MAGP-M-Fe1-EF)

Como se pode ver, o núcleo “brinco” não possui um morfe marcador de plural e tem como antecedente a expressão coletiva “um par de”.

Por sua vez, os antecedentes que são numerais diferentes de “um” nem favorecem nem desfavorecem a aplicação da regra variável, pois, embora apresentem um peso relativo (PR=0.40), parecendo sugerir um desfavorecimento, seu *p-valor* no teste de Wald é 0,169, o que significa que o peso relativo desse fator não é estatisticamente diferente do efeito médio dessa variável (PR=0.5).

Já os quantificadores desfavorecem o *Plural não redundante*, com um peso relativo (PR=0.20), ou seja, quando o antecedente é um quantificador, o núcleo tende a receber mais marcas de plural, como no seguinte exemplo.

(29) [...] mas aqui tem *várias* mãos. (AAA-M-Fe2-EF)

Como se pode ver, o núcleo “mão” está no plural e é precedido do antecedente “várias”, que é um quantificador.

4.3.2.4 Análise da variável *Sintagma preposicionado*

Com a variável *Sintagma preposicionado*, objetivou-se investigar se o fato de o SN estar dentro de um SP influenciaria na ocorrência do *Plural não redundante*. O resultado que se obteve foi que os antecedentes do Tipo 1 não se mostraram estatisticamente relevantes para esta variável, já os antecedentes do Tipo 2 estão representados na tabela a seguir com seus pesos relativos. Entretanto, estes resultados devem ser analisados com cautela, já que, embora esta variável tenha sido considerada relevante no *Teste da Razão da Máxima Verossimilhança*, com *p-valor* de (0.005608), no teste de Wald, os fatores apresentam *p-valor* ligeiramente superiores ao limite até o qual os fatores são considerados estatisticamente diferentes do fator médio da variável que é (0,05).

Tabela 21: Pesos relativos dos fatores da variável *Sintagma preposicionado* com relação ao *Plural não redundante* com antecedentes do Tipo 2

Sintagma preposicionado	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Não	89/323	38,6	0.77	0,060
Sim	1/12	23,3	0.23	0,060

Considerando que os pesos relativos desses fatores sejam de fato diferentes do efeito médio da variável, o que se pode inferir a partir dessa tabela é que há o desfavorecimento do *Plural não redundante* (PR=0.23) quando o SN está dentro de um SP, e seu favorecimento (PR=0.77), quando não está.

4.3.2.5 Análise da variável *Grau*

A variável *Grau*, como se verá, foi considerada relevante apenas quando os antecedentes eram do Tipo 1, ou seja, *Determinantes* e *Artigos indefinidos*, e seus resultados estão explicitados na tabela a seguir. Cabe ressaltar que esta variável foi composta por três fatores: “Diminutivo”, “Normal” e “Aumentativo”. Todavia, nenhuma ocorrência de aumentativo foi encontrada nos dados analisados. Sendo assim, só se calcularam os valores dos pesos relativos do diminutivo e do grau normal.

Tabela 22: Pesos relativos dos fatores da variável *Grau* com relação ao *Plural não redundante* com antecedentes do Tipo 1

Grau	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Diminutivo	7/9	77,8	0.98	<0,001
Normal	74/481	15,4	0.02	<0,001

Como se vê na tabela, levando-se em consideração o grau da palavra, o diminutivo apresenta um favorecimento (PR=0.98) do *Plural não redundante* quando comparado com o grau normal (PR=0.02). Julga-se importante mencionar, entretanto, que os pesos relativos são valores de caráter relativo, como o nome já sugere. Sendo assim, não significa que quando a palavra está em seu grau normal o *Plural não redundante* é absolutamente desfavorecido, mas o é em relação ao diminutivo. Principalmente levando em consideração que se trata de uma baixa quantidade de ocorrências do diminutivo.

4.3.2.6 Análise da variável *Variação lexical*

Esta variável, como já foi dito, refere-se ao fato de, durante os testes realizados para a coleta de dados, as imagens terem sido descritas com itens lexicais diferentes daqueles que eram esperados e, principalmente, diferentes dos itens lexicais usados pela maioria dos informantes. Por exemplo, ao mostrarmos a imagem de um carro com os *faróis* acesos, a maioria dos informantes referiu-se a esse objeto como “farol”, entretanto, alguns o descreveram utilizando a palavra

“xênon”, que é um tipo de farol. Dessa maneira, o item “farol”, por exemplo, foi marcado como não sendo uma variação lexical, enquanto “xênon” foi marcado positivamente para variação lexical.

A tabela abaixo apresenta os pesos relativos do *Plural não redundante* em relação ao fato de o item lexical refletir uma variação lexical ou não. Como se verá, apenas as ocorrências com antecedentes do Tipo 2 foram consideradas relevantes estatisticamente para esta variável.

Tabela 23: Pesos relativos dos fatores da variável *Variação lexical* com relação ao *plural não redundante* com antecedentes do Tipo 2

Variação lexical	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Não	79/309	25,6	0.25	0,001
Sim	11/26	42,3	0.75	0,001

Os resultados desta tabela indicam que, quando o item lexical não é o mais convencional, ou seja, quando se trata de uma variação lexical, há o favorecimento do *Plural não redundante* (PR=0.75). Por outro lado, quando o item lexical utilizado é o mais comum, isto é, quando não representa um caso de variação lexical, o *Plural não redundante* é desfavorecido (PR=0.25).

4.3.3 Conclusões sobre o *Plural não redundante*

- a) Quando o *Plural nulo* é possível – Antecedentes do Tipo 1 – o *Plural não redundante* é evitado.
- b) Com antecedentes do Tipo 1, o *Plural não redundante* parece encontrar-se em um processo de mudança em progresso, já com antecedentes do Tipo 2, o fenômeno encontra-se em um estado de variação estável.
- c) Os itens lexicais que se referem a pares são aqueles que mais favorecem o *Plural nulo* e os que mais desfavorecem o *Plural não redundante*. As palavras em geral tendem a favorecer o *Plural não redundante* em detrimento do *Plural nulo*.

d) O *Plural não redundante* é favorecido quando precedido da expressão coletiva “um par de” e é desfavorecido quando precedido de quantificadores, como “vários” e “muitos”. Entretanto, quando o antecedente é um numeral diferente de “um” não há o favorecimento nem o desfavorecimento.

f) O *Plural não redundante* aparentemente é favorecido em sintagmas nominais que não estão dentro de SP e desfavorecido quando o SN está dentro de um SP.

g) O *Plural não redundante* aparentemente é favorecido em nomes no diminutivo.

h) Itens considerados variações lexicais dos itens previstos no teste favorecem a ocorrência do *Plural não redundante*.

5 A LEXICALIZAÇÃO DO PLURAL NOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Este capítulo tem a finalidade de apresentar uma explicação teórica para o que se chamou até aqui de *Plural nulo*. Como já ficou claro, quando se utiliza o adjetivo *nulo* ao se referir a esse plural, não se quer dizer ausência de plural, mas apenas ausência de uma partícula formal que o represente. Como se verá, o que se argumenta nesta tese é que o *Plural nulo* é um fenômeno de lexicalização do plural, como se discutirá a seguir.

Do ponto de vista de modelos que tratam do fenômeno de uma perspectiva sincrônica, o termo lexicalização se refere ao fato de haver uma relação entre a representação conceptual de um item lexical e a sintaxe. Essa discussão está presente desde os estudos de Gruber (1965), o qual defendia a existência de um nível linguístico pré-lexical para explicar o fato de alguns itens lexicais parecerem incorporar mais de uma noção semântica. Essa visão está relacionada ao conceito de léxico como um conjunto “de componentes mínimos de significado.” (BRINTON e TRAUGOTT, 2005, p. 9). Como mencionado na seção 2.2 (O CONCEITO DE LÉXICO E AS CATEGORIAS LEXICAIS), o item lexical, segundo essa concepção de léxico, seria a concretização desses traços semânticos que estariam em um nível mais profundo de “propriedades inatas da mente que determinam a maneira como o mundo é concebido.” (BRINTON e TRAUGOTT, 2005, p.9-10).

Em consonância com as alegações de Gruber (1965), McCawley (1968), como mencionado anteriormente, propôs que o item lexical “*kill*” (do inglês, matar) possuía uma estrutura conceptual mais abstrata com as noções {CAUSAR} + {TORNAR MORTO}. Na mesma linha, Leonard Talmy (1985, 2000) estabelece uma tipologia entre as línguas. Segundo o autor, esses elementos semânticos podem ser expressos de mais de uma maneira no nível superficial, isto é: lexicalizados, ou seja, por meio de um único item lexical ou por meio de uma estrutura sintática. Assim, para ele, há línguas em que as noções de *modo* adverbial ou *causa* serão fundidos (*conflated*) com a noção de *movimento* na forma verbal, como no exemplo:

(30) A pedra **rolou** montanha abaixo.

Nesse exemplo, o *movimento* e o *modo* como esse movimento ocorreu estão fundidos em um único item lexical no nível superficial, o verbo “ROLOU”, ou seja, apenas por esse item lexical temos a informação de que ocorreu um movimento e de que maneira esse movimento ocorreu. Observe, além disso, que a *direção* do movimento foi expressa por outra palavra, “ABAIXO”, isto é, em uma relação sintática com o verbo.

Por outro lado, haveria línguas em que o *modo* adverbial ou a *causa* seriam expressos sintaticamente e o elemento semântico que se fundiria com o *movimento* seria a *direção*, como no exemplo:

(31) A pedra **desceu** a montanha rolando.

Neste exemplo, o que está fundido na forma verbal “DESCEU” é o *movimento* e a *direção*, enquanto o *modo* como a ação aconteceu foi expresso, sintaticamente, pelo item “ROLANDO”. Sendo assim, para o autor, há uma fusão de estruturas conceituais complexas dentro de um único item lexical, o que ele chama de *conflation*.

Embora o foco de seus estudos esteja na fusão de estruturas conceituais em verbos, ele deixa claro que esse fenômeno pode acontecer também em nomes como se pode ver na seguinte citação:

Considere o sintagma **qual pressão** (como em **Qual pressão** foi **exercida?**), em que se pergunta ‘qual **grau de** pressão’ – diferentemente do mais usual **qual cor**, em que se pergunta por uma identidade particular entre alternativas. Nós poderíamos explicar o significado de ‘**grau**’ como uma lexicalização: **pressão** aqui difere do seu emprego mais usual pela

incorporação de um componente semântico adicional: *pressão*² = *grau de pressão*... (TALMY, 1985 p. 59, grifos do autor)⁵⁰

Como se pode ver na citação anterior, Talmy (1985) afirma que quando perguntamos “Qual **pressão** foi exercida?” O que queremos saber é “Qual **grau de pressão** foi exercido?”, uma vez que perguntar “Qual *pressão*...?” não é como perguntar “Qual *cor*...?”, pois, diferentemente das “cores”, não há vários tipos de “*pressão*”. A noção de {PRESSÃO} não é como uma “*cor*” que é uma alternativa entre várias. Dessa maneira, o autor defende que o item lexical “PRESSÃO” incorpora em si outro conceito que é o conceito de {GRAU}. Daí a alegação de que ocorreu uma lexicalização, pois um novo item lexical foi acrescentado ao inventário da língua, ou seja, ao léxico: a) *pressão*¹: força exercida por um fluido em todas as direções e b) *pressão*²: grau de pressão exercido sobre algo.

Para se mencionar outro exemplo, observe a palavra “LIXO” na campanha promovida pelo Ministério Público do Distrito Federal.

Figura 12: Não vai doer se você jogar o lixo no lixo.



Fonte: Site do Ministério Público do Distrito Federal(<https://www.comunicaquemuda.com.br/nao-vai-doer/>)

⁵⁰Consider the phrase *what pressure* (as in *What pressure* was *exerted?*), which asks ‘what **degree of pressure**’ - unlike the more usual *what color*, which asks for a particular identity among alternatives. We could account for the ‘degree’ meaning by lexicalization: *pressure* here differs from the usual usage by incorporating an additional meaning component: *pressure*² = **degree of pressure**...

Como se pode ver no principal enunciado da peça publicitária, o item lexical “LIXO” apareceu duas vezes, mas com uma acepção diferente em cada ocorrência: a) lixo¹: qualquer material sem valor ou utilidade que se joga fora; b) lixo²: recipiente onde se deposita o lixo¹. Ou seja, por meio de uma fusão de dois conceitos {LIXO} + {RECIPIENTE} ocorreu uma lexicalização, isto é, a formação de um novo item lexical para o inventário do léxico.

A criação desse novo item lexical é claramente produto de uma metonímia. E, segundo Moreno Cabrera (1998), a lexicalização é um processo de mudança de natureza metonímica e é “altamente dependente do contexto”. Além disso, afirma que a “concretude e a ambiguidade, sendo as duas principais características dos elementos dependentes do contexto vão desempenhar o principal papel no processo de lexicalização.” (MORENO CABRERA, 1998, p. 225-226)⁵¹

Nas palavras de Kövekses e Radden (1998, p. 39 apud Brinton e Traugott 2005, p.28)⁵², metonímia é um processo cognitivo no qual “uma entidade conceptual... fornece acesso a outra entidade conceptual” apontando para ela ou “indexando” relações.⁵³

Diante do exposto, considera-se que, em ocorrências como as que seguem, retiradas dos dados desta pesquisa, a categoria linguística de número plural tenha sido lexicalizada nos itens lexicais em destaque, tendo em vista que embora não haja marcas formais de plural nos sintagmas nominais, os informantes estavam se referindo ao par, no caso do item *mão* e a todos da *mão*, no caso do item *dedo*.

⁵¹concretion and ambiguity, being the two main characteristics of context-dependent elements, will play the starring role in lexicalization process.

⁵² KÖVEKSES, Zoltán and Günter Radden. Metonymy: Developing a cognitive linguistic view. *Cognitive Linguistics* 30. 1998, p.671-697

⁵³ Metonymy is a cognitive process in which “one conceptual entity... provides access to another conceptual entity” and points to or “indexes” relations.

(32) a) com **a mão**, com **a mão** cruzada. (FHRT-M-Fe1-EF)

b) um velho, ‘mostrano’ a mão, com **o dedo** todo bugado.

(GGOA-M-Fe1-ES)

Essa afirmação se dá a partir da alegação de que a queda da marca morfológica de plural dessas palavras seja resultado do que Talmy (1985) chama de *conflation*, ou seja, uma fusão ou incorporação de dois ou mais componentes mínimos de significado, ou traços semânticos, em um único item lexical, gerando a inserção de uma nova unidade para dentro do inventário lexical. Assim os itens lexicais MÃO e DEDO, nessas frases, possuem uma estrutura conceptual complexa na qual estão presentes os conceitos de {MÃO} + {PLURAL} e {DEDO} + {PLURAL}, respectivamente.

Nesses casos, a categoria de número plural deixa de ser marcada morfológicamente para ser codificada dentro do item lexical. Quando isso ocorre, o que se teria seriam duas entradas lexicais no inventário: a) mão¹: extremidade do membro superior, articulada com o antebraço pelo punho e terminada pelos dedos; e b) mão²: par de mãos. E no caso de dedo teríamos: a) dedo¹: cada uma das extensões finais, móveis e articuladas, das mãos e dos pés. b) dedo²: todos os dedos da mão ou do pé.

Tanto nos exemplos dos itens “pressão” e “lixo” quanto nos exemplos dos itens “mão” e “dedo” pode-se concluir que há uma ambiguidade que só pode ser desfeita por meio do contexto, que é, segundo Moreno Cabrera (1998), uma das características da lexicalização.

Com relação ao fato de o autor se referir à lexicalização como um processo metonímico, podemos encontrar menção ao uso do singular referindo-se ao plural como uma metonímia, até mesmo na Gramática Tradicional, como se pode ver no trecho a seguir:

(33) “e) o singular pelo plural: A *mulher* tem sempre rara intuição (por – as mulheres)” (ROCHA LIMA, 1986, p.466 – grifo do autor)

(34) “9.º) o singular pelo plural: O homem é mortal. (o homem = os homens) (CEGALLA, 1988, p. 515)

No entanto, esse fenômeno é tratado pela GT como um recurso estilístico utilizado em situações específicas. Brinton e Traugott (2005), entretanto, afirmam que a lexicalização também ocorre quando um uso que antes era apenas pragmático torna-se uma nova acepção da palavra, que passa a ser polissêmica, podendo chegar ao extremo de aquele uso pragmático vir a ser a única acepção da palavra, como se pode ver no trecho a seguir:

Por exemplo, “see” (“ver” do inglês) no sentido de ‘experiência visual’ pode ser entendido como ‘entender’ em algumas circunstâncias, e.g., “I see that.” (Eu entendo.) Esses sentido pragmático pode se tornar uma polissemia semântica e eventualmente o único sentido da palavra. (BRINTON and TRAUGOTT, 2005, p. 21)⁵⁴

Assim, o que se pretende demonstrar nesta pesquisa é que esse fenômeno não possui uma utilização fortuita e resultante do estilo do emissor, ou seja, com um uso apenas pragmático; mas, sim, que vem se tornando cada vez mais frequente com ocorrências bem encaixadas na estrutura linguística e social.

⁵⁴For example, see in the sense of ‘visual experience’ can be understood to imply ‘understanding’ in certain circumstances, e.g., *I see that*. This pragmatic meaning may become a semantic polysemy and eventually the only meaning of the word.

6 GRAMATICALIZAÇÃO VERSUS DEGRAMATICALIZAÇÃO DO PLURAL NOMINAL

6.1 GRAMATICALIZAÇÃO DO PLURAL NOMINAL SEGUNDO LEHMANN (2002)

Convém salientar, aqui, que o processo chamado por Lehmann (2002) de gramaticalização do número nominal não se refere à transformação de um elemento lexical em um elemento gramatical como normalmente se concebe gramaticalização. Em sua teoria, uma propriedade abstrata, como o número dos sintagmas nominais, por exemplo, pode ser expressa por elementos formais com diferentes níveis de gramaticalidade ao longo das línguas. Isso seria uma evidência de que essa propriedade do sintagma nominal estaria passando por um processo de gramaticalização.

Segundo o autor, as diferentes formas como as línguas expressam o número nominal revelam estágios mais ou menos gramaticais dessa categoria. Segundo ele, há línguas que expressam número por meio da sintaxe, outras por meio de uma morfologia derivacional, outras ainda por uma morfologia flexional e, por último, há aquelas em que não há marcas formais que expressam essa categoria. Embora o autor não tenha expressado essa teoria desta forma, esquematizando esse processo descrito por ele por meio de um *cline*, ficaria da seguinte forma.

(35) Sintaxe > Morfologia Derivacional > Morfologia Flexional > Zero

Como se pode ver, este *cline* se parece muito com aquele estabelecido por Givón (1979) reproduzido a seguir.

(36) Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero

A diferença entre eles consiste apenas na ausência de casos nos níveis do “discurso” e da “morfofonêmica” e no fato de ele haver feito uma separação nos tipos de morfologia derivacional e flexional.

A partir disso, Lehmann (2002) afirma que a expressão da categoria linguística de número no nome não é uma exigência de todas as línguas. Segundo o autor, esta categoria se encontra em um *continuum* evolutivo, de maneira que diferentes línguas se situam em estágios distintos dentro deste processo, fazendo com que algumas exibam um número obrigatório outras não.

Na língua portuguesa, tem-se assumido que a expressão da categoria de número no núcleo do sintagma nominal é obrigatória, uma vez que o nome ou está no singular ou está no plural. Algumas línguas, entretanto, não expressam o plural na morfologia dos nomes, mas, sim, por meio de outras palavras com um significado de coletivo que são adjungidas ao nome, como é o caso da língua Hixkaryana, do grupo linguístico Karib, falada pela tribo de mesmo nome, a qual está localizada nos estados do Pará e do Amazonas. Segundo o autor, línguas como essa possuem uma marcação de plural nominal estritamente opcional. (LEHMANN, 2002, p. 50-51).

Segundo Kalin (2011, p. 3-4), nomes em Hixkaryana são completamente desprovidos de marcas de número. Entretanto podem ser marcados como “coletivo”, recebendo, nesse caso, a partícula *komo* posposta, como se pode ver nesta citação:

Nomes são completamente nus – eles não têm nenhum marcador de caso, nenhum marcador de definitude ou especificidade, e nenhum marcador puramente de número. Nomes serão marcados como ‘coletivo’, nesse caso eles aparecem com ‘komo’; [...] indicando que o sintagma nominal está atuando (ou sofrendo alguma ação) como um grupo coletivo. (KALIN, 2011, p. 3-4 – tradução nossa)⁵⁵

Seguem alguns exemplos de nomes da língua Hixkaryana acompanhados pelo item lexical *komo*.

⁵⁵Nouns are completely bare – they take no case marking, no definiteness or specificity marking, and no pure number marking. Nouns may be marked as ‘collective’, in which case they appear with *komo*; [...] indicating that the noun phrase is acting (or being acted upon) as a collective group

(37) a) *kamara-yana*⁵⁶ (*hixkaryana*)

jaguar-pessoa

“Homem-jaguar”

b) *kamara-yana komo* (*hixkaryana*)

jaguar-pessoa (COL.)

“Homens-jaguar”

Como se pode ver nesses exemplos, o plural na língua Hixkaryana é expresso por uma palavra com sentido de coletivo que é colocada após o substantivo. Segundo Lehmann (2002), este é o primeiro estágio no processo de gramaticalização do número nominal, já que o plural é expresso em uma relação sintática com o nome.

Para o autor, o passo seguinte nesse processo de gramaticalização é a emergência de um sufixo derivacional de significado plural que é resultado da aglutinação de partículas com significado de coletivo para dentro da morfologia dos nomes ‘coletivo>plural’. A morfologização dessas partículas de coletivo apresenta evidências históricas em línguas como o russo, o persa e o árabe, conforme Kuryłowicz (1965, p.52). Um exemplo de morfema derivacional com valor de plural é o morfema *-ler* ou *-lar* do turco como se pode ver nos exemplos a seguir:

(38) a) <i>oda</i>		<i>gece</i> (<i>turco</i>)
quarto		noite
“o quarto”		“a noite”

b) <i>odalar</i>		<i>geceler</i> (<i>turco</i>)
quarto (PL.)		noite (PL.)
“os quartos”		“as noites”

⁵⁶ Segundo Kalin (2011, p.4), “os homens-jaguar são recorrentes nos exemplos de Derbyshire – eles parecem ser uma tribo inimiga na mitologia hixkaryana.” Tradução livre de: The ‘jaguar people’ are recurrent in Derbyshire’s examples – they seem to be an enemy tribe in Hixkaryana mythology.

Até aqui, segundo Lehman, a expressão da categoria de número no nome é opcional ou não é completamente obrigatória, isto é, o nome pode estar no plural, mesmo sem apresentar esses morfemas. No turco, por exemplo, o sufixo de plural está ausente pelo menos sempre que o nome é acompanhado de um numeral, como no exemplo abaixo.

(39) *iki* *gece* (*turco*)
 (NUM. “dois”) noite
 “Duas noites”

Além disso, muitas vezes eles são restritos apenas a seres animados, ou apresentam uma forma diferente para entidades inanimadas.

O terceiro estágio rumo a uma maior gramaticalização seriam os casos em que o sufixo de número se torna flexional, isto é, completamente obrigatório. Neste estágio, há uma tendência à redução do paradigma a uma oposição binária, em que os nomes estão ou no singular ou no plural. É o caso de grande parte das línguas de origem indo-europeia, como, até então, parecia ser o caso do Português. Segundo o autor, nessas línguas a marca de plural é generalizada para todos os nomes e em todos os contextos.

(40) menino(Ø) – meninos
 SG. PL.

O penúltimo estágio dessa gramaticalização, segundo Lehmann, ocorre quando a distinção de número é representada pela alternância lexical.

(41) a) *mouse* vs. *mice* (*inglês*)
 “rato” “ratos”

b) *chelovek* vs. *lyudi* (russo)
“homem” “homens”

c) *god* vs. *leta* (russo)
“ano” “anos”

O último estágio, para o autor, ou a saída (*outlet* em suas palavras), é aquele em que a marca de plural se torna zero (\emptyset), ou seja, não se faz distinção formal entre o singular e o plural, como no exemplo a seguir, do alemão.

(42) *der wagen* - *die wagen* (alemão)
“o carro” - “os carros”

Outro exemplo de língua que estaria nesse estágio do processo de gramaticalização do número é o francês em que embora a marca de plural seja preservada na escrita, todos os núcleos nominais são pronunciados, mesmo na norma padrão, sem nenhuma marca de plural, como nos exemplos a seguir.

(43) *l'enfant* - *les enfants* (francês)
[lã'fã] - [lezã'fã]
“a criança” - “as crianças”

la maison - *les maisons* (francês)
[lamɛ'zõ] - [lemɛ'zõ]
“a casa” - “as casas”

Como se pode ver nos exemplos, em francês, a marca de plural dos nomes ocorre apenas nos antecedentes. O núcleo nominal é pronunciado da mesma maneira no singular ou no plural.

6.2 DEGRAMATICALIZAÇÃO DO PLURAL NOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Tradicionalmente, o português brasileiro é uma língua que estaria no terceiro estágio descrito por Lehmann (2002), uma vez que a marcação do plural nessa língua é, pretensamente, binária, isto é, ou o nome está no singular ou no plural. No português, como já foi dito, considera-se que o plural seja realizado pela presença do morfe [-s], e suas alomorfias, e o singular por um morfe zero [-Ø].

O que se argumenta, nesta tese, entretanto, é que os dados de *Plural não redundante*, como os apresentados nesta tese, e amplamente discutidos em trabalhos como os de Scherre (1988, 1996a, 2001), Guy (1981), Scherre e Naro (1998), revelam que o PB estaria mais bem localizado no estágio anterior desse processo, já que a marca de plural nessa língua não é mais obrigatoriamente expressa no núcleo nominal.

Com relação ao que chamamos de *Plural não redundante*, Scherre (1994, p. 6) afirma que

Em síntese, os resultados [...] refletem de forma inequívoca o fato de que todos os elementos determinantes à esquerda do núcleo tendem a receber mais marcas explícitas de plural... (SCHERRE, 1994, p.6)

Corrêa et al (2005, s/p), por sua vez, afirmam que, no PB, “em dialetos não-padrão (DNPs), a pluralidade é expressa apenas no determinante (ou no elemento mais à esquerda no DP)”⁵⁷.

Além disso, Magalhães (2004), com base nos estudos de Abney (1987), Olsen (1989) e Longobardi (1994), apresenta evidências de que o traço de número no PB é interpretável não no nome, mas, sim, no núcleo do DP, ou seja, em D. Isto

⁵⁷In non-standard dialects (NSDs), plurality is morphologically expressed in the determiner only (or the most leftward element in the DP)

significa que na verdade não é o determinante que concorda em número com o nome, e, sim, o contrário, como se pode ver no trecho abaixo.

Chomsky (1995-2001) assume que o traço de número é somente interpretável no nome e que para outros itens esse traço é não-interpretável. No entanto, evidências empíricas indicam que os traços de número estão, na verdade, localizados no determinante (DET). (MAGALHÃES, 2004 p. 159)

Com base nos estudos mencionados acima, pode-se afirmar que a tendência do PB é que a marca de plural esteja presente apenas no antecedente do núcleo, enquanto o próprio núcleo passe a expressá-la de maneira opcional. Como nos exemplos a seguir retirados dos dados da pesquisa.

- (44) a) “Esse aí são **várias perna** de moça cruzada.” (CGP-F-Fe3-EF)
b) “...**cinco dedo** só que um torto.” (AAA-M-Fe2-EF)
c) “**Um par de cadeira** vermelha.” (RNS-M-Fe2-EF)
d) “**Uns pé** de lobisomem ué, só pode.” (AAA-M-Fe2-EF)
e) “Calça jeans bota com **as perna** aberta.” (CGP-F-Fe3-EF)

Nos exemplos (44a, 44b e 44c), os antecedentes “várias”, “cinco” e “um par de” carregam o traço semântico de plural em seu conteúdo lexical; nos exemplos (44d e 44e) os antecedentes “Uns” e “as” estão flexionados no plural, entretanto, em todos os casos o núcleo não apresenta marca formal de plural.

Diferentemente do que se afirma tradicionalmente a respeito do PB, o que se pretende demonstrar nesta tese é que a expressão da categoria de número no núcleo nominal não é obrigatória nessa língua. O nome não está obrigatoriamente no singular ou no plural. A ausência de marca de plural no nome não o torna necessariamente singular, mas neutro com relação ao número, isto é, desprovido da categoria de número. Sendo assim sua marcação como singular ou plural só é feita pelo elemento à esquerda no nome.

Nessa perspectiva, o *Plural não redundante* revelaria que o PB estaria localizado mais adequadamente no segundo estágio do processo de gramaticalização proposto por Lehmann (2002), assim como o Turco. Em línguas que estão nesse estágio, segundo o autor, a expressão da categoria de número no núcleo nominal não é obrigatória. Como mencionado, no turco, quando o nome é precedido de um numeral, o sufixo derivacional que expressa plural (“-ler” ou “-lar”) está ausente. No caso do PB, como já se tem demonstrado, quando há um antecedente expressando o número plural, há também a tendência de a desinência de plural estar ausente no nome.

Essa afirmação nos leva a argumentar que o morfema de plural esteja passando por um processo de degramaticalização no PB, uma vez que parece estar deixando de ser um elemento de natureza flexional e assumindo traços de um morfema derivacional, já que tem perdido alguns dos principais traços que caracterizam a flexão, segundo Gonçalves (2011), que são a obrigatoriedade e a expressão necessariamente morfológica. Diante disso, afirma-se que o PB esteja mais adequadamente localizado, no processo descrito por Lehmann (2002), no estágio em que a expressão de plural é feita por um morfema derivacional, portanto, não obrigatório. Algumas evidências para essa afirmação estão em Gonçalves (2011) e Norde (2011).

Gonçalves (2011) faz um levantamento de uma série de critérios utilizados por pesquisadores para classificar os morfemas como flexionais ou derivacionais. Segundo o autor, embora eficazes, pelo menos parcialmente, a maior parte dos critérios apresenta algumas limitações. Entretanto, para ele, alguns dos critérios são muito mais relevantes do que outros, tendo em vista sua aplicabilidade e relativa coerência no estabelecimento do *status* flexional ou derivacional do morfema, como é o caso da obrigatoriedade sintática, como se pode ver na citação a seguir.

Apesar de aplicáveis com relativa eficácia, os critérios empíricos não têm o mesmo grau de preditividade [...], pois servem para diagnosticar processos morfológicos extremamente marcados. Ao contrário, a **obrigatoriedade**

constitui parâmetro de maior peso, já que prognostica, de modo mais abrangente e satisfatório, uma variedade maior de afixos. (GONÇALVES, 2011, p. 125, grifo do autor)

Gonçalves define tal critério da seguinte maneira.

(i) - A flexão é requerida pela sintaxe da sentença, isto é, um contexto sintático apropriado leva à expressão das categorias flexionais, o que não acontece com a derivação, isenta do requisito “obrigatoriedade sintática” (GONÇALVES, 2011, p. 12)

Como se pode ver, para o autor, enquanto elementos flexionais são obrigatórios, no sentido de que são requeridos pela sintaxe da sentença, os elementos derivacionais não o são. Como se pode ver também a seguir.

Na assunção feita em (i), está implícita a ideia de que a flexão força escolhas por parte do falante e, por isso mesmo, afixos dessa natureza são obrigatórios: têm uso compulsório e são previsíveis a partir de uma construção sintática. As unidades da derivação, ao contrário, podem ser substituídas por alguma classe especial de formas simples sem produzir mudança na construção, o que as torna, de certo modo, opcionais. (GONÇALVES, 2011, p. 12-13)

Essa afirmação se refere ao que o autor chama de variedade de *meios de materialização*. Como se pode ver nessa citação, morfemas derivacionais “podem ser substituídos por alguma classe especial de formas simples sem produzir mudança na construção.”

Para Gonçalves, um morfema flexional só pode ser materializado morfologicamente enquanto o conteúdo expresso por morfemas derivacionais pode ser materializado de outras maneiras. Como se pode ver a seguir.

(ii)- Um afixo é flexional se o significado que veicula manifesta-se apenas morfologicamente. Quando há concorrência de estratégias para exteriorizar

determinado conteúdo, o afixo deve ser analisado como derivacional.
(GONÇALVES, 2011, p. 20)

As sentenças repetidas a seguir são bons exemplos do que se afirma nesta citação, pois nestes casos o plural está sendo materializado por meio de elementos que estão em uma relação sintática com o nome.

- (45) a) “Esse aí são **várias perna** de moça cruzada.” (CGP-F-Fe3-EF)
b) “...**cinco dedo** só que um torto.” (AAA-M-Fe2-EF)
c) “**Um par de cadeira** vermelha.” (RNS-M-Fe2-EF)

Os antecedentes “várias”, “cinco” e “um par de” é que informam que os nomes a que se referem estão no plural, já que estes não possuem nenhuma marca desse número. Ou seja, o PB apresenta concorrência de estratégias na materialização do plural nominal, que é mais uma evidência de que se trata de uma categoria derivacional.

Além disso, Norde (2011), ao elaborar sua argumentação sobre a existência do processo de degramaticalização, afirma haver três tipos diferentes desse processo, os quais ela chama de *degramação*, que ocorre quando um item gramatical se torna lexical, deixando de ter apenas função estrutural e adquirindo significado no mundo biopsicossocial; *deflexionalização*, que ocorre quando um morfema flexional se torna derivacional; e *descolamento*, que ocorre quando um morfema se desconecta de uma palavra e se torna uma partícula livre. Segundo a autora, a deflexionalização pode ser definida da seguinte forma:

Deflexionalização é uma mudança complexa em que um afixo flexional em um contexto linguístico específico ganha uma nova função, enquanto muda para um tipo de morfema menos preso. (Norde 2009a: 152 – tradução nossa)⁵⁸

⁵⁸Deinflectionalization is a composite change whereby an inflectional affix in a specific linguistic context gains a new function, while shifting to a less bound morpheme type.

Ainda segundo a autora, o que faz os morfemas derivacionais serem considerados menos gramaticais do que os morfemas flexionais é exatamente o fato de aqueles não serem gramaticalmente obrigatórios, além de poderem ser substituídos por outras expressões, como se pode ver a seguir.

Na deflexionalização, pode-se dizer que o sufixos tornam-se menos obrigatórios, [...] marcadores derivacionais podem ser substituídos por outras expressões. (NORDE, 2011, p. 483 – tradução nossa)⁵⁹

Como se pode ver, nessa citação, Norde (2011) ratifica as palavras de Gonçalves (2011) ao afirmar que há uma degramaticalização quando elementos flexionais se tornam menos obrigatórios ou podem ser substituídos por outras expressões.

O que se argumenta, portanto, nesta tese, é que a desinênciade plural “-s” está aparentemente adquirindo características de morfemas derivacionais, já que, como demonstrado ao longo deste texto, a marca de plural no núcleo nominal não é obrigatória. Além disso, outro argumento para considerarmos que a desinênciade plural está se movimentando no sentido da flexão para a derivação no *continuum* proposto por Bybee (1985) é o fato de o conteúdo veiculado por ela poder se materializar de maneiras diferentes da morfológica, como é típico das categorias derivacionais, como afirmam Gonçalves (2011) e Norde (2011).

Há pelo menos três formas de materialização do plural em PB: morfológica, sintática e lexical. Como se podem ver nos exemplos abaixo.

(46) “Aí são duas cadeiras vermelhas”. (**morfológica**)

(47) “Esse aí são várias perna de moça cruzada.” (CGP-F-Fe3-EF) (**sintática**)

(48) “com **a mão**, com **a mão** cruzada.” (FHRT-M-Fe1-EF) (**lexical**)

⁵⁹In deinflectionalization, grams can be said to become less obligatory, [...] derivational markers may be substituted by other expressions.

Além disso, segundo Norde (2001, p.242) “Fatores socioculturais são geralmente reconhecidos como potenciais forças contradirecionais”⁶⁰ e cita Heine (1997)⁶¹ para ratificar sua afirmação.

De acordo com uma das principais premissas subjacentes a este trabalho, estabelecida em vários trabalhos anteriores, a gramaticalização é um processo unidirecional [...] Esta é uma reivindicação forte, e várias exceções ao princípio foram apontadas [...] O status exato dessas exceções ainda precisam ser investigadas; por enquanto, assumirei que certas forças específicas podem ser responsabilizadas por exceções. Os fatores sócio-culturais são geralmente reconhecidos como potenciais forças contradirecionais. (HEINE, 1997, p.152 apud NORDE, 2001, p.242 – tradução nossa)⁶²

Como se pode ver, segundo a autora, fatores de natureza social podem estar envolvidos no processo de degramaticalização. Além disso, Gonçalves (2011, p. 64) afirma que “a derivação pode qualificar o falante do ponto de vista sociolinguístico”, como se pode ver no trecho a seguir em que o autor define o critério chamado por ele de *Função Indexical*.

(xv) - Apenas afixos derivacionais podem servir como meio de sinalização do falante do ponto de vista social, geográfico e etário.

Conforme o autor, somente afixos derivacionais podem revelar informações sociais do usuário, já que, sendo os afixos flexionais obrigatórios, serão utilizados por todos os falantes da língua. Isto quer dizer que o falante tem a opção de utilizar

⁶⁰Socio-cultural factors are generally acknowledged as potential counterdirectional forces.

⁶¹HEINE, B., Cognitive foundations of grammar. Oxford University Press, Oxford & New York, 1997..

⁶² According to one of the main premises underlying this work, established in a number of previous works, grammaticalization is a unidirectional process [...] This is a strong claim, and a number of exceptions to the principle have been pointed out [...] The exact status of such exceptions remains to be investigated; for the time being, I will assume that certain specific forces can be held responsible for exceptions. Socio-cultural factors are generally acknowledged as potential counterdirectional forces.

ou não um sufixo derivacional e que essa escolha poderá revelar informações sobre seu comportamento social. Como exemplo, o autor utiliza os sufixos superlativos em português. Gonçalves (2003, apud GONÇALVES, 2011)⁶³ observou que a utilização dos sufixos “-íssimo, -érrimo e -ésimo” apresentam *Função Indexical*, ou seja, revelam informações sociais do usuário. Segundo ele

homens tendem a optar por estratégias sintáticas de intensificação ('muito forte', 'forte pacas') ou por prefixos intensivos ('superforte'), evitando o uso de -íssimo, -ésimo e -érrimo por perceber neles forte associação com a fala feminina. [...] Ao que tudo indica, outros processos de formação de palavras também apresentam função indexical. Construções *x-aço*, como 'golaço', 'cansadaço', 'timaço' e 'afinzaço', parecem estar mais associadas à fala masculina.

A função indexical mencionada pelo autor pode ser reconhecida nos dados encontrados na pesquisa sociolinguística feita neste trabalho, fatores como idade, sexo/gênero e escolaridade dos informantes influenciaram na realização do chamado *Plural não redundante*, como se pode ver nas tabelas a seguir que reproduzem as tabelas (13), (15) e (16).

Tabela 24: Pesos relativos dos fatores da variável *Faixa etária* com relação ao *Plural não redundante*.

Faixa etária	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Jovens	31/126	24,6	0.70	<0,001
Adultos	24/171	14,0	0.48	0,750
Idosos	26/193	13,5	0.32	0,001

Tabela 25: Pesos relativos dos fatores da variável *Sexo/gênero* com relação ao *Plural não redundante*.

Faixa etária	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Feminino	15/222	6,8	0.26	<0,001
Masculino	66/268	24,6	0.74	<0,001

⁶³ GONÇALVES, C.A. A função indexical das formações x-íssimo, x-ésimo e x-érrimo no português do Brasil. *Veredas (UFJF)*, Juiz de Fora, v.5, n.2, p. 47-59, 2003.

Tabela 26: Pesos relativos dos fatores da variável *Escolaridade* com relação ao *Plural não redundante*.

Escolaridade	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Ensino Fundamental	78/223	35,0	0.94	<0,001
Ensino Superior	3/267	1,1	0.06	<0,001

De acordo com as tabelas, pode-se verificar que os jovens tendem a apagar a desinência de plural, enquanto os idosos tendem a retê-la. No fator sexo/gênero, os homens têm a tendência de apagar a marca de plural enquanto as mulheres tendem a realizá-la. Quanto à escolaridade, pode-se ver que os informantes que só possuíam Ensino Fundamental favoreceram o apagamento do sufixo de plural enquanto aqueles com Ensino Superior completo o realizaram quase que em todas as ocorrências.

Diante disso, o que se acredita é que a marca de plural expressa, especificamente, no núcleo nominal parece não ter apenas função linguística, mas também estar adquirido uma relevante função social, no sentido de que seu uso teria primordialmente o papel de atribuir prestígio aos indivíduos que a utilizam, uma vez que seu uso está relacionado a determinados grupos como os mais escolarizados, as mulheres e as pessoas mais velhas.

Tais argumentos nos levam a deduzir que o morfema de plural do núcleo do sintagma nominal está se movendo ao longo do *cline* proposto por Bybee (1985) ao assumir características próprias de morfemas derivacionais, deixando de ser, assim, um exemplar prototípico da categoria flexional.

7 COMPARAÇÃO ENTRE O SINGULAR E O PLURAL NULO

O objetivo deste capítulo é fazer o cotejamento entre os dados de *Singular* e de *Plural nulo*. Isso se faz necessário uma vez que ambos apresentam a mesma estrutura, isto é, nos dois casos, tanto o núcleo do SN quanto seu antecedente estão no singular. Diante disso, julgou-se relevante investigar como os falantes diferenciam esses dois conteúdos.

Para a coleta dos dados de Singular, foram apresentadas para os informantes durante os testes as quatro imagens a seguir:

Figura 13: Imagens utilizadas para testar o Singular



Fonte: Google imagens

A fim de que se pudessem obter informações comparáveis entre as duas estruturas, recortou-se dos dados de plural todas as realizações de *Plural nulo* referentes às imagens a seguir, que representam pluralidades de cada um dos elementos usados para testar o Singular.

Figura14: Imagens utilizadas para testar o *Plural nulo* em comparação com o Singular



Fonte: Google imagens

7.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DE SINGULAR VERSUS PLURAL NULO

Foi encontrado um total de 369 dados descrevendo esses elementos em estruturas que não apresentavam marcas de plural nem no núcleo do SN nem em seu antecedente. Desse total, 122 ocorrências referiam-se ao *Plural nulo*, ou seja, descreviam as imagens da figura 14, porém usando um SN sem marcas de plural; e 247 ocorrências referiam-se ao *Singular*, ou seja, descreviam as imagens da figura 13, também sem marcas de plural.

Ao observar os dados, percebeu-se que tanto as ocorrências de *Singular* quanto as ocorrências de *Plural nulo* apresentavam apenas os seguintes antecedentes: Determinante (artigos definidos e demonstrativos) ou Numeral/Artigo indefinido (UM/UMA)

Com base em estudos anteriores, como o de Corbett (2000), em o que autor analisa a realização da categoria de número nas línguas do mundo, observou-se que em línguas nas quais havia coincidência de forma entre o singular e alguma pluralidade, como o *número geral*, mencionado pelo autor, que apresenta informação de uma pluralidade indefinida ou uma generalidade; quando há necessidade de se fazer distinção entre o singular e o plural, é comum o uso de numerais em especial o numeral “um” ou de artigos.

Sendo assim, visando a investigar as diferenças entre as formas dos dois conteúdos, e julgando que uma provável diferença estaria na escolha do antecedente, fez-se o teste considerando as seguintes variáveis dependentes:

Quadro 9: Variável dependente para investigação da distinção entre *Singular* e *Plural nulo* de acordo com o antecedente.

Código	Variante	Exemplo
1	Numeral/Artigo indefinido (UM/UMA)	'uma mão'
0	Determinante (artigos definidos e demonstrativos)	'a mão'

Segundo Oliveira (2009), nos casos em que a variável resposta possui apenas duas possibilidades, é comum que essas variantes sejam codificadas com os números 0 e 1. Aquela codificada com o número 1 é a variante que se pretende investigar, que em termos estatísticos recebe o nome de *sucesso*; por outro lado, a variante codificada com o número 0 recebe o nome de *fracasso*.

A escolha do código 1 para a variante Numeral/Artigo indefinido (UM/UMA), deu-se devido à hipótese de que seria esta a marca do *Singular*, ou seja, por se acreditar que os falantes iriam utilizar este antecedente para se referir a um único elemento.

7.1.1 Análise quantitativa das variáveis sociais

Na análise do *Singular*, as variáveis sociais não apresentaram relevância estatística no Teste da Razão da Máxima Verossimilhança, o que fez com que essas variáveis fossem retiradas do modelo final, uma vez que apresentaram nesse teste *p-valor* de 0,48 (Faixa etária), 0,07 (Sexo/Gênero) e 0,48 (Escolaridade). Vale lembrar que, segundo Oliveira (2009), de acordo com o Teste da Razão da Máxima Verossimilhança, só devem ser consideradas no modelo final aquelas variáveis que apresentem um *p-valor* menor que 0,05, sendo retiradas as demais do modelo final, já que, nesse caso, a probabilidade de a hipótese nula ser verdadeira é maior do que o *nível de significância*. Isso sugere que diferenças de idade, sexo/gênero e escolaridade não são relevantes para explicar o uso deste ou daquele antecedente.

7.1.2 Análise quantitativa das variáveis linguísticas

Nesta análise, foram consideradas as variáveis linguísticas *Sintagma preposicionado*, *Primeira ocorrência* e *Singular*, que são aquelas que se acreditou poderem influenciar na escolha do antecedente. Destaque deve ser feito para esta última, a qual tem o objetivo de verificar especificamente se o fato de o falante se referir a um único elemento ou a sua pluralidade pode influenciar nessa escolha.

7.1.2.1 Análise da variável *Sintagma preposicionado*

A tabela a seguir apresenta os dados da variável *Sintagma preposicionado* em relação ao uso do antecedente Numeral/Artigo indefinido. Tais dados visam a investigar se o fato de o SN pertencer a um SP (sintagma preposicionado) poderá interferir na ocorrência ou não do antecedente mencionado.

Tabela 27: Pesos relativos dos fatores da variável *Sintagma preposicionado* com relação ao antecedente Numeral/Artigo indefinido (UM/UMA)

Sintagma preposicionado	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Sim	10/89	11,2	0.14	<0,001
Não	223/280	79,6	0.86	<0,001

No caso da variável *Sintagma preposicionado*, pode-se ver que, o fato de o SN em análise ser precedido de preposição, ou seja, o fato de tratar-se de um SP, desfavorecerá a ocorrência do antecedente Numeral/Artigo indefinido, já que apresenta peso relativo (PR=0.14), enquanto elementos não preposicionados vão favorecer esse antecedente, com peso relativo (PR=0.86). Tal resultado sugere que, de alguma maneira, cuja razão foge aos objetivos deste trabalho, sintagmas preposicionados tendem a rejeitar a presença deste tipo de antecedente.

7.1.2.2 Análise da variável *Primeira ocorrência*

Esta tabela apresenta os dados da variável *Primeira ocorrência*, a fim de verificar se o fato de o elemento descrito ter sido mencionado pela primeira vez ou não poderá influenciar na escolha do antecedente Numeral/Artigo indefinido.

Tabela 28: Pesos relativos dos fatores da variável *Primeira ocorrência* com relação ao antecedente Numeral/Artigo indefinido (UM/UMA)

Primeira ocorrência	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Sim	182/255	71,4	0.64	<0,001
Não	51/144	44,7	0.36	<0,001

Referindo-se à variável *Primeira ocorrência*, nota-se, na tabela anterior, que quando o item lexical ocorre pela primeira vez, ele tenderá a favorecer a utilização

do antecedente Numeral/Artigo indefinido, com peso relativo (PR=0.64), enquanto a partir da segunda ocorrência, desfavorecerá esse antecedente.

Tal resultado pode estar relacionado ao fato de determinantes, em especial artigos definidos, estarem, normalmente, associados a SN anafóricos, ou seja, são utilizados para introduzir SN que representam uma informação dada, ou já conhecida; enquanto artigos indefinidos são utilizados para introduzir um SN que representa uma informação nova, ou seja, aquele que é mencionado pela primeira vez, conforme Correia (2009, p. 107).

De um modo geral, o artigo definido funciona como anafórico, ou seja, faz remissão a informação que o precede no texto (...). Por outro lado, o artigo indefinido funciona como catafórico, isto é, remete a informação que vem depois.

Como se pode ver, a autora corrobora a visão de que o elemento já ter sido mencionado, deixando, portanto, de ser uma informação nova, pode interferir na escolha do antecedente.

7.1.2.3 Análise da variável *Singular*

A tabela a seguir apresenta a variável *Singular*. Esta variável explicativa pretende investigar se os SN que representam *Singular* apresentarão diferenças quanto à escolha do antecedente quando comparados aos SN que representam um *Plural nulo*.

Tabela 29: Pesos relativos dos fatores da variável *Singular* com relação ao antecedente Numeral/Artigo indefinido (UM/UMA)

Singular	N/Total	%	Peso Relativo	Wald
Sim	179/247	72,5	0.66	<0,001
Não	54/122	44,3	0.34	<0,001

Esta tabela nos revela que quando os informantes estavam se referindo a um único elemento, ocorreu o favorecimento do antecedente Numeral/Artigo indefinido, com

peso relativo (PR=0.66). Por outro lado, quando estavam se referindo a mais de um elemento, em outras palavras, quando estavam usando o *Plural nulo*, este antecedente foi desfavorecido, com peso relativo, (PR=0.34).

Tal resultado sugere que esta pode ser a maneira, ou pelo menos uma das maneiras, que os falantes utilizam para diferenciar o singular do plural, quando eles não apresentam distinção morfológica de número. O que se pretende afirmar com isso é que, apesar de tanto o *Plural nulo* e quanto o *Singular* não apresentarem desinência de plural, quando os falantes querem se referir a um único elemento, tenderão a usar o antecedente “UM, UMA” precedendo o núcleo do SN.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo inicial investigar as ocorrências de sintagmas nominais que se referiam a pluralidades sem, contudo, apresentarem marcas de plural, o que se convencionou chamar de *Plural nulo*. Durante as análises, entretanto, percebeu-se a necessidade de se investigar, dado à abundância de casos, as ocorrências que apresentavam marcas de plural apenas no antecedente, o que foi chamado neste trabalho de *Plural não redundante*.

Dentre as conclusões mais relevantes deste trabalho com relação ao *Plural nulo*, estão, em primeiro lugar, o fato de esta estrutura parecer apontar para uma tendência de mudança em progresso e não para uma variação estável, já que apresenta uma progressão entre as faixas etárias, de modo que a faixa etária *Idosos* é a que mais desfavoreceu a forma inovadora e a faixa etária *Jovens* é a que mais a favoreceu.

Em segundo lugar, concluiu-se que tal fenômeno representa um caso de Lexicalização, nos termos de Gruber (1965), Incorporação, nos termos de McCawley (1968), ou *Conflation* nos termos de Talmy (1985), uma vez que seria o resultado da combinação em um mesmo componente lexical de pelo menos duas noções semânticas.

Com relação ao chamado *Plural não redundante*, acredita-se que a principal contribuição deste trabalho foi a de possibilitar a discussão sobre o caráter flexional ou derivacional da desinência de plural na língua portuguesa, uma vez que, embora as categorias de grau e gênero já possuíssem questionamentos a esse respeito, não havia esse tipo de abordagem com relação à categoria de número.

Relativamente a isso, o que se defende neste trabalho é que a desinência de plural “-s” está passando por um processo de degramaticalização, no sentido de se afastar do polo flexional e se aproximar do polo derivacional no *continuum* que representa essas duas categorias, conforme proposto por Bybee (1985). Seguindo o *cline* de

degramaticalização proposto por mim neste trabalho, o qual vem reproduzido a seguir:

(49) afixo flexional > afixo derivacional > clítico > item gramatical > item lexical

Diante do exposto, acredita-se que este trabalho pode abrir possibilidade para novas pesquisas com relação à categoria de número na língua portuguesa. Além disso, levanta questionamentos sobre o *status* da língua portuguesa no espectro das línguas do mundo com relação à realização da categoria de número nos nomes, abrindo caminho para questões como se o português é realmente uma língua de número obrigatório, assim como o inglês, ou se seria melhor comparada a línguas como o turco, as quais não marcam a categoria de número obrigatoriamente.

Dessa forma, terminamos este trabalho com a esperança de que as discussões e conclusões presentes aqui sejam relevantes para pesquisas posteriores e que ele contribua de alguma maneira para o progresso dos estudos linguísticos, em especial para os estudos sobre lexicalização, gramaticalização e degramaticalização.

REFERÊNCIAS

ABAURRE M. B. ; GALVES, C. “Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático - fonológica.” In: CASTILHO, A. e BASÍLIO M. (Orgs). *Gramática do Português Falado*. Vol IV: *Estudos Descritivos*. p. 267-312. Campinas, UNICAMP, 2002.

ABNEY, S. The english noun phrase in its sentential aspect. (Ph.D's Dissertation), Massachusetts, MIT: 1987.

ANDERSON, J. M. The grammar of case: Towards a localistic theory. London: Cambridge University Press. 1971.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933.

BOPP, F. Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache. Frankfurt/Main: Andreäische, 1816.

BRINTON, L. J.; TRAUGOTT, E. C. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CÂMARA JR. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002 [1970].

_____. *Princípios de Linguística Geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CARVALHO, C. História interna da língua portuguesa. *Cadernos da ABF*, v. II, n. 2: III Seminário Superior de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: IBEP, 1988.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge Press, 1980.

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

CORBETT, G. G.. *Number*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. A.; FERRARI-NETO, J. The early processing of number agreement in the DP: evidence from the acquisition of Brazilian Portuguese, *30th BUCLD*. (2005)

CORREIA, V. L.. *Língua portuguesa: da oralidade à escrita*. Curitiba: IESDE, 2009.

CUNHA, A. F. Funcionalismo. In.: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 157-176.

FISCHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. *Word*, 1958. 14:47-56

GALVES, C. e ABAURRE, M. B. M. Os clíticos no Português Brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: A. Castilho & M. Basílio (orgs.) *Gramática do Português Falado, Vol. IV: Estudos Descritivos*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996, pp. 267-312

GIVÓN, T. Historical syntax and synchronic morphology: An archaeologist's field trip. *Chicago Linguistic Society* 7 1971b. p. 394-415.

_____. *On understanding grammar*. New York/San Francisco/London:Academic. 1979a.

GONÇALVES C. A. V. Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português. São Paulo: Contexto, 2011.

GONÇALVES, C. A. V. Atuais Tendências em Formação de Palavras no Português Brasileiro. Signum: Estudos linguísticos, Londrina, 2012, p.169-199.

GRUBER, J. Studies in Lexical Relations. Ph.D. dissertation, MIT; reprinted in Gruber, Lexical Structures in Syntax and Semantics, Amsterdam, North-Holland. 1965

GUY, G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia, University of Pennsylvania. 391p. Ph.D. Dissertation, mimeo, 1981.

HARRIS, A.; CAMPBELL, L. Historical syntax in cross-linguistic perspective. Cambridge: Cambridge University Press. 1995.

HEINE, B. Grammaticalization of cases. In Malchukov and Spencer, 2008. p. 458–79.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. Grammaticalization: A Conceptual Framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, T. (org) *Syntax and Semantics: Discourse and Syntax*, Vol 12. New York: Academic Press, 1979.

_____. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v. 1. p. 17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, Elisabeth. Grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2010. Acesso em 15 de Fevereiro de 2019, disponível em Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>

IVO, Oscarino da Silva. Introdução ao estudo do latim vulgar. Ensaio de Literatura e Filologia: Belo Horizonte, v.1, p. 73-99, 1978.

JACKENDOFF, R. Semantic Structures. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

JEFFERS, R. J. & ZWICKY, A. M. The evolution of clitics. Traugott et al. (eds.) 1980:221-231.

KAHR, J. C. The renewal of case morphology: sources and constraints. *Working Papers on Language Universals* 20, 1976. p. 107-151.

KALIN, L. M. Hixkaryana: the derivation of Object Verb Subject word order. (Master's Thesis), Los Angeles: UCLA, 2011.

KATO, Mary. No mundo da escrita. Uma perspectiva psicolinguística. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987.

KURYŁOWICZ, J. The evolution of grammatical categories. *Esquisses linguistiques* 2: 1975[1965]. p. 38–54.

LABOV, W. The social motivation of a sound change. *Word* 19, 1963. p. 273–309.

_____. The Social Stratification of English in New York. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: Sociolinguistic Working Papers, 1978, p. 43-88.

_____. Building on Empirical Foundations. In: Lehmann, W. & Malkiel, Y. (eds.) *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins 1982, 17-92.

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. 392p. Título Original: *Sociolinguistic Patterns* [1972].

_____. Principles of linguistic change: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LEHMANN, C. Thoughts on grammaticalization. Second, revised edition. Erfurt: Arbeitspapiere des Seminars für Sprachwissenschaft der Universität, (2002 [1982]).

LOBO, T.; LUCCHESI, D.; MOTA, J. A norma culta brasileira e as prescrições gramaticais: a colocação dos pronomes átonos. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador - Bahia, v. 12, p. 147-158, 1991.

LONGOBARDI, G. Reference and proper names: a theory of movement in syntax and LF. *Linguistic Inquiry* 25, 1994. p. 609-665

LUCCHESI, D.; ARAUJO, S. A Teoria da Variação Linguística. Em: <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>. Acesso em: 07 mar. 2019.

MAGALHÃES, T. M. V. A valoração de traços de concordância dentro do DP. *Campinas, D.E.L.T.A.* 20:1, 2004. p. 149-170.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMARES, R. Linguística cognitiva. In.: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. 2.ed., São Paulo: Contexto, 2011.

MCCAWLEY, J. D. Lexical insertion in a grammar without deep structure. In *CLS 4: Papers from the Fourth Meeting of the Chicago Linguistic Society*, 71–80. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1968.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia (Rivista di Scienza)* 12.6: 1912, p. 384–400.

MOLLICA, M. C. M. Estudo da cópia nas construções relativas em português. Dissertação (Mestrado) – Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1977.

MORENO CABRERA, J. C. On the relationships between grammaticalization and lexicalization. In: RAMAT, Anna G; HOPPER, Paul. *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998. p. 211-228.

MÜLLER, A. e OLIVEIRA, F. Bare Nominals and Number in Brazilian and European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 3(1), 2004. p. 9–36.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Origens do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NASCENTES, A. O linguajar carioca. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NORDE, M. Deflexion as a counterdirectional factor in grammatical change. In: *Language Sciences* 23 (2-3), 2001, pp. 231-264.

_____. Degrammaticalization. In.: NARROG, H. and HEINE, B. (Eds.) *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford Press University, 2011.

OLIVEIRA, A. J. *Variação em itens lexicais terminados em // + vogal na região de Itaúna/MG*. 2006. 156f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

_____. Análise quantitativa no estudo da variação linguística: noções de estatística e análise comparativa entre Varbrul e SPSS. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 17, p. 93-119, 2009.

_____. *'Comendo o final das palavras'*: análise variacionista da haplogia, elisão e apócope em Itaúna/MG. 2012. 296f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

_____. Variação Linguística com R, 2017. Tutoriais. Disponível em: <<https://www.valr.com.br/p/tutoriais.html>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2018.

OLSEN, S. AGR(eement) in the german noun phrase. In.: BHAYY, CHR., LÖBEL, E. & SCHIMIDT, C. (eds.) *Syntactic Phrase Structure Phenomena in Noun Phrase and Sentences*. Amsterdam: John Benjamins, 1989. p.39-49.

OMENA, N. P. Pronome pessoal de 3ª pessoa: suas formas variantes em função acusativa. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica. 117 fl. Mimeo, 1978.

ORLANDI, E. P. Conhecimento linguístico, Filologia e Gramática. In: ORLANDI, E. P. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. Cortez: São Paulo, 2002.

OUSHIRO, L. "TRATAMENTO DE DADOS COM O R PARA ANÁLISES SOCIOLINGUÍSTICAS", p.134-177. In Raquel Meister Ko. Freitag (Org.) *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-10cap>

PAIVA, A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M, C. & BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.

PAREDES SILVA, V. L. Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal. Tese (Doutorado). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

PINHEIRO, R. ; TOLEDO, C. Duas margens do rio: indícios de lexicalização em Belo Horizonte e de gramaticalização em Varginha / MG. Belo Horizonte: Revele, nº7, 2014.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). Atlas do desenvolvimento humano no Brasil. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/atlas/>. Acesso em: 03 mar. 2019.

ROCHA LIMA, C. H. Gramática normativa da língua portuguesa. (27ª ed.) Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

ROSS, J. R. The category squish: EndstationHauptwort. In Paul Peranteau Judith N. Levi, and Gloria C. Phares, eds., *Papers from the Eighth Regional Meeting*, Chicago Linguistic Society, 1972, p. 316-328.

SAMUELS, M. L. *Linguistic evolution: With special reference to English*. Cambridge Studies in Linguistics 5. Cambridge: Cambridge University Press. 1971.

SANKOFF, G. The grammaticalization of tense and aspect in Tok Pisin and Sranan. Paper presented at the Symposium on Grammaticalization, University of Oregon, Eugene, 1988.

SCHERRE, M. M. P. Reanálise da concordância nominal em português. Rio de Janeiro,. 555 f. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, UFRJ, 1988.

_____. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa:1994, 12:37-49.

_____. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: G. M. de O. e SILVA & M. M. P. SCHERRE (orgs.) *Padrões Sociolinguísticos - Análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996a, p. 85-117.

_____. Phrase-level parallelism effect on noun phrase number agreement. *Language Variation and Change*, 13, 91–107. Printed in the U.S.A. 2001

_____. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguísticas, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Attidel XXI Congresso Internazionale diLinguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Universitàdi Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.

TALMY, L. Lexicalization patterns: Semantics Structure in Lexical Forms. In.: SHOPEN, T. (Ed). *Language typology and Syntactic Description III: Grammatical Categories and the lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 57-149.

_____. *Toward a Cognitive Semantics*. Massachusetts, MIT Press, 2000.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: Prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon press, 1995.

VIEGAS, M. C.; ALMEIDA, L.; DIAS, M. A variação das vogais em Minas Gerais: o projeto VARFON-MINAS. In: LARA, G.M.P.; COHEN, M.A. (orgs.). *Linguística, tradução e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 72-91.

VITRAL, L. T. ; COELHO, S. M.. O estatuto gramatical dos verbos relacionais. In: VITRAL, Lorenzo Teixeira ; COELHO, Sueli Maria; (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. cap. 3, p. 75-104.

VOTRE, S. J. A relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M, C. & BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.

WEINREICH, LABOV E HERZOG. *Empirical foundations for a theory of language change*. Austin : University of Texas Press, 1968.

WILLIS, D. Syntactic lexicalization as a new type of degrammaticalization', *Linguistics* 45.2: 2007, p. 271–310.

_____. *Degrammaticalization, exaptation and loss of inflection: Evidence from Slavonic*. Department of Linguistics, University of Cambridge, 2008.

ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor (a),

Este Termo de Consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

1) Introdução

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa com o objetivo de verificar a realização da marca de número no português falado em Belo Horizonte. Você foi selecionado porque se encaixa nos critérios exigidos para esta pesquisa: ser pessoa natural de Belo Horizonte, ou ter se mudado para esta cidade antes dos três anos de idade, ter ou estar cursando ensino fundamental ou ter concluído o ensino superior, pertencer à faixa etária de 20 a 35 anos, 40 a 55 anos ou mais de 60 anos. Sua participação não é obrigatória.

2) Procedimentos do Estudo

Para participar deste estudo, solicito a sua especial colaboração em realizar teste gravado que consiste em descrever imagens apresentadas a você pelo pesquisador.

3) Riscos e desconfortos

Consideramos que a metodologia utilizada para coleta pode oferecer risco de desconforto devido ao fato de a entrevista ser gravada, o que poderá ser minimizado com o fato de que a identidade dos informantes será mantida em total sigilo. Pode, ainda, haver a possibilidade de que alguma pergunta do pesquisador gere constrangimento. Neste caso, comunique o fato e sinta-se à vontade para não responder à pergunta. Caso deseje, poderá sair do presente estudo.

4) Benefícios

Consideramos que sua participação nesta pesquisa poderá trazer benefícios para a sua comunidade, uma vez que, com o desenvolvimento da ciência, novos conhecimentos serão agregados à sociedade em particular no âmbito dos estudos linguísticos.

5) Custos/Reembolso

Você não receberá pagamento por sua participação nesta pesquisa e consideramos que você não terá nenhum gasto com ela, mas caso haja algum gasto decorrente da sua participação ele será integralmente ressarcido.

6) Caráter Confidencial dos Registros

A sua identidade será mantida em sigilo. Os resultados do estudo serão sempre apresentados como o retrato de um grupo e não de uma pessoa. Dessa forma, você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa.

As entrevistas serão codificadas de forma a não permitir a exposição do nome do informante, que será mantido em sigilo. As gravações serão usadas para a documentação e constituição de um banco de dados referente ao dialeto mineiro, mas o nome de cada informante será mantido em sigilo. As gravações serão mantidas por até 10 anos, arquivadas na sala do Varfon – Minas, no gabinete da Profa. Dra. Maria do Carmo Viegas, situado na Av. Antônio Carlos, 6627 – Faculdade de Letras, sala 3091, 3º andar, B. Pampulha, Belo Horizonte - MG. Depois desse prazo, as gravações serão apagadas.

7) Participação

Sua participação neste estudo é muito importante e voluntária. Você tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem penalidades ou perda de qualquer benefício ou cuidados a que tenha direito nesta instituição. Em caso de você decidir retirar-se do estudo, favor informar o pesquisador e/ou a pessoa de sua equipe que esteja atendendo-o.

8) Este termo seguirá em 2 (duas) vias, ficando uma com o pesquisador e outra com o participante, as quais devem ser assinadas e rubricadas por ambos.

9) Informações

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, que poderá ser contatado em caso de dúvidas éticas ou outros esclarecimentos pelo telefone 3409-4592, por email coep@prpq.ufmg.br ou no seguinte endereço: Av. Antonio Carlos,6627 – Unidade Administrativa II, sala 2005, 2ºandar. Pampulha. CEP 31270-901 - Belo Horizonte, MG.

Estou ciente de que terei acesso aos resultados obtidos, se for de minha vontade, além de quaisquer esclarecimentos adicionais de que eu necessite.

Os pesquisadores responsáveis poderão fornecer qualquer esclarecimento sobre essa pesquisa, assim como tirar dúvidas, bastando contato no seguinte endereço e/ou telefone:

Nome do pesquisador: Maurício Rubens de Carvalho Guilherme

Endereço: Rua Otávio Carneiro, Nº 279, casa

Bairro: Boa Vista, Belo Horizonte, MG. CEP: 31060-450

Telefone: (31) 99781-2166

Email: mauricio.rubens@gmail.com.br

10) Declaração de Consentimento

Li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas.

Confirmo também que recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante

Data

Nome do pesquisador (em letra de forma) e

Data

Assinatura do pesquisador

ANEXO B – Contextos dos exemplos retirados do teste

Informante: FHRT-M-Fe1-EF

Escolaridade: Ensino Fundamental

Faixa etária: 1 (20 a 35 anos)

Idade: 29

Sexo: Masculino

Duração: 4min33seg

Pesq: O teste é o seguinte, eu vou te mostrar uma sequência de imagens e você descreve pra mim o que cê tá vendo. De maneira bem objetiva.

Imagem 1

Inf: aí é uma mulher ruiva, pensano.

Pesq: ótimo. O que que é vermelho nela?

Inf: a boca, os dedo, as unha, o cabelo.

Pesq: ótimo.

Imagem 2

Inf: isso aí é um...cumé que fala?...esqueci moço.

Pesq: mulher coloca na orelha.

Inf: É um brinco né, mas é um...uma pedra, nó esqueci o nome da pedra.

Pesq: não tem problema.

Inf: (risos)

Imagem 3

Inf: isso é um cara dando metrô, correto?

Pesq: Comé que ele tá?

Inf: com a mão, com a mão cruzada.

Pesq: com a mão cruzada?

Inf: os braço cruzado. (risos)

Imagem 4

Inf: uma cadera, uma cadera vermelha.

Imagem 5

Inf: Esse aí é um tamanco (risos) com, com duas pernas de girafa.

Pesq: comé que chama isso?

Inf: salto alto, cê vê, às vez confunde (risos).

Imagem 6

Inf: isso aí é várias mulher com as perna cruzada.

Imagem 7

Inf: isso é um cara com a mão torta, com os dedo torto.

Imagem 8

Inf: farol do carro azul, xenon.

Imagem 9

Inf: uma criança, os olhos dela, a toca, os olhos cinza, num sei se é azul, mei cinza azulzado.

Imagem 10

Inf: Duas bicicletas.

Imagem 11

Inf: Uma casa de madeira.

Imagem 12

Inf: uma mulher e um homem.

Pesq: comé que eles tão?

Inf: ela tá pensano né...e ele tá sorrino né.

Pesq: mas o que que os dois têm em comum?

Inf: o que que os dois tem...ah os olhos fechado.

Imagem 13

Inf: Os dente...sem dente... os dente podre (inint).

Imagem 14

Inf: Um carro da Volks?

Pesq: uhum. E a cor?

Inf: Cinza. Cinza e vermelho.

Pesq: que que é vermelho?

Inf: o retrovisor, e a faxa.

Imagem 15

Inf: uma mão, de uma sinhora.

Imagem 16

Inf: aí são dois carro né, um vermelho e um cinza.

Imagem 17

Inf: isso aí é uma mão de uma mulher.

Imagem 18

Inf: dois cara, um encostado no oto, um piqueno e um grande, um moreno e um branco.

Pesq: e a pose deles?

Inf: com o braço cruzado.

Imagem 19

Inf: isso aí é uma pessoa com a mão, meiarruptado, os pelo arruptado.

Imagem 20

Inf: salto alto... sandália salto alto.

Imagem 21

Inf: um cara com as perna aberta.

Imagem 22

Inf: aí são duas casas.

Imagem 23

Inf: um dedo.

Imagem 24

Inf: são seis mão, po alto.

Imagem 25

Inf: os dedo quebrado, ó, é unha né, as unha (risos) as unha pintada.

Imagem 26

Inf: isso é um sapato branco.

Imagem 27

Inf: (risos) isso é um pé cabeludo.

Imagem 28

Inf: isso é um milho, espiga de milho.

Imagem 29

Inf: são quato pés.

Pesq: beleza.

Informante: AAA-M-Fe2-EF
Escolaridade: Ensino Fundamental
Faixa etária: 2 (40 a 55 anos)
Idade: 55
Sexo: Masculino
Duração: 11min30seg

Pesq: É o seguinte... Eu vô te mostrar umas imagens e você descreve pra mim o que você tá vendo. Pode começar.

Imagem 1

Inf: Ah isso aí é uma... mulher bonita, com o cabelo vermelho... parece que ela tá pensando na vida. (risos) É isso.

Pesq: Beleza

Imagem 2

Inf: Isso é um par de brinco? Par de brinco... eu numcunheço muito de pedra, mas isso aí parece que é...ah eu nem vô chutápuquê eu não sei. Eu num cunheço de pedra, mas é um par de brinco pra mim.

Imagem 3

Inf: Esse caboco eu numcunheço ele não. Não sei quem é esse cara. É um senhor...

Pesq: Num é conhecido não. Pó descrever, como que ele tá...

Inf: Ah é que (hesit.) sei nem te falar...que ele tá olhando pra...

Pesq: Qual que é a pos...posição dele, que que ele tá usando...

Inf: É... ele tá usando uma pulseira aqui e um óculos, mas a posiç..., o que que ele tá olhando, aí fica difícil. Que eu num...nem imagino.

Pesq: Comé que tá o...a... comé que ele tá sentado? Ele tá sentado? Ele tá em pé?

Inf: Ah é...não, tá sentado...tá dando pa ver que ele tá sentado, sentado... Eu tô achando que ele tá... ou tá esperando alguma coisa...

Pesq: Por que cê acha que ele tá esperando alguma coisa?

Inf: Ué, porque do jeito que tá aqui parece que tá esperando sentado.

Pesq: Comé que tá a po... a posição dele? Que que ele tá fazendo com... ele tá assim com a mão pra frente?

Inf: Não, não... ele cruzou os braço... os braço cruzado.

Imagem 4

Inf: Duas cadeira vermelha.

Imagem 5

Inf: Gente, gente... um sapato com pé de girafa...é ué...

Pesq: É isso mesmo...

Inf: É um sapato cum pé de girafa.

Imagem 6

Inf: Aí, muita perna bunita. Só que umas... umas branca e umas negra. Ou negra ou cum meia. Um dos dois. Né? É... sapato branco todas elas... aqui tem uma diferente, uma mais escura, parece que num é... é meia porque aqui tá mais escuro ou, a pele, só se a pele for muito mais escura.

Pesq: Comé que tá a posição delas?

Inf: Tudo cruzada. Num é isso? Perna cruzada.

Pesq: Beleza.

Imagem 7

Inf: Uai, curuz. Esse aí tá cum...ele tá cum a mão aberta cum anel... cinco dedo só que um torto. Esse parece que foi quebrado. É igual eu que eu tamém tenho um poblema .

Imagem 8

Inf: Esse é um carro da Chevrolet, parece que é o Cobalt. Parece... sem placa, placa preta, não sei pur quê...

Pesq: Que que chama mais atenção nele?

Inf: Ah esses farol dele doido aí...muito bunito mais doido.

Pesq: Que cor que é?

Inf: Ah... neon. Pra mim é neon.

Imagem 9

Inf: Nó... um bebezinho com os olhos azuis e cum um negócio branco no fundo um...aqui...

Pesq: Um reflexo né?

Inf: é um reflexo branco no... no fundo. E uma toquinha.

Pesq: Uhum.

Imagem 10

Inf: Duas bicicleta, uma rosa e uma azul. Deve ser uma masculina e uma feminina. Todas duas estacionada.

Imagem 11

Inf: Isso é uma casa. Deve ser casa de campo, ou europeia. Muito bunita.

Pesq: De que que ela é?

Inf: Parece que é de madeira. Num é isso? Parece de madeira.

Imagem 12

Inf: Aqui tem um senhor e uma senhora todos cum olho fechado. Tudo durmino. Durmino não. Togozano, mas eles tão cum olho fechado. Só com o semblante mais alegre.

Imagem 13

Inf: Ah, aqui tem um menino, com os dente... gente, mas que que isso? Ele tá sorrino, ma... nem sei se ele tá sorrino, tá mostrano o poblemanos dente, ma isso aí num é cárie é dente... com poblema né, manum pode sê cárie não. Desse jeito não.

Pesq: Parece que tá tudo podre né.

Inf: É... mais cariado num pode sê. Que cárie num faz isso não.

Pesq: É.

Inf: A esse ponto num chega não. É, dente estragado, só isso.

Imagem 14

Inf: Isso é um fox, prata, com uns detalhe vermelho aqui que é os... o retrovisor... é.

Pesq: Só? Que que ele tem vermelho?

Inf: Vermelho o retrovisor e uma faxinha aqui. Só. Mair nada não.

Imagem 15

Inf: Isso é uma mão dum senhor. Ele tem... pelo, pelo semblante aqui é idoso. Ela tá cruzada né. É senhor não é sinhora, porque tem esmalte. Esmalte branco. E aqui ela tá mei quebradinha, só essa, as otas não.

Pesq: Isso mesmo.

Imagem 16

Inf: Aí é dois carro. Eu nem cunheçoesses carro que eu num sô muito de prestá atenção, ma parece que é, num sei se é Honda essa marca.

Pesq: Toyota.

Inf: Toyota? É...ele é da Honda?

Pesq: Não, Toyota é tipo uma marca.

Inf: Toyota? Ah, então eu nem cunheço direito. Um é vinho o oto prata. Estacionado mais o menu igual. Gozado, um tem antena e o oto não.

Imagem 17

Inf: Aqui é uma mão aberta. De mulher também. Pelo jeito aqui é de mulher. (inint.) deve tá esperando alguma coisa posar nela aí, só pode. (risos)

Imagem 18

Inf: Aqui é um rapaz claro e um negro, negro. Todos dois sorrino. Todos dois de terno. Um de terno azul e o oto, preto.

Pesq: Como é que eles estão? O corpo deles?

Inf: De lado. De lado. Um encostado no oto, mai de lado.

Pesq: E... eles tão com a mão pra frente?

Inf: Não. Cruzado, todos dois. Braço cruzado.

Imagem 19

Inf: Que que é isso?... Ah, já sei. Isso é um braço, peludo. Tá arrupiado, deve ser de frio. (risos) só pode. Mas é um braço né?

Pesq: Isso mesmo. Comé que chama isso que tá arripido?

Inf: Eu acho que é... ah num sei. Penugem né.

Pesq: Penugem?

Inf: Ou ca... pelo mesmo né. Pelo do corpo. Que é pelo, só que tá arrupiado. Eu acredito que seja isso.

Pesq: Isso mesmo.

Imagem 20

Inf: Aí é um par de sandália, de salto muito alto... xadrezinha de lilás com branco. Lilás com branco é...

Imagem 21

Inf: Nó... um rapaz cum as perna... Que isso, gente? Que formato que é esse que eu num sei? (risos) Tá com uma jaqueta preta né, com a mão no bolso, e com o pé cruzado dum jeito estranho. Em forma de (risos) nem sei. Fez um jeito na perna aí que eu num intendo o que que ele fez. Mas ele tá de jaqueta preta e com o braço dendo bolso.

Imagem 22

Inf: Duas casas... de campo. E também é mema coisa é casa do interior, de madeira.

Pesq: Que que elas têm de diferente?

Inf: A entrada dessa aqui é por aqui. Essa pelas laterais. Aqui e aqui. Deixa eu ver aqui. Porta, janela (inint) É a chaminé tamém uma é de lado e a ota aqui de frente. E aqui tem uma janela, a de lá num dá pra ver se tem no fundo. O resto é igual.

Imagem 23

Inf: Isso é um dedo. Essa mão, esse dedo num sei te falar de é de homem ou de mulher não. Tá apontado num sei pra onde também.

Imagem 24

Inf: Inglês eu num sei o que quer dizer, mas aqui tem várias mãos. Essas aqui são negra. Essas aqui são branca. Mais clara e mais escura. Essa daqui tem um anel. Aí tudo a... aberta.

Imagem 25

Inf: Nó... essa agora que horror hein. Uma mão fech... é, mais ou menos fechada, toda cor... é... aqui tá tudo custurado, né. Machucou e quebrou tudo. Tá tudo quebrada.

Pesq: O que que quebrou?

Inf: As unhas. Todas estão com as unhas quebrada. Parece que tá custurado essa daqui. Ma essas não. Só firida. Ah não essa também tá custurada. Essas tão firida só. Tá tudo quebrada as unhas.

Imagem 26

Inf: Um par de sapato branco. Aqui o solado dele é mais caramelo. E tá com uns, uns rajadinho de branco, neles.

Pesq: Correto.

Imagem 27

Inf: Nu, que que isso, gente? Uns pé de lobisomem ué, só pode. Curuiz, pé feio. Nunca vi um trem desse não ué.

Pesq: Se tivesse alguém que não tá veno essa imagem cumé que cêdiscreveria isso pra pessoa?

Inf: Ah um pé dum... um pé cabiludopareceno de lobo. Lobo ou lobisomem. Lógico que lobisomem num existe. De lobo, né. Que parece um pé de (inint) É de gente, mas muito esquisito. Muito feio. Nunca vi.

Imagem 28

Inf: Aí são várias espiga de milho. Não, várias não, duas. Duas espiga de milho... é. E aqui, não é só que elas tão aberta. É isso mesmo. E uma aqui no cantinho fechada. Ota deitada aqui fechada também.

Imagem 29

Inf: Quato pés. Esses aqui são... Esse aqui tá dando pra vê até o do canto mais ou menos, ma esse aqui não. Tá apareceno um oto aqui também. E aqui, aqui é igual. Um pé de mulher porque tudo tá cum esmalte. Pode ser de mulher né. Aqui parece ser duma pessoa, aqui de uma e aqui tá apareceno só um pedacinho do outro. Parece que tá na praia. É areia no fundo.

Pesq: Beleza. É isso.

Inf: só isso tudo?

Pesq: só isso.

Informante: CGP-F-Fe3-EF
Escolaridade: Ensino Fundamental
Faixa etária: 3 (acima de 60 anos)
Idade: 63
Sexo: Feminino
Duração: 9min6seg

Imagem 1

Inf: Uma moça bunita né...com o cabelo...que cor que é esse cabelo? Ruivo? Não é... mei rosa.

Pesq: Mei rosa, mei ruivo.

Inf: Ela tá no telefone? Não né...

Pesq: Não.

Inf: É muito bunita a moça...com a expressão assim de que tá veno uma coisa legal.

Pesq: Que mais que chamô a atenção da senhora na foto?

Inf: [inint]

Pesq: muito branquinha, né.

Inf: É, branquim... os olhos bunito né castanho claro

Pesq: beleza

Imagem 2

Inf: Isso aí é um par de brinco, essa pedra parece ismeralda né, bunitopadaná... é só isso.

Imagem 3

Inf: É um senhor, de óculus, simpático. Num sei onde que ele tá, parece que tá numa fila né?

Pesq: Como que ele tá?

Inf: de braço cruzado, parece que tá sintinofri, mas tá sem blusa de fri. (risos).

Pesq: Beleza

Imagem 4

Inf: Aí é duas cadera bacana vermelha é só.

Pesq: ãã

Imagem 5

Inf: Aí é um sapato bunito...haha, interessante com um salto pareceno de uma girafa, né, uma perna de girafa...legal.

Imagem 6

Inf: Esse aí são várias perna de moça cruzada, os sapatos todos iguais, branco, as ropa também, vermelha. Pode até ser um concurso né?

Imagem 7

Inf: Esse aí também é um senhor grisalho, já mais de idade, mostrano a mão, com o dedo polegar bem tortinho...

Pesq: só o polegar?

Inf: é, não, o mindinho também, é tortu.

Imagem 8

Inf: Num sei que carro é esse. Um carrão, preto, é mas eu num sei a marca não.

Pesq: ãh e o que que tem...

Inf: tá com o farol ligado né.

Pesq: farol ligado.

Inf: é... dibaixo de uma árvore né, parece.

Pesq: ãha.

Informante: RNS-M-Fe2-EF
Escolaridade: Ensino Fundamental
Faixa etária: 2 (40 a 55 anos)
Idade: 40
Sexo: Masculino
Duração: 16min23seg

Pesq: Vô pedi p'cê... discrevê uma porção de imagens do jeito que cê tá veno aqui, como se cê tivesse discreveno pruma pessoa que num tá veno nenhuma imagem... Imagina que tem uma pessoa que num tá veno aí ocêdiscreve o que que cê tá veno aqui.

Imagem 1

Inf: No caso é uma moça né... que eu tôveno aí.

Pesq: Cumé que ela é?

Inf: Branca, olhos claro, cabelo ruivo... bem aparente né... dentes branquinho... unhas pintada...ah isso aí.

Pesq: Beleza

Imagem 2

Inf: Um par de brinco...parecenu...cum pedras verde né... num sei se é esmeralda.. pode ser... pedra piquena em cima e embaixo. Pedra piquena em cima e grande embaixo né, formato de prata.

Pesq: Ótimo.

Imagem 3

Inf: Um cara mais ou meno duns... mais ou meno duns quarenta anos... quarenta, quarenta e poucos anos, de óculos, parece que tá dendum metrô, braço cruzado com uma braçade... pulseira né, camisa preta, óculos.

Pesq: ótimo.

Imagem 4

Inf: Um par de cadeira vermelha.

Imagem 5

Inf: Nó, interessante isso aí hein, cara. Porra! Sapato de girafa, as pata de girafa, véi. Sapato de mulher.

Pesq: ótimo.

Imagem 6

Inf: Várias mulheres de perna cruzada e uma de meia preta. Cum as perna no chão. Cuns pé no chão. E no fundo ali... se num for ilusão de ótica, parece umas perna cheia de pelo. Aqui ó... no fundo aqui. E essa aqui de sapato, de meia preta com os dois pés no chão.

Pesq: E que que... que que elas têm em comum?

Inf: Sapato, branco.

Pesq: Ótimo.

Imagem 7

Inf: Senhor de cabelo grisalho...uns oi...setenta anos. Mão aberta com o dedo torto. Dedo mindinho com anel e torto também. Todos os dedos tortos praticamente. Só o dedão não. Dedão normal e outros quatro mais tortos. Camisa branca né.

Pesq: Beleza.

Imagem 8

Inf: Isso é um... Vectra (inint) um Cruiser, Chevrolet, xenon azul, teto solar, preto, farol de milhas... é numa rua comum.

Pesq: O que que é esse negócio que tá aceso?

Inf: Xenon... farol de xenon. Ou led né, o efeito é o mesmo praticamente, entendeu?

Pesq: Beleza.

Imagem 9

Inf: Criança branca, tôca, olhos cinza... parece que um olho dele, parece que um lado é... num é tão norm... torto né...assim, fora do (inint) mais puxado pra dentro que o outro.

Branquim, sombrancelha, sombrancelhanum tem ainda. Olho de cá tem mais, mais cílios que o de cá, pelo né. Que dá pra vê é isso aí.

Pesq: Tá bom.

Imagem 10

Inf: (hesit.) Duas bicicleta, uma cinza e uma azul. Cum guidon reto ota cum guidon chifre, aquele de curva, né que a gente chama. Suporte pra ca...pra água, a otanum tem. Que mais ali... é, o que dá pra ver mais é isso mesmo.

Pesq: Ótimo.

Imagem 11

Inf: Casona de madeira. Deve tá num sítio. Com porão embaixo, sótão em cima, seria um quarto talvez. Mais uma casa no fundo. Flores né. Um terraço em cima aí. Uma varanda, né. Pelo que eu tôveno não tem porta. Não estou veno porta nela. Se tem tá muito camuflado, mas pelo que eu tôveno aí num tem. Acho que o detalhe aqui é o mesmo, praticamente. Era pra ter uma porta aí, num sei.

Pesq: Ótimo.

Imagem 12

Inf: É... Uma mulher com um brinco só dum lado. Pelo que eu tôveno aí. Cordão. Olhos fechados sombrancelha fina. Sem batom, boca fina. Quexomei arredondado, camisa branca com... branca no fundo com um cole... um paletó cinza. Camarada aí também, blusa preta, cavanhaque... calvo, praticamente, sombrancelha mais grossa, nariz grosso, branco, de cavanhaque preto.

Pesq: Que que os dois tem em comum?

Inf: Em comum? ...

Pesq: Cumé que eles estão?

Inf: Ah, olhos fechado e rino né. Esse aqui tá mais risonho um pouco.

Pesq: Ótimo.

Imagem 13

Inf: Minino branco, todos os dente estragado, nariz um poco largo. Num sei se é por causa do ângulo ou não, a orelha do lado es... do lado direito dele mais pra fora que a... que a esquerda. O formato do rosto aqui também oh...mais afundado que aqui... quexo reto, quadrado né, boca vermelha. Todos os dente estragado.

Pesq: Ótimo.

Imagem 14

Inf: Fox... num sei se isso é branco ou c... prata. Parece puxando mais prum prata claro. É prata, branco né não. Prata cum vermelho. Farol de milha, detalhe da... das...dos retrovisores vermelho com seta. Antena de teto. Um detalhe vermelho, símbolo volkswagem... é.

Pesq: Que que ele tem de vermelho mesmo?

Inf: Os retrovisores laterais e a moldura da grade diantera.

Pesq: Ótimo.

Imagem 15

Inf: Num sei se é um senhor ou uma senhora. Não, é um senhor, pelo jeito que eu tôveno aí. Blusa branca, mão cruzada, na faixa duns oitenta ano mais ou menos. Uma das mão mais enrugada, unha feita, pelo que eu tôveno aí da mão (inint) Não, tá feita. Tá faltano pedaço aqui, tá. Blusa de manga, manga cumprida. É, dá pra vê isso aí.

Imagem 16

Inf: Levin, esse aí é o Corolla nosso hoje. Qual que é o oto lá? Ah um Toyota. É dois carro Toyota, que hoje aqui no Brasil esse Levin é o Corolla. Lá fora é Levin normal. De cá prata cum insulfilme de farol de led direcional, farol de milha, roda de liga. O oto vermelho cum roda de liga, detalhe cinza na grade, diantera. Faróis apagado, antena de teto e insulfilme também. E roda de liga também.

Pesq: Ótimo.

Imagem 17

Inf: A mão duma mulher... pra cima né, fazendo um, um concha. Uma parte do osso do dedão mais alto. (inint.) E praticamente dois dedo junto e dois aberto.

Pesq: ótimo.

Imagem 18

Inf: Dois camarada tá... praticamente mema idade, terno preto, um de terno preto blusa branca e gravata, preta... o oto todo de azul escuro, azul marinho e azul claro, um careca o otocabiludo. Um branco ooto negro, o nego mais alto que o branco, todos dois de braço cruzado praticamente, tá dendum, dendum s..., duma sala...dum palco um negócio assim... um escritório grande, os dois rino né. É isso aí.

Imagem 19

Inf: Um braço parece que tá em cima duma tualha. No fundo ali parece ser um (inint) parece um rio, um negócio assim... cumas pedra no fundo, cum, uma água correno aqui. Pelo arrepiado. Tá em cima duma tualha, exatamente.

Pesq: Ótimo.

Imagem 20

Inf: Par de calçado feminino xadrez, azul com, azul com branco. Azul claro azul escuro e branco. Chinelo é, sandália cum fivela de amarrar. (inint) na frente, cinta na frente normal.

Pesq: Ótimo.

Imagem 21

Inf: isso aí é um... cara mais ou meno duns, uns trinta ano... sapato preto calça jeans azul escura apertada, blusão que seria de cor, preto, ou lona. Tá com uma blusa com uma muchila atravessada no peito. Com uma fivela, ou tá sentado no metrô, no banco do metrô dendo metrô, ou na estação de metrô, ou de ônibus né. Com as perna e os pé junto. Formano tipo um, comé que eu vou falar que tá formano isso aí? Triângulo, não. Num dá pra sin... num dá pra ver... é o desenho aqui que fica mei fora, num dá pra saber mais ou meno o que que é.

Pesq: Macomé que ele tá?

Inf: sentado, perna aberta né, os dois pé encontrado embaixo, só com as ponta dospé, o fundo, o fundo dos pés não.

Pesq: Beleza.

Imagem 22

Inf: Que que dá pa nós vê aí... Duas casa no campo, aberto... uma parece que é só a frente, da casa, que é a casa marrom...uma escada, uma janela aberta, dando pu fundo do céu, chaminé, otra casa, listrada, porta também...num sei se aqui vai ser, aqui num é escada, é tipo um corredor, uma rampa, chaminé também com sombra, telhado marrom.

Imagem 23

Inf: Um dedo, no meio dele torto, a junta torta, unha cortada, cara branco.

Imagem 24

Inf: No fundo aí deve ser, deve ser propaganda de alguma coisa "IStock", uma pessoa negra, uma branca, mais alta com certeza, ota pessoa branca também, com anel no dedo, dedão... do lado direito aí, blusa cumprida, o otos dois sem blusa, deve ser blusa de malha normal né. Todos eles com praticamente os dedos abertos. Isso, praticamente com os dedos abertos.

Pesq: e comé que eles tão?

Inf: Mão pra cima. Em pé com a mão pra cima, com certeza...em pé com a mão pra cima.

Imagem 25

Inf: É... essa aí é bem, chocante. É...mão de mulher com certeza. As unha mutilada, cortada... quebrada e custurada... pareceno na, na... pontano daqui pra lá no quarto dedo, uma coisa enfiada entre a unha e a pele, uma... uma agulha um negócio assim que deve

ser, que tá vazano embaixo, uma unha faltano pedaço a ota trincada e duas custurada e ota cum espeto enfiado no meio, todas roxas.

Imagem 26

Inf: Sapato branco, com... um salto marrom, cadarço, costurado, sapato masculino praticamente.

Imagem 27

Inf: Pés grandes, dedos cumpridos, deformados praticamente, os dedão... cabiludo, perna fina, bermuda preta. Dedo lado direito, dedão do lado direito aberto, e faltano um pedaço das unha também.

Pesq: Se cê fosse resumir essa imagem cumé que cê falaria? Que que é mais...chama mais atenção?

Inf: O pé grande cum...pé cabiludo né, os pelo no pé.

Imagem 28

Inf: Plantação de milho, espiga de milho... marela né, cum as folhas verdes, alguns sabugos, alguns cabelos dos lado, e azul normal, duas espiga e as folhas verde né, da...da plan, dos pé de milho, uma verde clara, não várias verde clara, quando abre, e as escuras.

Imagem 29

Inf: Pé de mulher... duas sinhora, deve ser... esmal... o lado direito esmalte preto, lado esquerdo cum dedão... um dedo torto, dedão torto, cum esmalte vermelho, isso deve tá na praia ou então um rio, cum as perna esticada, deve tá sentada cum as perna esticada dendágua. Molhadas né, cuns pé molhado.

Pesq: Ótimo.

Informante: GGOA-M-Fe1-ES
Escolaridade: Ensino Superior
Faixa etária: 1 (20 a 35 anos)
Idade: 22
Sexo: Masculino
Duração: 10min51seg

Pesq: vô te mostra uma sequência de imagens, e você discreve pra mim o que que cê tá vendo.

Inf: exatamente o que eu tô vendo?

Pesq: isso.

Imagem 1

Inf: exatamente? (hesit) uma mulher.

Pesq: isso, uma mulher.

Inf: Uma jovem... cab...ruiva, com o cabelo provavelmente pintado... maquiada, com unha feita.

Pesq: e o que que chama mais atenção?

Inf: o cabelo.

Pesq: por quê?

Inf: porque é muito vermelho né. Dixa tudo muito vermelho.

Pesq: beleza.

Imagem 2

Inf: brinco... uma pedra de, preciosa, sei lá se é diamante...é só isso mesmo é brinco, de casamento, mais, mais chique assim, mais social.

Pesq: Ok.

Imagem 3

Inf: Um homem no metrô, meirinomei feliz... no metrozão ali sofreno, voltano do trabalho ou ino pro trabalho.

Pesq: comé que ele tá? Que que ele tá usano?

Inf: uma camisa preta, braço cruzado...como se tivesse isperano sei lá muito tempo.

Imagem 4

Inf: Duas caderas, nova. Cadera de mesa mesmo, vermelha, de pano, confortáveis.

Pesq: beleza.

Imagem 5

Inf: um sapato, de salto, formato de girafa, esquisito... não muito comum.

Imagem 6

Inf: pernas de mulher, provavelmente algum evento algum concurso, tipo esses Miss Brasil aí sei lá, tudo padronizado.

Pesq: o que que, por que que cê tá...o que que elas têm em comum?

Inf: sapato e vestido, todas com a perna cruzada, exatamente iguais.

Imagem 7

Inf: um dedo quebrado, primeira coisa.

Pesq: A foto toda...

Inf: um velho, mostrano a mão, com o dedo todo bugado, torto parece quebrado, machucado, depois de muito tempo trabalhano assim, deve ter sofridoaltas coisas assim, de acidente de trabalho, no campo parece, manual.

Pesq: beleza.

Imagem 8

Inf: um carro com xenon, deve ser rebaxado... preto da Chevrolet.

Pesq: que que chama mais atenção nele?

Inf: o xenon.

Pesq: que que é xenon?

Inf: é esse farol, farol forte, da luz branca né, que esses boizinho usa aí.

Pesq: e o fato de tá de dia faz ficar estranho isso

Inf: hoje em dia não muito né pra gente, mas sim, mais muita gente usa. Então tá comum porque...

Pesq: usa o que?

Inf: o farol ligado de dia todo mundo tá usano hoje porque é obrigado aqui no Brasil pelo menos então...normal.

Pesq: beleza.

Imagem 9

Inf: um bebê, olho azul, mei com cara de assustado.

Pesq: beleza.

Imagem 10

Inf: Duas bicicletas... estranho por que ela tá...elas tão em pé...só que num tem, num dá pra ver nada...apoiano, como se tivesse apoiano ela, o suporte dela, uma azul uma roxa, bicicleta de trilha.

Imagem 11

Inf: Um chalé, num sítio, sei lá. Como se fosse uma casa num sítio, no campo... bem grande, de um rico provavelmente, um dia eu chego lá.

Imagem 12

Inf: um casal de olho fechado, sorrino... o cabelo dos dois tá começa na testa, começa antes da testa então (inint) maior (risos). Um brinco e um colar, o cara tá com camisa preta social, ah não, social não. Camisa preta (inint).

Imagem 13

Inf: um minino, uma criança com os dente tudo podre, sujo, perdeu um dente, aqui perdeu, os pais num cuidaram.

Pesq: beleza.

Imagem 14

Inf: Fox, da Volks, um carro branco esportivo, propaganda, uma foto de propaganda mesmo.

Pesq: E a cor dele?

Inf: o que chama mais atenção é os detalhes verm... na verdade o que chama atenção é os detalhes vermelhos mas o carro branco né.

Pesq: o que que é vermelho nele?

Inf: o retrovisor e a parte de baixo da grade.

Pesq: beleza.

Imagem 15

Inf: a mão de um senhor ou uma senhora velha por causa dess... comé que é? Esqueci o nome disso aí.

Pesq: rugas.

Inf: as rugas, as veias também pulano um poquim. As unhas não muito cuidadas é de mulher provavelmente, mas...

(Interrupção de terceiros)

Pesq: pode continuar.

Imagem 16

Inf: dois carros novos, (inint) Toyota, um vermelho e um prata, tem um xenon também como na imagem anterior.

Pesq: beleza.

Imagem 17

Inf: uma mão de uma mulher jovem com idade pra ser (inint) mas enfim, uma mulher de tipo 25 a 30 e poucos anos mais ou menos, com a unha feita mais ou menos (hesit) não cuidano muito, mas também não deixano de cuidar.

Pesq: beleza.

Imagem 18

Inf: Dois caras, um negro e um branco, de terno, sorrino... como se fosse empresário, de empresa, importante na empresa, ou fazeno propaganda pra alguma empresa ou pra algum trabalho.

Pesq: e a posição deles?

Inf: de... é pela cara né de...

Pesq: comé que eles estão, a postura deles? Comé que eles... que que eles tão fazendo com o corpo?

Inf: com o braço cruzado, olhano pra frente, parece que eles combinaru de tirar a foto assim.

Pesq: é isso mesmo.

Imagem 19

Inf: arre piado...

Pesq: que?

Inf: arrepios (risos) aqui ó, gastura.

Pesq: discreva a foto.

Inf: ah tá, arrepio, um braço com pelos arrepiados ou de frio ou gastura (inint) ali em baixo parece que tem um tualha, provavelmente deve ser frio, acabou de sair da água.

Inf: isso ótimo.

Imagem 20

Inf: um sapato, xadrez, esquisito, com salto alto quadrado... da marca uno, via uno.

Pesq: ok. Só isso.

Imagem 21

Inf: um cara, sentado no metrô com a perna... desse jeito aí.

Pesq: como?

Inf: a perna assim, fazeno...num sentado normal.

Pesq: aberta.

Inf: a perna aberta...com a mão no bolso numa jaqueta, preta, de bota.

Pesq: ótimo.

Imagem 22

Inf: É, duas casas, uma azul e uma roxa...parece de campo, na frente um... quintal, aberta né. é... um lugar aberto... um caminho de pedra pra chegar até em casa, sei lá.

Imagem 23

Inf: um dedo, indicador.

Imagem 24

Inf: mãos e... uma marca no fundo (inint) mão de três pessoas, um negro, dois mais branquinhos assim, uma mulher e dois caras parece, aqui de mulher com anel, uma camisa de mulher, um dos caras deve tá usando camisa também mas num dá pra ver nada, só as mãos mesmo. Seis mãos.

Imagem 25

Inf: Credo, véi. Nossa, gastura. Uma mão de mulher toda machucada e ferrada com prego, com sangue, sem sentido.

Pesq: o que que tá quebrado?

Inf: a unha, a un... as unhas né. as unhas tá tudo machucado, parece que foi agredida, tá pintada mas tá roxa também de machucado de sangue, credo.

Imagem 26

Inf: um sapato. Dois...um par de sapatos brancos... de médico provavelmente.

Imagem 27

Inf: um pé peludo de um cara.

Imagem 28

Inf: milho, grande. Dois milhos, dois milhões.

Imagem 29

Inf: quatro pés, de duas mulheres, pintado um vermelho um preto na areia da praia, na água.

Pesq: beleza.

Informante: MAGP-M-Fe1-EF
Escolaridade: Ensino Fundamental
Faixa etária: 1 (20 a 35 anos)
Idade: 32
Sexo: Masculino
Duração: 7min45seg

Pesq: Bom intão eu vou te mostrar uma sequência de imagens e você discreve pra mim o que você tá veno.

Imagem 1

Inf: Uma mulher ruiva. Sombrancelha dela é preta... ela não é, ela não é ruiva, né... ela tingiu o cabelo...

Pesq: Que que chama mais atenção nela?

Inf: Uai, a boca dela né.

Pesq: Beleza.

Imagem 2

Inf: É pra mim falar... é pra mim discrever o que eu tôveno?

Pesq: Isso

Inf: É um par de brinco? Par de brinco...

Pesq: Verde.

Inf: verde né... cum detalhezinho cum desenhozinho né.

Pesq: beleza

Imagem 3

Inf: Um homem sentado no metrô...dedum...dum trem né. Cum braço cruzado, blusa preta, tem um mapa atrás dele, né, da linha, né do trem, tá de óculos.

Pesq: Beleza.

Imagem 4

Inf: Duas cadeira vermelha.

Imagem 5

Inf: Um salto que tá imitano uma girafa, num é?

Pesq: Isso mesmo...mas isso aqui é só um salto? Isso que cê tá veno é um salto?

Inf: Não eu tôveno um sapato, né... né um salto não, é um, é um sapato de salto que tá imitano uma girafa.

Pesq: Beleza, porque o salto é só isso né...

Inf: É...

Imagem 6

Inf: Agora tem um... umas dez doze mulheres, perna cruzada, com um sapato de salto também.

Pesq: Beleza.

Imagem 7

Inf: Um senhor de idade, cum a... mostrano a palma da mão, cum os dedo irregular né...uma certa deficiência nos dedo. Fundo azul né...provavelmente é o céu.

Imagem 8

Inf: Se num me ingano esse é um Cruze, um Chevrolet, tá com os faróis acesos, né um farol azul, o carro é preto...

Imagem 9

Inf: É um... os olhos de um neném, que tá cuma toquinha... de nuvens, estrela e meia lua. Os olhos azuis.

Imagem 10

Inf: Duas bicicleta, uma azul uma...acho que é rosa né... Bicicleta de marcha...

Imagem 11

Inf: Uma casa pareceno uma casa de campo né, uma casa bem bunita de madeira, as parede é de madeira parece que ela tá num... num sítio né.

Imagem 12

Inf: Um casal, de olho fechado e sorrino.

Imagem 13

Inf: Uma criança com os dente podre.

Imagem 14

Inf: Um fox novo.

Pesq: Que que... que detalhes que ele tem?

Inf: Ele tem o seu...o detalhe dele tá é nos... retrovisores né, vermelho... ele tem um... um otro detalhe no para-choque vermelho também...

Imagem 15

Inf: É a mão de um idoso.

Imagem 16

Inf: Isso aí é... dois carro Toyota. Um prata um vermelho.

Imagem 17

Inf: Isso é a mão de uma mulher.

Imagem 18

Inf: Isso é dois homens de terno, cum braço cruzado sorrino, um negro e um branco, o negro é mais alto que o branco.

Imagem 19

Inf: Isso é um braço de uma pessoa que tá sintino frio que arrepiô...né...

Pesq: Que que arrepiô?

Inf: a pele.

Pesq: E isso aqui comé que chama?

Inf: os pelo, os pelo ficaru arrepiado.

Imagem 20

Inf: Um sapato de salto, da marca via uno, xadrez, azul né, e branco.

Pesq: ok.

Imagem 21

Inf: Provavelmente é um homem sentado no metrô, de perna aberta ocupando dois ou três espaço. Jaqueta preta.

Imagem 22

Inf: É duas casas né, num... num lugar assim sem, sem vizinhança, sem, sem, parece que lá num tem civil...é...comé que eu posso dizer...movimento urbano né... e parece que essa aqui não é real.

Imagem 23

Inf: É um dedo, se não me engano é um dedo indicador, né.

Imagem 24

Inf: Três pessoas, mostram, apareceno só a mão. Aparentemente a do meio é um homem e duas mulher do lado.

Imagem 25

Inf: Aí tá pareceno uma pessoa que foi torturada, né...provavelmente quebrou a mão dela, bareru nela... uma mulher.

Pesq: Mas o que que aconteceu com a...

Inf: Parece que eles custuraram a unha dela...eles furaram, foi furada a unha.

Pesq: O que que é, o que que é isso aqui que tá machucada?

Inf: a unha dela? A ponta do dedo?

Pesq: Isso, isso mesmo.

Imagem 26

Inf: Um Sapato social branco.

Pesq: Beleza.

Imagem 27

Inf: Um pé duma...duma pessoa, pareceno ser (inint) das caverna. (risos)

Imagem 28

Inf: É uma plantação de milho. Num é isso?

Pesq: É...mas é só a plantação?

Inf: Não... é uma plantação de milho num...e o fundo azul do céu.

Pesq: Entendi.Mas é (não)... o que que cê tá veno aqui? Cê tá veno a plantação?

Inf: Não. Eu toveno o milho. É o milho. Um milho descascado.

Pesq: Uhum. Beleza.

Imagem 29

Inf: Duas pessoa, tiraru a foto só do pé, provavelmente no mar, na praia né, duas mulheres.

Pesq: Beleza.

Informante: CESR-F-Fe1-EF
Escolaridade: Ensino Fundamental
Faixa etária: 1 (20 a 35 anos)
Idade: 31
Sexo: Feminino
Duração: 6min10seg

Pesq: o teste é simples. Cê vai ver as imagens e dizer pra mim de maneira bem objetiva o que que cê tá veno.

Inf: primeira impressão, pum.

Pesq: isso.

Inf: O que cê pensa né.

Pesq: exatamente.

Inf: nó linda.

Pesq: num é o que ela representa não. O que cê tá vendo mesmo.

Imagem 1

Inf: ah, veno uma mulher muito, bunita elegante né.

Pesq: cumé que ela é?

Inf: como que ela é?...como que ela é?...

Pesq: a cor...é...as cores...que que ela tem de vermelho por exemplo?

Inf: ah, o cabelo, o batom, as unha.

Pesq: ótimo.

Inf: branquinha né, bunitinha.

Imagem 2

Inf: brinco, num acho bunito não.

Pesq: não?

Inf: não. Assim é bunito né ma eu num usaria.

Pesq: ótimo.

Imagem 3

Inf: ah, uma pessoa sentada no metrô, uma pessoa normal, não?

Pesq: Comé que ele tá?

Inf: com uma expressão feliz né...a, é, contente...

Pesq: mas e a pose?

Inf: de braços cruzados.

Imagem 4

Inf: duas cadera, vermelha.

Imagem 5

Inf: um sapato muito esquisito (risos) (inint) é girafa né.

Pesq: isso.

Inf: um formato de girafa.

Imagem 6

Inf: várias mulheres, de perna cruzada, sapato branco.

Imagem 7

Inf: um senhor mais de idade...parece tá, ou para ou num sei o que...com os dedos mei, parece, ele é calejado que fala não é...nemalejado não é...mei, poblema né assim, mei torto assim.

Imagem 8

Inf: um carrão preto, bunito, caro né.

Pesq: que que chama atenção nele?

Inf: os faróis?

Imagem 9

Inf: ai que lindo...um bebezinho, um bebê, parece que tá de toquinha, os olhos claros, bunito.

Imagem 10

Inf: duas bicicleta.

Imagem 11

Inf: Uma casa muito bunita.

Imagem 12

Inf: uma mulher e um homem de olhos fechados parece que tá...a mulher tá mais feliz mais serena e ele tá...um sorriso mais...assim (risos).

Imagem 13

Inf: uma criança, parece que é um minino, com os dente bem, né, estragado, tadinho.

Pesq: sim.

Imagem 14

Inf: Um carro, bunito, fortpep...é pepper? Como que é?

Pesq: Pepper.

Inf: Pepper.

Pesq: Que cor que ele é?

Inf: ele, ou ele é um cinza ou um branco né, parece mais um branco, com os detalhe vermelho.

Pesq: que que é vermelho nele?

Inf: é o...essa listinha na frente e comé que chama esses trem do lado?

Pesq: Cê que tem que falar...

Inf: (risos) é...ai meu Deus do céu, entendo nada de carro é...retrovisor, fugiu da minha cabeça, retrovisor com detalhe preto e vermelho.

Pesq: ótimo.

Imagem 15

Inf: parece que é uma senhora né, com as mãos uma em cima da outra.

Imagem 16

Inf: dois carros.

Imagem 17

Inf: uma mão de uma mulher.

Imagem 18

Inf: dois homens, bem elegante né...um, um, um branco e um negro, bonito.

Pesq: e a pose deles?

Inf: as pose... de braços cruzados tipo, pousando né, fazendo uma pose...

Imagem 19

Inf: uma pessoa arrupitada.

Pesq: comé que chama isso que tá arrupitado?

Inf: os cabelos arrupitados no braço.

Imagem 20

Inf: uma sandália bonita, xadrez.

Imagem 21

Inf: um rapaz sentado no metrô, com jaqueta preta, bem despachado né, com as perna bem arreganhada né, todo à vontade né (risos)

Imagem 22

Inf: duas casas, parece que é no campo né.

Imagem 23

Inf: um dedo.

Imagem 24

Inf: três mãos.

Imagem 25

Inf: ai...ai, uma mão toda machucada, parece cena de filme né, sei lá, esquisito.

Pesq: como que se chama isso que tá custurado?

Inf: as unhas, os dedos.

Imagem 26

Inf: sapato branco.

Imagem 27

Inf: nossa um pé muito esquisito, chei de cabelo.

Imagem 28

Inf: milho, no pé né, plantação de milho.

Imagem 29

Inf: duas pessoa, os pés, de duas pessoas.

Pesq: beleza.

ANEXO C – Imagens descritas no teste em ordem de ocorrência

Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4



Imagem 5



Imagem 6



Imagem 7

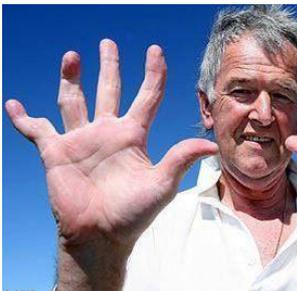


Imagem 8



Imagem 9



Imagem 10



Imagem 11



Imagem 12



Imagem 13



Imagem 14



Imagem 15



Imagem 16



Imagem 17



Imagem 18



Imagem 19



Imagem 20



Imagem 21



Imagem 22



Imagem 23



Imagem 24



Imagem 25



Imagem 26



Imagem 27



Imagem 28



Imagem 29

